



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

VICTOR THIAGO CARNEIRO LIMA

Cangaço, crime honra e pistolagem no sertão alagoano  
(segunda metade do século XX aos dias atuais)

MACEIÓ – AL

2019

VICTOR THIAGO CARNEIRO LIMA

Cangaço, crime honra e pistolagem no sertão alagoano  
(segunda metade do século XX aos dias atuais)

Dissertação apresentada ao Instituto de  
Pós-Graduação em História da Universidade  
Federal de Alagoas, como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Michelle Reis  
de Macedo

MACEIÓ – AL

2019

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho

L732c Lima, Victor Thiago Carneiro.  
Cangaço, crime de honra e pistolagem no sertão alagoano : segunda metade do século XX aos dias atuais / Victor Thiago Carneiro Lima. – 2019.  
136 f. : il. color.

Orientadora: Michelle Reis de Macedo.  
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Maceió, 2019.

Bibliografia: f. 119-124.  
Anexos: f. 125-136.

1. Violência. 2. Cangaço. 3. Sertão - Alagoas. 4. Honra. I. Título.

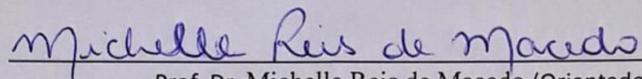
CDU: 94(813.5)''19''

Folha de Aprovação

VICTOR THIAGO CARNEIRO LIMA

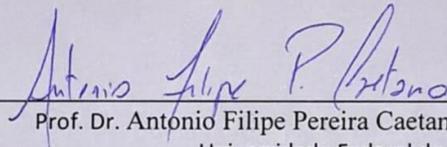
**Banditismo: Cangaceiro, crime de honra e pistolagem no sertão alagoano (segunda metade do século XX aos dias atuais)**

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 16 de abril de 2019.

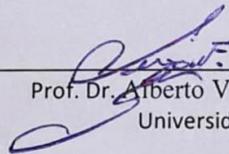


Prof. Dr. Michelle Reis de Macedo (Orientadora)  
Universidade Federal de Alagoas

**Banca Examinadora:**



Prof. Dr. Antonio Filipe Pereira Caetano (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Alagoas



Prof. Dr. Alberto Vivar Flores (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Alagoas

*In memoriam de Genivaldo Carneiro*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todos que fizeram parte desse meu processo criativo, quase obsessivo e que não se chatearam com a minha fixa ideia de sertão alagoano e bandidos, temas não tão agradáveis para se passar uma tarde amena.

Também sou muitíssimo grato aqueles que me ajudaram em pesquisas de fontes e me auxiliaram quando a hora da escrita chegou, a Tacyanne Dantas, ao Allan Kidmann e muitíssimo a Michelle Gleyce que além de me ter sido essencial lendo para mim as minúsculas palavras dos antigos jornais, ainda gozava de uma grande admiração pelo meu tema de pesquisa, me fazendo, através do seu entusiasmo, não esquecer do meu.

Também agradeço a qualidade profissional da minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Michele Reis de Macedo e do meu professor, amigo e figura mais próxima a um pai que encontrei nas terras dos Caetés, professor Dr. Alberto Vivar Flores.

Por fim agradeço aos meus familiares, que tantos sacrifícios fizeram para que eu continuasse estudando mesmo estando na idade não da razão, mas do pão. Especialmente à minha mãe, que por vezes se irritava com minhas perguntas diárias sobre o sertão, mas que mesmo cansada de tanto trabalho, me respondia sabendo o quanto aquilo me era importante.

No mais agradeço a todos aqueles que ainda não agradei por não me lembrar, mas se tal se lembrar, sintá-se também agradecido.

“Compadre, quiero cambiar  
mi caballo por su casa,  
mi montura por su espejo,  
mi cuchillo por su manta.  
Compadre, vengo sangrando,  
desde los montes de Cabra.  
Si yo pudiera, mocito,  
ese trato se cerraba.  
Pero yo ya no soy yo,  
ni mi casa es ya mi casa.  
Compadre, quiero morir  
decentemente en mi cama.  
De acero, si puede ser,  
con las sábanas de holanda.  
¿No ves la herida que tengo  
desde el pecho a la garganta?  
Trescientas rosas morenas  
lleva tu pechera blanca.  
Tu sangre rezuma y huele  
alrededor de tu faja.  
Pero yo ya no soy yo,  
ni mi casa es ya mi casa..”

LORCA, Federico García.

## RESUMO

Este trabalho pretende pensar historicamente o fenômeno da violência endêmica no sertão alagoano a partir da década de 1950 aos dias atuais, focando nas categorias de beligerância nos chamados crimes de honra, vingança privada e pistolagem. E estando este trabalho assentado na História Social, explorar quais as estruturas em suas variadas lentes de enfoque que permitiram a vigência desses costumes que nos propomos chamar de direito consuetudinário numa linguagem mais ao Direito, ou costume comunitário, direito com base nos costumes; mesmo tendo em vista que nesta mesma época a que nos propomos estudar, emissários de uma lei constitucional e positiva, de Estado como Federação única, já havia se espalhado por praticamente todos os rincões brasileiros mais ou menos eficientemente, todavia no meu recorte espacial de estudo decerto já com a devida eficiência no sentido da presença. O não cumprimento dela é a grande problemática desta pesquisa e a resistência de um costume punitivo por vezes violento. E para conseguir o anseio do projeto, responde-la, nos é necessário um estudo histórico assentado na observância das estruturas sociais e da antropologia estrutural e munida doutras ferramentas de análise mais específicas como as de cultura política que intimamente dialoga no nosso trabalho com a história do poder. No mais, este trabalho visa não só mostrar a cultura da violência no sertão alagoano, no concernente as categorias acima citadas, mas também tentar coloca-las em um panorama histórico brasileiro mais abrangente, no intuito de a aclarar e conseqüentemente solucionar.

**PALAVRAS CHAVES: Violência – Banditismo – Sertão – Alagoas – Honra**

## ABSTRACT

This work intends to think historically the phenomenon of endemic violence in the alagoano backlands since of the decade of 1950 of century XX to the present days, focusing on the categories of belligerence in the so-called crimes of honor, private revenge and hitman work. And this work being based on Social History, explore which structures in their various lenses of approach that allowed the validity of these customs that we propose to call customary law in a language more to the Law, or community custom, law based on customs, even having in view of the fact that at the same time that we intend to study, emissaries of a constitutional and positive law, the State as a single federation had already spread to practically all Brazilian corners more or less efficiently, however in my spatial cut of study certainly with efficiency in the sense of presence. Failure to comply with it is the major problem of this research and the customs of punishment that sometimes happens violently. And in order to achieve the project's goal, we need a historical study based on the observance of social structures and structural anthropology and provided with more specific analysis tools such as political culture that in our work have a huge dialog with history of power. In addition, this work aims not only to show the culture of violence in the backlands of Alagoas, in relation to the categories mentioned above, but to try to place them in a more comprehensive Brazilian historical panorama, putting the light on the issue and consequently to find a resolution.

**KEY WORDS: Violence - Banditry - backlands - Alagoas – Honor**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1. Discussão conceitual sobre a violência e a honra no sertão.....	34
2. Sertão do Ipanema: <i>Floro Gomes Novaes, o último cangaço</i> .....	50
3. Sertão do São Francisco, Elísio Maia: <i>O Código de Honra Sertanejo em presença e a serviço do Estado</i> .....	75
4. Sertão meridional, família Boiadeiro: <i>A política, a honra e a pistolagem</i> .....	86
5. Conclusão.....	110
6. Referências Bibliográficas, Jornais e Sites.....	113
7. Anexos.....	118

## INTRODUÇÃO

### I

É mister que uma introdução de dissertação inicie tão logo por uma apresentação do projeto de pesquisa e concomitantemente melhoramentos e alterações que o autor se motivou a fazer no trabalho final a partir do plano submetido. Seguidamente tendo-se feitas as devidas justificativas, passa-se à introdução *stricto sensu* de um trabalho já replanejado e em andamento.

Didaticamente, empecaremos pelas ânsias de expediente que continuam viáveis a partir do programa original: procurar explicações históricas e estruturais para categorias específicas de violência no sertão alagoano a partir da segunda metade do século XX até os dias atuais, como a categoria de crimes de honra, isto é, aqueles não constados no Código Penal Federativo (decreto lei 2 848, de 7 de Dezembro de 1940) porém tipificados como crime pela comunidade aqui tratada. Essas tais tipificações putativas sertanejas são execráveis aos olhos comunitários e devem ser combatidos com força máxima. Outras duas preocupações referem-se à vingança privada, inserida na categoria de crime de honra em sua própria tipificação -diferente dos crimes de honra do Código Penal Brasileiro que são previstos, porém passam pelo crivo de magistrados antes da execução penal, como no caso da calúnia e difamação previstos nos artigo 138 do CP-, mas em sua especificidade sustentando uma independência de retaliação apenas da parte que se sentiu ofendida, e a pistolagem, tipificação complexa no terreno do código moral do sertão alagoano, como regulares mudanças de aceitação/rejeição dentro da moralidade vigente no grupo/espaco sertanejo. Esta última pode acontecer a partir de um ofício assalariado, uma atividade de segurança aos que possam pagar por ela ou mesmo como continuação de outras tipificações anteriores dentro do crime de honra, como a vingança privada ou lutas de família, deixando claro que essas duas últimas categorias não necessariamente levam a pistolagem. Ambas costumam ter suporte da opinião popular da comunidade a que pertencem os entes envolvidos nas pelepas, com exceção talvez, numa época anterior (até meados da década de 1980), dos pistoleiros com tabela de preços. E por último, sustentando a importância de sua atualidade e complexidade caleidoscópica numa problemática de convergências e divergências entre

práticas, opinião popular, opinião própria dos que cometem os crimes de honra, envoltos numa égide heroica (ou *escudo ético*, nas palavras Frederico Pernambucano de Mello e de Hobsbawm, com seu *Bandido Social*)<sup>1</sup> e mescla entre uma cultura secular e uma civilizatória<sup>2</sup>. Os pistoleiros de aluguel, ou a pistolagem, consistem em personagens antigos nas plagas sertanejas mas que nas décadas as quais se propõem nosso trabalho foram adquirindo um tom diferenciado, com aspectos semelhantes aos matadores do começo do século passado, protegidos no cenário sertanejo por um caractere típico, a *bravura*, isto é, alguns traços permanecem, outros não. A *Bravura*, uma das características do *Código de Honra Sertanejo* (*Código* esse airado e um pouco confuso em sua compleição e abrangência, mas que numa explicação breve definiria uma gama de comportamento compartilhado)<sup>3</sup>, continua. Sobre esse *código de honra*, mais a frente iremos aborda-lo no entendimento pretendido pela antropóloga especialista em sertão nordestino, Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, cuja abordagem pode ser considerada uma das mais contemporâneas e alinhadas com estudos recentes nos campos históricos, antropológicos e sociológicos.

No entanto, a independência quase romântica desses matadores a que nos acostumou a literatura regionalista e até mesmo a história, como versa a saga do

---

<sup>1</sup>No que se refere à opinião pública naquela comunidade as quais os crimes de honra são aceitos, eis as explicações destes dois autores para a motivação do corpo social a que pertence o bandido, aceite ou ao menos não façam mal gosto de tais atitudes: “Construído sob imperativo da consciência moral, o escudo ético destinava-se a preservar ambas as imagens, estabelecendo uma causalidade ética que, sendo embora simples produto de elaboração mental, lograva o efeito por assim dizer mágico de convencer a seu próprio construtor, aplacando-lhe os reproches da consciência, além de lhe fornecer excelente justificativa no plano social. [...] Tais causa podem ter tido existência real durante algum tempo, como podem não ter existido nunca, referindo-se a primeira hipótese aos casos de transtipicida em que o cangaceiro vingador passa a fazer do cangaço simples meio de vida, e a segunda, ao tipo puro do banditismo profissional, a que os ideais de vingança tenham sido sempre estranhos.” MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. 5. ed. São Paulo: A Girafa, 2011. p. 133 Já Hobsbawm, apesar de versar numa tipificação de banditismo diversa do primeiro autor (*Bandido-social* ou *Ladrão Nobre*), tem argumento semelhante: “O principal com relação aos bandidos sociais é que são proscritos que o senhor e o Estado encaram como criminosos, mas que continuam a fazer parte da sociedade camponesa, que os considera heróis, campeões, vingador, pessoas que lutam por justiça, talvez até mesmo vistos como líderes da libertação e, sempre, como homens a serem admirados, ajudados e sustentados”. HOBBSAWM, Eric. **Bandidos**. São Paulo: Paz e Terra, 2015. p. 36

<sup>2</sup> Civilizatória aqui trato como uma cultura baseada na cultura do estado de direito abrangente em forma de costumes coadunados por todo um Estado-nação.

<sup>3</sup> Apesar de Thompson na citação a seguir tratar da Inglaterra no século XVIII, a definição de comportamento compartilhado por ele descrito, ressaltando todos os elementos sociais divergentes, orna bem com o que se pode dizer do sertão alagoano: “Se, de um lado, o ‘costume’ incorporava muitos dos sentidos que atribuímos hoje à ‘cultura’, de outro, apresentava muitas afinidades com o direito consuetudinário. Esse derivava dos costumes, dos usos habituais do país: usos que podiam ser reduzidos a regras e precedentes, que em certas circunstâncias eram codificados e podiam ter força de lei.” THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 15

matador Cabeleira<sup>4</sup>, dentre várias outras sagas heroicas das gestas populares da época do cangaço, foi substituída por uma tabela de preços condicionada à importância do *defunto*. Sobre essa tabela de preços a qual nos referimos, que profissionaliza de forma mais sistemática a pistolagem, uma reportagem do jornal *Folha de São Paulo* de 1999<sup>5</sup> exemplifica apresentando o caso de um pistoleiro famoso em terras alagoanas.

Os policiais que tentam desvendar crimes de pistoleiros contam que, em geral, esses criminosos começam a matar por vingança. “-Querem resolver algum problema pessoal e, daí, passam a agir profissionalmente. São ‘assalariados’, no termo usado por polícia e bandido.”

Esta afirmação é do superintendente Bergson Toledo, importante para a nossa pesquisa no sentido em que sugere uma migração na tipologia criminal dentro da cultura de violência sertaneja, neste caso, passando da vingança à pistolagem. Algo aparentemente contraditório em um pensamento baseado na honra, como se configura a do sertanejo a que trato. Sendo assim, é fundamental para esta pesquisa entender como acontece a aceitação, ou se ocorre, dessa migração de tipologias criminais do indivíduo/bandido local sob o olhar da comunidade. Logo a seguir, a reportagem segue com uma tabela feita pela Polícia Federal-AL através de depoimentos:

Vereador do interior - entre R\$ 3 mil e R\$ 5 mil; Prefeito do interior - entre R\$ 10 mil e R\$ 15 mil; Político ou empresário da capital - entre R\$ 20 mil e R\$ 25 mil; Deputado estadual - cerca de R\$ 50 mil, se for morto no interior. Se for na capital, pode chegar a R\$ 100 mil; Deputado federal - No mínimo R\$ 100 mil.

Ao entrevistar um dos acusadores de Talvane Albuquerque, suplente e condenado como mandante da morte da ex-prefeita de Arapiraca, cidade do agreste alagoano, são citados os preços dos crimes. O pistoleiro que cometeu o assassinato foi Chapéu de Couro, alcunha do sertanejo de Olivença – AL, Maurício Gomes Novaes. Eis outra declaração do superintendente da Polícia Federal à época do ocorrido, Bergson Toledo, sobre a tal tabela

Pelo que vemos, os pistoleiros têm suas áreas de atuação. Tanto que não há muitas mortes entre eles, como queima de arquivo. Eles fazem uma tabela de preços. Dependendo do tipo de contrato, o mandante monta toda a estratégia,

---

<sup>4</sup> O Cabeleira é um romance do escritor cearense Franklin Távola (1842 – 1888) lançado em 1876, quando o autor morava e estudava Direito na cidade do Recife. É um romance que inaugura as sagas do cangaço na literatura, e há muitas evidências de que o romance foi baseado em um personagem real que já fazia parte do folclore pernambucano.

<sup>5</sup> EDITORIAL: “Chapéu de Couro é o pistoleiro mais conhecido de Alagoas”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 de janeiro de 1999. p.4

inclusive para fuga. Outras vezes, o próprio grupo cuida de tudo. Diz o superintendente.<sup>6</sup>

Sobre as imputações de uma das testemunhas de acusação de Talvane Albuquerque, também partícipe do mundo do crime e que por segurança preferiu manter sua identidade velada, afirma o jornal com base nas investigações do superintendente da Polícia Federal - AL

No caso de deputados federais, os pistoleiros cobram mais de R\$ 100 mil para assassiná-los. Chapéu de Couro, um dos acusadores do suplente de deputado Talvane Albuquerque no caso Ceci Cunha, garantiu à polícia que recebeu a proposta de matar o deputado federal Augusto Farias por R\$ 200 mil. Para juízes, o preço tem muitas outras variáveis. Se várias pessoas estiverem interessadas na morte, por exemplo, podem se cotizar e o preço da morte aumenta. Mas é para matar políticos, que os pistoleiros cobram mais caro.<sup>7</sup>

O poder político utilizava-se destes profissionais do crime para, além de eliminarem desafetos, também criar um mecanismo de perpetuação no poder. O mais famoso caso recente, na década de 1990, de pistolagem em Alagoas, no que se refere à cobertura midiática, foi o mesmo citado acima: o assassinato da ex-prefeita de Arapiraca, Josefa Santos cunha (mais conhecida como Ceci Cunha), no agreste alagoano. Foi um crime encomendado pelo segundo colocado, Talvane de Albuquerque, nas eleições municipais a um matador do sertão de Alagoas, Maurício Gomes Novaes, conhecido como Chapéu de Couro<sup>8</sup>. Ele era irmão de outra figura do mundo do banditismo alagoano, nesse caso tipificado na maioria das mídias impressas as quais tivemos acesso (outras o tratam como pistoleiro, bandido, criminoso ou justiceiro) como vingador, Floro Gomes Novaes, que depois de terminada sua peleja de sangue, configurada como crime de honra para “limpar” o nome da família, teria se tornado pistoleiro, não com tabela de preço, mas sim para prestar favores aos amigos poderosos que o protegiam durante sua vingança, segundo uma das nossas fontes.<sup>9</sup> Essa

---

<sup>6</sup> Idem., p.4.

<sup>7</sup> Idem., p.4

<sup>8</sup> Suplente acusado de matar deputada em 1998 vai a júri popular. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 16 de novembro de 2011. p. 14

<sup>9</sup> “Ninguém pode dizer com exatidão quantas pessoas tombaram através da espingarda de Floro. Mas numa estimativa aproximada atribui-se a ele a morte de pelo menos 15 pessoas que estiveram envolvidas direta ou indiretamente no assassinato do velho Ulisses. Mesmo assim – com todo esse rosário de crimes- nenhum catingueiro (homem da caatinga) atribuiu jamais ao vingador a condição de pistoleiro assalariado. Ele era venerado nas feiras através dos romances de cordel e citado até pelos menos velhos como exemplo da mais viva integridade *Cabra Macho*. Realmente ninguém nunca apontou contra Floro algum fato palpável que pudesse incluí-lo no extenso rol dos pistoleiros assalariados do Nordeste.” GRANJA, Paulo. Floro Novaes, O Último Vingador. *Gazeta de Alagoas*.

categorização criminal decerto pode confundir, e nos fazer pensar em um primeiro momento, que esse ou aquele crime não está ligado à cultura da honra, ao preterimento do privado em antagonismo com os órgãos punitivos do Estado, se configurando como crime político. Sim, carrega essa característica política no seu bojo, porém polvilhado com algo da identidade sertaneja diretamente ligado à honra: a cultura da *bravura*, a de ser temido, a cultura do *Cabra macho*, que a socióloga e antropóloga Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros percebe de forma inovadora para os estudos do sertão nordestino em um capítulo intitulado: *Antropologia da Honra: Uma Análise das Guerras Sertanejas*.<sup>10</sup> Então, numa análise mais concludente, a finalização do ato pode categorizar o crime de Maurício Gomes Novaes como crime político, porém no encetamento, na vontade do pistoleiro, está presente o ganho monetário acrescentado ao desejo de glória a partir do que esta recebe de significância na comunidade à qual pertence, a coragem, a habilidade, destemor, etc. Há um trecho de uma entrevista de Floro Gomes Novaes, irmão do Chapéu de Couro, dada ao jornalista alagoano Paulo Granja em janeiro de 1971<sup>11</sup> e publicada na *Gazeta de Alagoas* no mês de agosto de 1975, quando ele, Floro, já tinha terminado sua vingança de sangue e trabalhava como segurança – outras fontes diriam pistoleiro – para coronéis da região, que ilustra um dos valores morais citados acima: a coragem.

-A polícia de Águas Belas fez um trato comigo: eu não pareço na cidade e eles não pisam nos meus calos. Outro dia é que me deixaram meio cabreiro. Precisei ir à cidade tomar uma cervejinha e quando me preparava para voltar, vi na estrada um monte de policiais. Tinha uns 20 homens.

-O que você fez?

-Acendi um charuto e passei com o jipe no meio dos meganhas.

Assim era Floro. Costumava dizer que “covarde morre muitas vezes e homem de coragem só uma..

---

Maceió, 29 de agosto de 1975, p.6. Apesar desta ênfase no caráter moral e digno de Floro Gomes Novaes, a reportagem não deixa de apontar outra possibilidade de conduta na figura do vingador: “Mas ficou muito claro a intenção dos muitos fazendeiros em aproveitar-se da fama e valentia de Floro. Isto se dava através de favores voluntários prestados ao vingador, um homem cujo vocabulário excluía a palavra ingratidão. Assim, quem iria provocar um amigo de Floro Gomes Novaes?” Nos resta indagar que favores eram esses, supondo que a matéria não foi de tanto romanesca quando o trata como “homem cujo vocabulário excluía a palavra ingratidão”, em um espaço geográfico (sertão de Alagoas e Pernambuco), com altos níveis de beligerância, brigas políticas, coronelismo e compreensível necessidade de aliados treinados nas artes do confronto.

<sup>10</sup> BARROS, Luitgarde Cavalcanti de Oliveira. **Pelos Sertões do Nordeste**. Maceió: EDUNEAL, 2015.

<sup>11</sup> Irmão de Tobias Granja, ambos jornalistas investigativos com furos jornalísticos em vendetas: Tobias com a briga entre Calheiros e Omenas e Paulo com entrevista exclusiva a Floro Gomes

Em seu estudo sobre código de honra, o filósofo britânico Anthony Appiah<sup>12</sup>, bibliografia acadêmica recente sobre o tema Honra, parece seguir a reflexão de Eric Hobsbawm<sup>13</sup> de que os códigos de conduta de algumas comunidades são universais, e que a moral de um fora da lei costuma dialogar somente com os que a compartilham. Versa ele: “Normalmente, não é o respeito das pessoas em geral, e sim o respeito de um grupo social particular, que chamarei de mundo da honra.”<sup>14</sup>

Appiah fez um dos mais recentes e importantes trabalhos no campo do estudo da honra, e nessa obra em particular, tenta demonstrar que a cultura da honra acontece em diferentes lugares do mundo, salientando aqueles cujo poder centralizador do Estado é frágil, ou tem dificuldade de ser aceito. Para Appiah, existem 3 formas das revoluções morais acontecerem dentro do mundo da honra: através da ciência, através do esgotamento de certas práticas exercidas por uma classe e que são espraiadas para outras, perdendo significância em ambas (como no caso do duelo, que era prática da elite europeia mas que ao se popularizar com a plebe, deixou de ser algo desejável) e por interferência internacional a demandar mudanças. Essa última posta em duas vias, tanto pela pressão internacional para modernização dos costumes aos moldes europeus, como de sentimento de vergonha do Estado-nação perante as outras nações desenvolvidas por não manterem a mesma prática, ele exemplifica esse caso com o fim da Escravidão nas Américas.

\*\*\*

Todo este estudo científico pode ser perigoso quando passamos a vista no Brasil como um todo, onde é lugar-comum, e não restam dúvidas, de que há uma cultura da violência, baseada na tolerância, digo indolência, e na incapacidade institucional de contenção de crimes. Foram mortas, no ano de 2017, no Brasil mais de 63.800 pessoas, segundo a Secretaria de Segurança, o IBGE e o Fórum Brasileiro de Segurança.<sup>15</sup> Número que só tem crescido, no mínimo, desde o início desta década. Então, no que se

---

<sup>12</sup> As referências feitas a este teórico infelizmente não poderão conter em seu conteúdo a paginação, pois sua leitura ocorreu em dispositivo digital (Kindle), no formato .MOBI, onde a paginação não aparece, apenas o conteúdo.

<sup>13</sup> HOBBSAWM, Eric. **Bandidos**. São Paulo: Paz e Terra, 2015. p.39

<sup>14</sup> APPIAH, Kwame Anthony. **O Código de Honra: Como acontecem as revoluções morais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

<sup>15</sup> Coloque aqui a referência completa da reportagem. <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral/com-63880-vitimas-brasil-bate-recorde-de-morte-violentas-em-2017,70002439709>> Acessado em 22 de outubro de 2018 às 22:00.

diferencia o sertão alagoano sincronicamente a esta realidade mais abrangente? Um caminho possível para responder a essa pergunta é analisar historicamente não somente as motivações dos seus crimes, mas também a sua recepção social na contemporaneidade, muitas vezes semelhante àquela mesma recepção à época em que foram praticados. Analisar não apenas o crime em si, mas também o *locus* e o processo de criação normativa das ações, séculos sendo corroboradas, reafirmada e adaptadas ao contexto histórico ao longo dos tempos, e obviamente sendo contidos com uma energia aquém da necessária pelo poder público.

Podem indagar-nos com toda a legitimidade se a aceitação dos crimes de honra no sertão não possui também, lá mesmo, seus críticos e pessoas que, postas em estado limite, optaram por não seguirem o costume. Responderíamos que sim, podem existir tais indivíduos, e provavelmente os há e tem aumentado conforme as décadas se sucedem. Mas metaforicamente estes seriam parte da *Anomia*,<sup>16</sup> ou daqueles sujeitos que não sentem a necessidade de pertencimento, ou não possuem o acolhimento dentro da nação onde vivem. Supondo-se que caiba este conceito no sertão, que não é tratada como nação (nem estamos propondo que o seja) no sentido conceitual clássico das ciências políticas de Estado-nação do século XIX, onde houve desde a sua criação uma intensão centralizadora desde um governo central, mas sim integrante deste. Estando mais próximo então, dos movimentos nacionalistas surgidos notadamente na Europa na virada do século XIX para o XX, onde vários territórios que albergavam pessoas que costumes compartilhados diferentes dos do Estado, pediam independência, política/territorial ou tão somente de *status* dentro dos estados, como são os casos das nações celtas, que são reconhecidas como nações<sup>17</sup>, porém são apenas parte de um território maior, o do Estado-nação.

Das explanações e indagações postas e continuadas desde o projeto, agora as mudanças. Devido ao reavivamento, ou atos de *retorno* que acreditávamos só serem

---

<sup>16</sup> Anomia social é um conceito principalmente explorado pelo sociólogo francês Émile Durkheim em suas obras *Suicídio* (1897) e *Da Divisão Social do Trabalho* (1893). Em suas palavras: “O estado de anomia é impossível onde os órgãos solidários estão em contato suficiente e suficientemente prolongado. Com efeito, ao ser contíguo a todo o momento percebem a necessidade que têm uns dos outros e, por conseguinte, têm um sentimento vivo e contínuo e sua mútua dependência.” (Durkheim, *Da divisão do trabalho social*) Coloque a referência completa.

<sup>17</sup> As ditas sete nações celtas, reivindicaram ao Estado a autonomia em algumas áreas, principalmente aquelas ligadas à cultura, como permanência do idioma sendo comum à região sendo lecionado nas escolas juntamente com o de Estado. Como é o caso de partes da Escócia, onde o Gálico é falado e aprendido nos colégios públicos, e o Irlandês na Irlanda que é falado como primeira ou segunda língua. Nesses dois Estados, a língua oficial é o Inglês.

possíveis nas décadas passadas, recentemente o sertão alagoano<sup>18</sup> viu-se envolto em mais uma briga de família. Tal vendeta, que podemos colocar na categoria de vingança privada, readequou o nosso recorte temporal não até a década de 90 do século passado, mas aos dias atuais. Outra mudança refere-se às fontes primárias que gostaríamos de incluir: os processos judiciais dos estudos de caso que pretendemos lavrar no decorrer da dissertação. Estas foram inviabilizadas pela dificuldade posta pelas instituições que delas zelam (TJ-AL), nos fazendo remanejar os esforços nas fontes jornalísticas, mais acessíveis, nas iconográficas, e principalmente sem esquecer do caráter de pesquisa que esse trabalho deve primar, teorizar, o fazendo de forma profícua a ter recepção da comunidade leiga e acadêmica no pensar o sertão alagoano.

Dadas as explicações, vamos ao coração do trabalho pretendido, no qual procuramos fazer uma investigação sobre a moral compartilhada no sertão alagoano da década de 1950 aos dias atuais concernente aos crimes de honra, tentando mostrar o desenvolvimento dos seus sistemas comunitários em um arco temporal que parte da ocupação dos sertões brasileiros, atividades, asenhoramentos e costumes desses emigrados até o sertão alagoano perante os outros sertões.

Para localizar espacialmente e embasar historicamente o sertão a qual nos referimos, é importante se ater ao processo histórico da ocupação brasileira pelos portugueses na intenção de definir o sertão a que trabalhamos, pois os sertões são muitos.

Os estudos sertanistas estão presentes e tem protagonismo na moderna historiografia brasileira, ou no lugar comum que é dado situa-la de modo mais fecundo, nos chamados intelectuais da década de 1930, dentre eles destacam-se Gilberto Freyre (1990 - 1987), Caio Prado Junior (1907-1990) e Sergio Buarque de Holanda (1902-1982). Este último, com a publicação de *Caminhos e Fronteiras*, muito ajudou na reflexão sobre os influxos de colonos nos interiores do Brasil. Nesta época, quando vicejaram esses estudos, a história não era preterida à sociologia ou antropologia, mas também é evidente que nas obras de amadurecimento desses supracitados, a história é o carro que guia seus métodos de análise de uma possível realidade que se pretende construir, por exemplo, em *Formação do Brasil Contemporâneo*, que é uma obra

---

<sup>18</sup> O fato a que se refere é acontecido na cidade alagoana de Batalha, desde muito reconhecida como berço de uma das mais sangrentas brigas de família no estado: Ferro (família com sede na cidade vizinha de Minador do Negrão -AL) contra Boiadeiro, e mais recentemente Boiadeiros contra Dantas. Ambas as cidades se situam no sertão meridional de Alagoas. Terá um estudo de caso sobre a família Boiadeiro no terceiro capítulo.

inegavelmente histórica nos métodos, mesmo auxiliada pela sociologia. O que esses e outros tantos intelectuais possuíam de diferenciado para pô-los como distintos dos anteriores, como *modernos*? Responderíamos de pronto que fugiam da metodologia naturalista e positivista de um Oliveira Viana ou um Alberto Torres, apesar desses, mesmo tendo pensado o sistema político da época de uma forma bem sutil e próxima à realidade que conseguia separar a dicotomia *Brasil Real* x *Brasil Legal*, em uma definição mais completa conceitualmente entre *Pensamento Social* e *Imaginário Político*. Em outras palavras, trabalharam o conceito de *Marginalidade Estrutural*, ou embate entre o público e o privado no Brasil, que voltaremos a falar mais na frente, e como todos esses fugiam dos anteriores a eles, por obviamente os sucessos que a disciplina histórica teve nos últimos decênios do século XIX e a pressão do Império para a construção de uma história nacional que não fosse apenas baseada em análises de viajantes estrangeiros diletantes, memorialistas, ou uma história vista e escrita de além-mar. Além do que, as ciências sociais, a partir do final do XIX, foram se tornando cada vez mais sofisticadas metodologicamente, o que possibilitou uma análise mais profunda das nossas estruturas.

Ao evocar esses impactos intelectuais sobre os moços de entre 1933 e 1942, talvez eu esteja focalizando de modo algo restritivo os que adotavam posições de esquerda, como eu próprio: comunistas e socialistas coerentemente militares, ou participando apenas pelas ideias. Para nós, os três autores citados foram trazendo elementos de uma visão do Brasil que parecia adequar-se ao nosso ponto de vista. Traziam a denúncia do preconceito de raça, a valorização do elemento de cor, a crítica dos fundamentos “patriarcais” e agrários, o discernimento das condições econômicas, a desmistificação da retórica liberal. Mas talvez significassem outra coisa para os jovens da direita, que em geral, se bem me lembro, tendiam a rejeita-los, olha-los com desconfiança ou, na medida do possível, ajustar ao menos o primeiro aos seus designios. Esses nossos antagonistas preferiam certos autores mais antigos, com orientação metodológica de tipo naturalista ou (no sentido amplo) positivista, como Oliveira Vianna e Alberto Torres, dos quais tiravam argumentos para uma visão hierárquica e autoritária da sociedade, justamente a que Sergio Buarque de Holanda criticava em *Raízes do Brasil*.<sup>19</sup>

Destarte esse mútuo interesse de intelectuais do cenário mostrado, dentre outros intelectuais mais<sup>20</sup>, que se ativeram aos sertões brasileiros, com intenção de entender os

---

<sup>19</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p.12

<sup>20</sup> Alceu de Amoroso Lima (1893 – 1983), Vicente Licínio Cardoso (1889 – 1931), Alberto Torres (1865 – 1917), Rui Barbosa (1849 – 1923), Pinheiro Machado (1851 – 1915), Oliveira Vianna (1883 – 1951), Luiz de Aguiar Costa Pinto (1920 – 2002), dentre outros.

contrastes brasileiros e sua *Marginalidade Estrutural*<sup>21</sup>. No intento de estabelecer uma solução política homogeneizante para a sociedade brasileira, os pensamentos divergem no entendimento do que deve ser feito, porém algo os une: os sertões aos quais eles se referem e problematizam.

No tentame de buscar as circunstâncias que derivaram no sertão nordestino que hoje conhecemos, de costumes acentuados, códigos de honra comunitário que a custo tenta se adequar a outro código, o do poder público, poderíamos voltar à Península Ibérica seguindo as ocupações dos sertões. Acreditamos não ser adequado, apesar de esclarecedor em alguns aspectos, por nossa pesquisa se situar na segunda metade do século XX, mas há coisas que fogem cronologicamente às disposições do projeto inicial que ignoradas perderiam a conexão reflexiva para seu próprio entendimento e poderia tender a explicações simplórias baseadas em *mitos de origem*. Entendemos serem elas uma melhor explicação do sertão a que queremos nos debruçar, e isso inclui um resgate histórico das ocupações dos outros sertões e segundo, um arco temporal, mesmo que breve ao século XIX, quando se iniciam os ciclos do cangaço como hoje os conhecemos, visto que o próprio Lampião começa sua carreira no banditismo na década de 1920 e o cangaço, como retratado na historiografia, na década de 1940.

Nosso primeiro estudo de caso é sobre Floro Gomes Novaes, que começa sua vingança no final da década de 1950, e em vários momentos se auto intitulava cangaço. Floro gostava de que o chamassem dessa forma e de fato guardava características do cangaço, porém o cangaço, como a historiografia o conhece, acabou em definitivo na década de 1940. Ainda assim, as mudanças culturais não aconteceram em rompimentos abruptos, não existe calendário neste trilho da história. Claro que houve mudanças de práticas dentro do próprio terreno da honra, como o há em qualquer terreno da história, "Algo deve mudar para que tudo continue como está." escreveu Tomaso Di Lampedusa,

---

<sup>21</sup> Esse conceito fora usado não exatamente com essa nomenclatura pela sociologia brasileira ligada diretamente ao questionamento dos porquês do atraso brasileiro perante a economia liberal internacional, e um estranhamento de o poder público não conseguir atingir todos os rincões do Estado brasileiro. Mais agudamente e utilizando o conceito de *Marginalidade estrutural*, refletiu Costa Pinto. Em um artigo para o XI Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, em Campinas no ano de 2003, a Professora Doutora do Departamento de Sociologia da UFRJ, Gláucia Villas-Bôas versa sobre Costa Pinto com o seguinte tema: Por que rever mais uma vez o conceito de Marginalidade Estrutural de A. L. Costa Pinto? Neste a catedrática demonstra como o autor baiano era avesso ao dualismo *Brasil real X Brasil legal*. Propondo que as mudanças no Brasil ocorreriam de forma que o tradicional e o moderno seriam continuamente presentes. VILLAS-BÔAS, Gláucia. **Por que rever mais uma vez o conceito de Marginalidade Estrutural de A. L. Costa Pinto?** XI Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia. Campinas, 2003. Ainda sobre o conceito de *Marginalidade Estrutural*, em uma entrevista Costa Pinto Diz não ser meritório de o ter criado: PINTO, L. 1995. "Entrevista". Arquivo do Núcleo de Pesquisa em Sociologia da Cultura do IFCS/UFRJ. Mimeo.

escritor italiano em sua obra *O Leopardo*. Diríamos que o sertão não é um ambiente cristalizado como sugerem alguns escritores, porém negar sua resistência a costumes exógenos é desconhecer tal sociedade. Poderíamos dizer que o sertão tende à uma *permanência variável*. É um espaço, no que confere a cultura da honra, mais resistente a mudanças que outros, isso nos mostram as fontes. Mas sim, as mudanças ocorrem.

Sem entrar na origem semântica do termo *Sertão* utilizado pelos portugueses, por serem elas algumas e igualmente plausíveis, fiquemos com a clássica: uma corruptela do termo *Desertão*<sup>22</sup>, que no mais referia-se às terras não próximas ao litoral, primeiros núcleos de ocupação portuguesa na América do Sul. Assim sendo, os sertões são vários e vão se expandindo aos pés dos sertanistas e dos séculos imediatos após as primeiras povoações litorâneas. Para Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, a definição, mais contemporânea, além do geográfico, permeia por dimensões históricas e antropológicas, em que os conceitos de honra, violência e misticismo estão presentes, é uma genealogia do conceito de sertão.

Termo de difícil precisão conceitual, presente em documentos científicos e históricos, na linguagem literária e do senso comum.

Na Carta de Doação da Capitania de Pernambuco – 1534, sertão significa terras mais distantes da costa, referencia de quem chega ao país pelo mar. Numa caracterização de distancia geográfica e do controle do governo colonial, sertão designa terras ignotas. Nos séculos XVIII e XIX sertão indica ora profundidade – a distancia dos fundos de uma propriedade em relação à testada, ora lugares distantes dos centros da cidade. A documentação do Rio de Janeiro do período classifica como sertão lugares como Inhaú e Engenho de Dentro, hoje compreendidos como subúrbio e bairros da zona norte. No século XX o termo pode significar terras não cultivadas ou espaços a serem conquistados pelo processo civilizatório.

Na linguagem do senso comum sertão é um mundo desconhecido, fim do mundo, região de seca, lugar de índio, terra de cangaceiro. O uso mais frequente da palavra é como designativo de espaço físico-geográfico, categoria ambígua, porque nomina regiões geoclimáticas de características opostas, como: sertão dos Cariris Velhos – Paraíba – zona pedregosa, verdadeiro carrascais onde só nascem favela, e outras plantas xerófilas como mandacaru e coroa-de-frade, baixíssimo nível pluviométrico, região inóspita, inadequada para agricultura; Cariris Novos – sertão do sul do Ceará – terra fertilíssima, clima ameno, vegetação exuberante de floresta tropical, alto nível pluviométrico, muitas nascentes, olhos d'água. É o maior refrigerio do Estado nos tempos da seca. Desde os assentamentos de retirantes na Chapada

---

<sup>22</sup> Além dessa origem ainda algumas outras sugeridas: “A palavra sertão é de «orig[em] obsc[ura]; JM regista que, “na opinião de certos autores, o voc[ábulo] seria evolução do lat[im] \*desertānu-, com operações fonéticas ainda não suficientemente esclarecidas”; (...) ; f[orma] hist[órica] sXV sertão, sXV sartão, sXV sertoão, sXV ssertão» [cf. Dicionário Eletrônico Houaiss]. Já o Dicionário da Língua Portuguesa 2003, da Porto Editora, diz que este vocábulo vem «do lat[im] sertānu-, “do bosque”, de sertu-, “bosque”». Trata-se de «região agreste, afastada dos núcleos urbanos e das terras cultivadas» ou «terreno coberto de mato, afastado do litoral»; e ainda pode ser «a terra e a povoação do interior; o interior do país». Como regionalismo do Brasil, é «toda região pouco povoada do interior, em especial, a zona mais seca que a caatinga, ligada ao ciclo do gado e onde permanecem tradições e costumes antigos.» < <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-etimologia-da-palavra-sertao/23352>> Acessado em 29 de agosto de 2018.

do Araripe, feitos pelo Padre Cícero nas primeiras décadas do século XX, o sertão do Cariri se desenvolveu como economia de policultura em pequenas e médias propriedades.

Euclides da Cunha trabalhou sertão como região de natureza agressiva à adaptação do homem, meio que plasmou o ‘homem forte, cerne da raça nucleadora da nacionalidade brasileira’ – o meio que produziu o sertanejo. Enquanto categoria abstrata, sertanejo é uma criação abstrata em Euclides, literária em José de Alencar, Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto, enfim, a atribuição de uma identidade aos nascidos na região, formulada por elementos de fora, intelectuais que falam sobre o sertão.

Enquanto identidade construída na vivência dos naturais daqueles torrões, ser sertanejo é ter o profundo sentimento de pertença a terra, orgulho das tradições de lutas e festas, estética da natureza, noções de honra centenariamente transmitidas, submissão fatalista aos ‘designios de Deus’, fé e perseverança na certeza de que ‘não há mal que sempre dure nem bem que nunca se acabe’.

[...] Sertão é o mundo percorrido pelos beatos materializando o evangelho nas ‘regras do bem viver’ – reorganização dos homens entre si e com a natureza, a partir da igualdade de todos, como filhos de Deus.

[...] Pesquisando-se a memória sertaneja, o sertão é também o cenário onde beatos, cangaceiros e trabalhadores, nos tempos de seca ou fartura viveram e representaram a saga dos filhos da terra.<sup>23</sup>

Janaína Amado nos mostra que palavra sertão já era utilizada pelos portugueses no final da Idade Média, “com certeza desde o século XIV”, “para referir-se a áreas situadas dentro de Portugal, porém distantes de Lisboa”. Assim sendo, “a partir do século XV, usaram-na para nomear espaços vastos, interiores, situados dentro das possessões recém-conquistadas ou contínuos a elas, sobre os quais pouco ou nada sabiam”.<sup>24</sup>

Inda que capcioso os relatos dos viajantes estrangeiros e nacionais que percorreram o sertão nordestino nos séculos XIX e XX, pela distorção provocada pelo choque cultural pondo juízos de valor nos relatos, pelo ufanismo no caso dos brasileiros ou mesmo devido à memória<sup>25</sup>, é o melhor que temos neste tipo de documentação primária, e é curioso como há uma certa identificação daqueles documentos e a realidade da segunda metade do século XX.<sup>26</sup>

---

<sup>23</sup> BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Pelos sertões dos Nordeste. Maceió: Eduneal, 2015.

<sup>24</sup> AMADO, Janaína. **Região, sertão, nação**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n° 15, 1995. Disponível em: [www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/169.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/169.pdf). Acesso: 27/12/2007. p.4

<sup>25</sup> “[...]dano à confiabilidade da memória que o esquecimento é sentido. Dano, fraqueza, lacuna. Sob esse aspecto, a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento. [...] E nosso famoso dever de memória enuncia-se como uma exortação a não esquecer. Porém, ao mesmo tempo, e no mesmo movimento espontâneo, afastamos o espectro de uma memória que nada esqueceria. Consideramo-la até mesmo monstruosa.” RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

<sup>26</sup> Jean-Ferdinand Denis (Paris, 13 de agosto de 1798 — Paris, 1º de agosto de 1890) foi um viajante, historiador e escritor francês especialista em História do Brasil. Foi administrador da Biblioteca de Santa Genoveva em Paris. Transcrevo aqui parte do *Guerreiros do Sol* que trata das impressões de Denis “[...] Fernando Denis vem juntar talvez inferioridades representadas pela predominância entre eles dos temperamentos ‘apaixonados’, ‘impetuosos’ e, ao extremo, ‘ciosos’, além de marcados por uma ‘sede

Mais ou menos cronologicamente, os sertões vão aparecendo como: os pernambucanos<sup>27</sup>, que não iam muitas léguas além das canas de açúcar dos solos de massapê em um primeiro momento, e serviam principalmente à pecuária; os baianos que podem compartilhar com Pernambuco o mérito da entrada pelo rio São Francisco (aqui falamos de um sertão ainda próximo à praia, pois há outra expansão baiana que consegue o oeste baiano indo até as serras do Espinhaço, que dividem Bahia e Goiás); as bandeiras paulistas que definem nossas bordas desde a metade do Rio Grande, Mato Grosso e que numa confluência com os baianos criaram outro sertão com a descoberta do ouro nas Minas Gerais e em Goiás um pouco mais tardiamente, sem falar nos sertões amazônicos que mesmo sendo um dos primeiros na tentativa de desbravamento dado o grande potencial hidroviário, ainda hoje possui populações muito pontuais e grande isolamento dos importantes centros brasileiros.<sup>28</sup>

Dito isto, usaremos o termo definido por Capistrano de Abreu (1853-1927) para referência ao sertão no qual trabalharemos, o alagoano que, em mecanismo de ocupação europeia, se assemelha muitíssimo aos de Pernambuco, Sergipe, noroeste da Bahia, Paraíba, Rio Grande do Norte, Leste do Piauí e todo o Ceará. *Sertão Oriental*, ou sertão externo (em contraposição ao interno das bandeiras paulistas, dos pampas gaúchos, do amazônico, dentre outros). Esse é o sertão semiárido, quente, dado à pecuária primitiva e que só sustenta uma agricultura de subsistência, ao menos até o século XIX. Apesar de ser criado funcionalmente para alimentar tanto o litoral pernambucano quanto as Minas, o ciclo de secas mostrou essa tarefa arriscada demais, tendo vez ou outra esse sertão oriental ter de fazer a repovoação de seus bovinos e caprinos de animais vindos do oeste do Piauí, mais próximo ao Parnaíba, onde o clima era mais propenso a tal produção.<sup>29</sup>

---

de vingança que não conhece limites'. Louva-lhes a franqueza, a generosidade, a hospitalidade, o apego a família – de que 'poucas vezes se aparta' – e um desprezo militante pelo furto". p. 43

<sup>27</sup> O gentílico é usado nessa parte da introdução não na definição de um caráter já definido pela institucionalidade, mas como facilitador de localização geográfica. Na época a que me refiro ainda não existia tal nomenclatura de pertencimento.

<sup>28</sup> PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 55 à 72.

<sup>29</sup> "A aspereza do clima também não era favorável ao progresso dos rebanhos; verdadeiras hecatombes periódicas são produzidas pelas secas prolongadas. Há, no entanto, a esse respeito, zonas privilegiadas, como as margens do São Francisco, do Parnaíba e seus afluentes, e outros rios de águas perenes, exceções raras nesta vasta região e que garantem pelo menos aquele elemento indispensável às populações locais e fazendas ribeirinhas [...] Feita as contas, não seriam as condições naturais dos sertões nordestinos realmente muito favoráveis à criação; e isso se comprovaria definitivamente em fins do século XVIII, quando, como fornecedor de carne para os núcleos do litoral, eles serão desbancados por

O historiador brasileiro Marco Antonio Villa sobre a ocupação do sertão nordestino diz:

Durante todo o século XVI o domínio português restringiu-se a uma estreita faixa litorânea e pouco se interessou pela conquista do interior, pelo sertão seco. Afinal, não tinha notícia de nenhuma riqueza da região que tivesse valor para o comércio colonial. Foi somente em meados do século XVII, especialmente durante o período da ocupação holandesa, que teve início de forma mais enfática a ocupação do sertão nordestino por meio da pecuária.<sup>30</sup>

Já sobre as dificuldades enfrentadas pelos povoadores da região, escreve Capistrano de Abreu:

Os primeiros ocupadores do sertão passaram a vida muito apertada; não eram donos das sesmarias, mas escravos ou prepostos. Carne e leite havia em abundância, mas isto apenas. A farinha, único alimento em que o povo tem confiança, faltou-lhes a princípio por julgarem imprópria a terra à plantação da mandioca, não por defeito do solo, mas pela falta de chuva durante a maior parte do ano. O milho, a não ser verde, afugentava pelo penoso do preparo naqueles distritos estranhos ao uso do monjolo. As frutas mais silvestres, as qualidades de mel menos saborosas eram devoradas com avidez.<sup>31</sup>

Nesse pequeno prelúdio da ocupação sertaneja e a literatura que a estudou, assunto que alargaremos nos capítulos seguintes, deixamos já definido qual será o sertão que trabalharemos e a partir deste ponto a problemática neste trabalho, suas metodologias e fontes.

Há também uma outra preocupação em nomenclatura a que devemos utilizar neste trabalho. Sertão, ou mais especificamente sertão alagoano como sugere o título da dissertação? Como foi resumidamente demonstrado, os sertões são/eram muitos, e possuíam características diversas no espaço e no tempo, nas estruturas sociais e comportamentos compartilhados. Se isolarmos um sertão em particular, aquele que Capistrano de Abreu chamou de *Sertão Externo*, aquele seco e quente, o sertão do Nordeste, mesmo neste não conseguiríamos uma unidade de tipificação para o que nos propomos trabalhar. Em outras palavras, os sertões são variados mesmo dentro do próprio sertão, as relações de trabalho e comércio mudam nos brejos sertanejos (locais com índices pluviométricos um pouco mais altos que nos demais locais), comparado

---

produtos de outra procedência, o *charque* rio-grandense.” E depois sobre o gado dos currais do Parnaíba: “Além disso, o gado do Piauí serviu sempre para recompor os rebanhos cearenses dizimados periodicamente pelas secas.” Idem.p. 62 e 63.

<sup>30</sup> VILLA, Marco Antonio. **Vida e morte no Sertão: História das Secas no Nordeste nos Séculos XIX e XX**. São Paulo: Ática, 2001. p. 18

<sup>31</sup> ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História Colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. p.126-127

com os sertões baixos do norte da Bahia ou da metade oeste alagoana, tanto como mudam as formas de interações sociais. Dentro do próprio sertão alagoano, comumente a cartografia divide em de oeste a leste alto sertão, sertão do São Francisco e Sertão Meridional.

Como nosso trabalho pretende entender a violência enquadrada dentro da História do Poder, as estruturas sociais devem ser de toda relevância, a economia, a política, interação entre ricos e pobres e interações étnicas, dentre vários outros indicadores de motivos não só nos servem como são necessários para escrever sobre o fenômeno da violência em tais plagas.

Assim sendo, o que viram os que estudaram o sertão antes de nós que os fizeram genericamente chamar tão grande extensão de terra de *Sertão*, e o continuarem a chamar até os dias de hoje é o que devemos definir para facilitar nossa definição de recorte geográfico.

Seguindo a teorização de endemia e/ou epidemia de banditismo defendida dentre outros por Eric Hobsbawm, a ausência do Estado é uma peça chave do fenômeno, que acontece no que ele chama de *áreas limítrofes* ao Império, onde o poder central não consegue chegar. Tal pensamento serve tanto para o sertão alagoano quanto ao sertão como um todo, tendo em vista que é comum crimes como vingança privada ou mesmo a cultura da honra persistirem nas localidades mais distantes dos polos de influência política.

Outra questão espacial relevante seria a distribuição de chefes políticos dentro do próprio sertão. Apesar do poder ser lá exercidos com méritos diferenciados dos quais comumente estados acostumados, poder econômico ou posse de vastas quantidades de terra, sertanejos mais próximos aos polos políticos supracitados tendem a agir de forma parecida ao litoral, com os crimes de honra sendo substituídos pela pistolagem, capangagem e afins, em trabalho assalariado aos chefes locais.

No âmbito do comportamento, as variações são encontradas tanto dentro do sertão quanto nas delimitações de sertão de cada Estado. Artes, forma de fala e escrita, maneira de dialogar com a comunidade de forma mais abrangente...

O que poderíamos definir seriam as similitudes, o que o sertão alagoano tem de outros sertões nordestinos? As mesma complexidades e sutilezas que variam de se a comunidade está mais próxima ao litoral, a uma zona menos árida, a uma região serrana. No mundo da honra, o ciclo do cangaço talvez seja a maior prova de que o sertão nordestino consegue sustentar em si mesmo todas suas contradições ou costumes

diferenciados dentro de si (supondo que a época do cangaço ainda se faça presente no quesito de costumes compartilhados numa determinada região). O Cangaço desde seus primeiros relatos, no século XIX, perpassa com similitudes reveladoras todos os estados nordestinos e até o norte de Minas Gerais, e tendo os mesmos estranhamentos e reconhecimentos em todos eles. Esse assunto para ser mais profundo precisaria de um estudo antropológico mais abrangente, acreditamos que já o foi feito por intelectuais como Luitgarde Cavalcanti. O sentimento de pertencimento. Ao final, fica-se que tratar sertão alagoano ou sertão pouco importa, salvo os casos em que se precise dar exatidão nas fontes.

## II

De pronto para ornar esta introdução e condensar o *ethos* deste trabalho, colocamos aqui o trecho de uma entrevista dada pela mãe de Floro Gomes Novaes (1931-1971)<sup>32</sup>, conhecido vingador do sertão alagoano, relatada ao jornalista Roberto Gonçalves em 1996 em uma casa humilde na cidade de Arapiraca. Segundo Dona Guiomar, mãe de três filhos homens, todos envolvidos na vingança de sua família contra os Vieira, que mataram seu marido por motivo que constitucionalmente seria tipificado como fútil, em 1951,

Eles nunca pertenceram ao famigerado sindicato do crime, e os poucos que ainda restam são pais de família exemplares e trabalhadores [...] os crimes praticados por Floro foram unicamente por vingança, para vingar o bárbaro, cruel e covarde assassino de meu marido Ulisses Gomes Novaes, morto por bandidos de Santana do Ipanema\AL.<sup>33</sup>

Há duas coisas que de pronto chamam a atenção nesta matéria de entrevista. A primeira delas é o próprio título: *Dona Guiomar, Mãe de Floro: Vida de Lutas e Sofrimentos*. E o segundo é a forma que ela, Dona Guiomar, justifica o crime dos filhos. Explicamos, o título da matéria por certo tem por trás um escritor (jornalista) criado dentro dos costumes sertanejos ou simpatizante a eles, pois trata aquela mãe que tanto

---

<sup>32</sup> LIMA, Victor Thiago Carneiro. **Floro: Do Capim ao Riacho do Mel**. UFAL, Maceió, 2016. De qualquer modo: “Floro Gomes Novaes foi, durante 20 anos, considerado o mais imbatível vingador da caatinga alagoana. Começou a vingar a morte do pai em 1951 e só terminou esta vingança 20 anos depois[...]” GRANJA, Paulo. Floro Novaes, o último Vingador. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 29 de agosto de 1975. p.6

<sup>33</sup> Dona Guiomar, Mãe de Floro: Vida de Lutas e Sofrimentos. *GAZETA DE ALAGOAS*, Maceió, 9 de março de 1996.

incitava aos filhos a vingança com o intuito de “limpar o sangue da sua família” uma certa concórdia, ao nomear sua matéria: *Vida de Lutas e Sofrimentos*. Título vitimizante em um olhar de cá para lá, porém de verdade compartilhada em um olhar de lá para cá, sertão e capital. A segunda coisa que é curiosa para um alguém que não compartilha dos costumes sertanejos é a justificativa de vingança para o cometimento de vários assassinatos. Em outras palavras, Floro pode até ter cometido crime, porém não exatamente um crime comum, mas uma vingança. Crime e vingança no sertão são duas coisas que se justificam uma anulando a outra, pois segundo o seu próprio código, vingança é um dever. Floro bem sabia que “*Se você quebra os códigos, a resposta apropriada dos outros é, em primeiro lugar, deixar de respeitá-lo, e, em seguida, tratá-lo ativamente com desrespeito.*”<sup>34</sup> Até é de se perguntar se na cabeça de dona Guiomar a palavra crime existia naquele momento ou apenas foi uma indução. “*no sertão, quem não se vinga está moralmente morto*”.<sup>35</sup>

Esse é um prelúdio de amanhecer para aclarar a existência de diferentes modos de conduta, baseadas na moral de um código de honra, desses pensamentos diferentes, sertão e zona da mata, sertão e “capitá”, terra cinzenta e terra verde nas palavras de Frederico Pernambucano de Mello, duas mentalidades dentre outras porém essa de alto contraste numa mesma federação, num mesmo estado da federação, duas visões de mundo.<sup>36</sup>

Antecipadamente é mister que exponhamos a plano de escrita. Foi-nos muito sedutor arremedar Euclides da Cunha em *Os Sertões* e dividir os capítulos em *A Terra*,

---

<sup>34</sup> APPIAH, Kwame Anthony. **O Código de Honra: Como ocorrem as revoluções morais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

<sup>35</sup> BARROSO, Gustavo. **Almas de lama e de aço**. São Paulo: Melhoramentos, 1930. p. 59

<sup>36</sup> “Quando enfim do século XVII e ao longo de todo século XVIII a necessidade de expansão colonizadora empurrou o homem para além das léguas agricultáveis do massapê, projetando-o no universo cinzento da caatinga, fez surgir um novo tipo de cultura, cujos traços mais salientes podem ser resumidos na predominância do individual sobre o coletivo – no plano do trabalho- e nos sentimentos de independência, autonomia, livre-arbítrio e improvisação, como características principais do homem condicionado pelo cenário agressivo e vastíssimo que é o sertão. Neste, diferentemente do que ocorrera na mata, tudo se faz na insegurança. Dois anos de seca mostravam-se para destruir o trabalho de dez, comprometendo a indispensável progressividade da economia, desestimulando iniciativas de vulto, gerando a inconstância de uma vida sem raízes, indefesa diante da irregularidade dos elementos. O sedentarismo, como forma de vida inspirada pelo sistema de produção, ficara para trás. A pecuária nascente, bem ao contrário, sugere o nomadismo, o que se revela facilmente compreensível se atentarmos para a pobreza do pasto nas regiões semiáridas, a exigir, por força de rápido exaurimento, abertura de áreas sempre novas para o gado.” MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo: Girafa, 2011. p. 42 e 43. Talvez não somente a distância com litoral e seus centros de poder público fosse a motivação para moldar a moral sertaneja, outros vários fatores contribuíram, e o espaço que ocupavam, com todas suas peculiaridades diferentes das do litoral decerto foi uma delas. Economicamente, socialmente, psicologicamente e concomitantemente moralmente, a formação de um conceito uma prática de honra.

*O Homem e A Luta*, tanto pela elegância do intento quanto para deixar o texto menos aborrecidos com todos seus cacoetes acadêmicos, e claro, por ser um plano já testado e estar pronto. No entanto, não existirá menções implícitas dos capítulos de forma parecida aos *Sertões*, a mesma escrita leve, didática e legível tentaremos manter.

Nosso primeiro capítulo se compões em uma discussão conceitual sobre a violência no sertão alagoano. O segundo capítulo será dedicado a apresentar a estrutura social e histórica do sertão alagoano ao leitor, com o estudo de caso do vingador Floro Gomes Novaes. Através deste primeiro estudo, exporemos os hábitos costumeiros fundeados numa moral baseado na honra, no patriarcalismo, no que Costa Pinto chamava de hipertrofia do Estado. Esse capítulo se chamará *Floro Gomes Novaes, o último cangaceiro*.

No terceiro capítulo, nosso foco estará em como o código de honra sertanejo se funde com a oligarquia, o enigmático código de honra sertanejo modificando-se e vicejando com novas matizes onde a lei do “bem viver” engloba outras práticas como a bravura, coragem e política. Será um estudo sobre o oligarca Elísio Maia, ex-prefeito por várias vezes de Pão de Açúcar – AL, localizada no sertão do São Francisco, se não o primeiro, o mais notório caso de mescla entre honra, política e pistolagem. Neste caso, a conexão do nosso trabalho com a história do poder fica em seu ponto máximo de evidencia:

Portanto, para compreender o banditismo e sua história devemos vê-lo no contexto da história do poder, ou seja, do controle, por parte dos governos ou outros centros de poder (no campo, principalmente os donos da terra e do gado), daquilo que sucede nos territórios e entre as populações sobre as quais pretendem exercer controle.<sup>37</sup>

Esse capítulo será: *O Código de Honra Sertanejo em presença e a serviço do Estado*.

No quarto, teremos o salto temporal para década de 1990 até os dias atuais: Família Boiadeiro, caso interessante para nossa pesquisa, dando-a contemporaneidade na história alagoana do banditismo em ao menos dois quesitos. Este clã político da cidade de Batalha – AL pelejou duas rixas de família: a primeira sem vencedor e a segunda, mais recente e ainda em andamento, contra os Dantas, outro poderoso clã político, cujo principal membro é atualmente presidente da Assembleia Legislativa de Alagoas, da mesma cidade que os Boiadeiros: *A política, a honra e a pistolagem*, se chamará o último capítulo.

---

<sup>37</sup> HOBBSAWM, Eric. **Bandidos**. São Paulo: Paz e Terra, 2015. p. 25

Continuando na problemática da dissertação, tentar entender como a cultura da honra e mais especificamente os crimes de honra, das mais variadas tipologias, uma das quais a pistolagem, subsidiaria desta mesma cultura no que tange ao enaltecimento da “bravura”, ainda permanecem alarmantemente ativas no sertão alagoano nos dias de hoje. Nosso recorte temporal apressura-se a partir da década de 1950 até hoje para, além de facilitar nossa proposição, delimitar por si mesma o que poderíamos chamar apenas neste caso e por assimilação, *antigo e novo regime brasileiro*. Explicando: o Estado Novo de Getúlio Vargas a partir de 1937 tem intentos duros de alastramento da ordem constitucional, porém só um pouco mais tarde em alguns locais, como o sertão, mostra algum espectro das suas disposições iniciais. Numa perspectiva nacional, Ângela de Castro Gomes exemplifica bem esse embate entre o publico e o privado no Brasil:

O drama da República, conforme Alceu de Amoroso Lima quer demonstrar, e numerosos outros pensadores contemporâneos e sucessores endossarão, era o de estar caracterizado por uma tensão, ao mesmo tempo constitutiva da política nacional e desintegradora de suas possibilidades de desenvolvimento nos marcos da modernidade ocidental. Ou seja, ela se situava na fronteira entre o *Público* e o *Privado*, sendo essa a sua principal marca e o seu dilema, pois, como o texto magistralmente indica, o Brasil não era Rui *ou* Pinheiro; era Rui e Pinheiro.<sup>38</sup>

A pergunta que podemos fazer no fito de uma resposta utilitária seria: qual o quesito de disfunção na manutenção da cultura da honra e da violência advinda dela dentro do Estado brasileiro nesta determinada época? A resposta é complexa ainda que por ora possamos justificar que, em um Estado Nação como o brasileiro, que desde a sua primeira Constituição em 1824, outorgada por Dom Pedro I em um país já independente, traços fortes de uma lei positiva, romana em seu arquétipo mais antigo, que propunham a unidade e furtava-se do jusnaturalismo, leituras consuetudinárias de casos ou independências federativas de vulto, de modo algum permitia as práticas à época consideradas incivilizadas como as de costumes de honra. Essa Constituição teve vigência de 65 anos, e as demais que se seguiram, no que acima se refere, em muito se assemelham a primeira na matéria de controle punitivo nas mãos apenas do Estado. Então, por qual motivo em alguns locais a ordem da lei tem dificuldade de penetrar? Por

---

<sup>38</sup> Quando a Ângela de Castro Gomes interpreta Alceu de Amoroso Lima, finaliza dizendo que o Brasil era Rui e Pinheiro, se refere a duas vertentes republicanas ora existentes, a de Rui Barbosa, um legalista convicto, que defendia a imposição da lei a todo custo para mais rapidamente chegarmos ao “nível civilizatório europeu”. Já Pinheiro Machado, político gaúcho era a contrapartida e criticava o romantismo europeu de Rui e defendia um liberalismo às necessidades do americano brasileiro, tentando conviver com o “caudilhismo, com as ineficiências do poder público e negociando com as oligarquias. GOMES, Ângela de Castro. **A política Brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado**. In: Lilia Moritz Schwarcz (Org.) História Da Vida Privada No Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea, Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

qual motivo alguns povos ainda fazem suas próprias regras baseadas nos costumes geracionais e/ou locais ao arpejo da lei? E principalmente, por qual motivo mais de duzentos anos depois, quando a lei já é conhecida e reconhecida pelo Estado, em algumas frestas espaciais do mesmo é desdenhada? São perguntas que pretendemos responder nos próximos capítulos, e pelo hermetismo das questões exigimos de nós mesmos uma metodologia da estrutura social e histórica prospectiva e perspectiva e um arcabouço teórico condizente com a complexidade exigida sem pender para o conformismo de encaixar a cultura da honra no sertão alagoano nas teses vigentes sobre o tema sem critérios de seleção. Porém uma metodologia abrangente como a usada por Frederico Pernambucano de Mello no seu *Guerreiros do Sol*<sup>39</sup>, em que a antropologia, a sociologia e a história estão contidas naquela notável obra sobre a estrutura social e política sertaneja e sua responsabilidade sobre a criminalidade naquele local. Apesar desse livro citado focar-se na *Era do Cangaço*, ainda assim tem muito mais a oferecer, sobre os tempos que viriam depois da morte de Lampião. O livro não trata de um indivíduo, ou de um grupo, mas de um povo inteiro, mas de uma vasta comunidade.

No que se refere às fontes, de início foi um pouco desesperador para nós, pois tínhamos um projeto de produção científica a ser produzido, e um grande trunfo do mesmo seria a análise de processos judiciais, ou seja, processos crimes da época citada como componente do nosso tripé documental: Jornais, Processos Crimes e produção cultural independente (cordéis, entrevistas, imagens, etc...). O segundo sustentáculo da nossa documentação foi comprometido, os processos. Alguns despachados pelo seu tempo extinto de vigência de pena foram do sertão levados para o Arquivo Judiciário de Alagoas, onde obtivemos grande dificuldade em ao menos vislumbra-los. E aqueles ainda presentes nas varas sertanejas, esses sim se mostraram completamente inacessíveis, à dita boca pelas autoridades que deles cuidavam. Não queremos entrar no mérito dessa proibição tácita a que nos foi regalada, como a deve ser a muitos, apesar da lei de acesso a informação<sup>40</sup> que é clara ao dizer que processos que tiveram penas

---

<sup>39</sup> Gilberto Freyre no prefácio da primeira edição de *Guerreiros do Sol*, em abril de 1984: “A seu lúcido autor, o pesquisador Frederico Pernambucano de Mello, não faltou senso de responsabilidade intelectual ao decidir aborda-lo, indo a raízes e a projeções. Daí o ânimo de lutar com obstáculos à sua perspectiva de aprofundar-se em tal estudo. O que fez recorrendo mais a difícil e também complexo pluralismo metodológico que a um método ortodoxamente único como o histórico-social. Sua abordagem vai além da socialmente histórica: inclui, por vezes, a antropossocial, e não raro, a socioecológica: a tocada de alguma perspectiva ecológica do coletivo que considera.” MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. 5. ed. São Paulo: A Girafa, 2011. Pag. 9

<sup>40</sup>Essa é a lei LEI Nº 12.527, DE 18 DE NOVEMBRO DE 2011.

extintas por tempo decorrido não apenas ficam sob consulta das partes ou advogados, mas a todos. A questão é que depois de muita reflexão, tomamo-nos conta de que estes processos podem ser dispensados por enquanto, sobrando ainda os arquivos jornalísticos e a produção cultural para referendar. Digo referendar por algo que pretendemos fazer neste trabalho, uma moção de perspectiva da pesquisa exatamente para o local onde nosso sujeito se encontra, o próprio sertão, ou seja, não é somente através das togas e do leviatã que queremos responder nossa pergunta, mas também através dos gibões e cactos. O que poderia responder-nos um processo no qual ocorre um tribunal do júri sobre um crime de honra no sertão, cujo corpo de jurados a lá mesmo pertence? A absolvição do réu a nós parece óbvia, o máximo que conseguiríamos descobrir seriam as exceções, estas muito importantes para o trabalho histórico, e que tentaremos achar nas fontes que dispomos.

Alto e claro, já temos aqueles sinais da realidade alegados por Carlo Ginzburg para o ofício de escrever e reflexionar a história<sup>41</sup>, nos falta agora e apenas uma explicação menos sensitiva e mais intelectual. Talvez já saibamos, pelo contato com as fontes jornalísticas, como as coisas ocorrem no sertão alagoano, nos resta saber a motivação. Os jornais também não diferem dos processos, igual a eles podem até deturpar a realidade, aí entra o tino de analisar a estrutura e seus veículos difusores de informação e tirarmos nossas próprias conclusões, numa eficaz análise de fontes. Algo que não pretendemos analisar em texto corrido, senão analisar antes e coloca-los aqui já selecionados. Os jornais são problemáticos doutra maneira ainda para quem pretende estudar o sertão a partir dele mesmo. Estamos falando de uma sociedade cuja grande maioria da população é analfabeta (ao menos até as primeiras 4 décadas que nos propomos analisar), nem sabe ler nem escrever, e salvo algumas pequenas cidades mais desenvolvidas tecnicamente no sentido de estarem mais inseridas na sociedade moderna-industrial, não há produção jornalística no sertão. Isso muda um pouco mais a partir da década de 1990 como mostram os dados das concessões de rádios e televisões, ainda mantendo, infelizmente, essas concessões nas mãos de poucos, diminuindo a voz e a caneta de grande parte da população.<sup>42</sup>Os próprios cordéis, que entram na categoria de

---

<sup>41</sup> “Entre as motivações que me levaram a estudar os processos de feiticeiros estava o desejo de demonstrar que um fenômeno irracional (pelo menos segundo alguns) e atemporal, e portanto historicamente irrelevantes, podia ser analisado em chave histórica, racional, mas não racionalista.” GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.8

<sup>42</sup> “Uma série de ilegalidades se embrenham na base do sistema de rádios e TVs no Brasil, afrontando a Constituição e gerando prejuízos para a liberdade de imprensa, conforme aponta o relatório

documento de produção cultural e começam a se popularizar nas terras do sertão, não eram impressos no próprio sertão, mas nas capitais próximas, onde havia a prensa. Então, na capital, polo de onde são impressos e enviados os jornais, o período de grande interesse foi à época do cangaço, depois arrefeceu, e mesmo quando é vinculada alguma notícia sobre o sertão o é como acontecida em algum lugar muito longínquo. O que é muito comum é, em um determinado momento, algum veículo de comunicação fazer editorial ou reportagens especiais de crimes acontecidos num passado recente, algo como que memorialista, com direito a entrevista a pessoas que de alguma forma participaram ou ouviram falar do caso.

Como irão ver, damos muita ênfase neste trabalho às matérias publicadas na internet (constam nos anexos referencias). As matérias na rede virtual utilizadas nesse trabalho são basicamente restritas da década de 1990 para os tempos de hoje. Anterior a isso até podemos utilizar matérias publicadas em sites, desde que com o caráter memorialista já mencionado ou sites que disponibilizam digitalizações de antigos jornais em antigas hemerotecas, como a do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL), das mais de 6 décadas que trabalhamos. De resto é o método tradicional usado por nós ao biografar a vida do bandido afamado Floro Gomes Novaes<sup>43</sup>, ilustrando revistas e periódicos das décadas de 1960 e 1970.

## I – Capítulo: Discussão conceitual sobre a violência e a honra no sertão.

---

da ONG internacional Repórter Sem Fronteiras. A lista de ilegalidades combinada com a frouxa fiscalização por parte do governo federal resulta no surgimento de oligopólios e em uma situação de pouca diversidade de vozes e ideias, algo danoso à democracia e à representação dos diversos grupos que compõem a sociedade.

Segundo a Constituição, cabe à União, por meio do Ministério das Comunicações, conceder a empresas privadas, por meio de concessões, o direito de possuir um canal de rádio ou televisão no Brasil. Essas regras existem porque, ao contrário de jornais, revistas e sites, cuja existência é, em tese, ilimitada, há um limite físico para a existência de emissoras de rádio e televisão, determinado pelo espectro das faixas de frequência.” < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/radio-e-tv-no-brasil-uma-terra-sem-lei-8055.html>> Acessado em 29 de agosto de 2018.

<sup>43</sup> Algumas delas: GRANJA, Paulo. Floro Novaes, o último vingador. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 29 de agosto de 1975. Opinião, p.6; GONÇALVES, Roberto. Dona Guiomar, Mãe de Floro: vida de lutas e sofrimentos. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 9 de março de 1996; OLIVEIRA, Jorge. Uma história do cangaço. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 3 de março de 1971. Anexo, p. 2 e 3.

Sobre as fontes utilizadas para este estudo de caso, as localizamos tanto de forma impressa como digital. Algumas delas, mais precisamente as alagoanas, tendem a possuir um teor romanesco dado ao mito que foi criado ao redor da figura de Floro Gomes Novaes. Já as de outros estados sustentam um vocabulário mais legalista no sentido de não reconhecimento do código de honra, ou código moral do sertão, tratando sua trajetória, morte e memória mais friamente, utilizando-se de palavras advindas da criminologia do direito, não como vingador, mas sim como assassino, pistoleiro ou criminoso comum, no conceito de Hobsbawm quando contrasta o primeiro ante o *bandido social*. Nossos principais jornais neste estudo em específico serão: *Jornal Extra* (Alagoas), *Jornal do Commercio* (Pernambuco), *Gazeta de Alagoas* (Alagoas), *Tribuna de Alagoas* (Alagoas), *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro), *O Globo* (São Paulo) e nas plataformas digitais a *Folha Online/Uol*. Algumas minúcias acerca da geografia do local, da personalidade de Floro ou do mito em torno de sua figura foram utilizadas do trabalho de conclusão de curso (que se saiba, o primeiro trabalho acadêmico sobre Floro), apresentado no departamento de história da Universidade Federal de Alagoas em 2016: *Floro, do Capim ao Riacho do Mel*. Nesse trabalho, percorri cinco municípios dos sertões alagoano e pernambucano, refazendo a trajetória do lendário vingador, o qual abordarei em estudo de caso no próximo capítulo.<sup>44</sup>

\*\*\*

Foi num 3 de março de 1971, publicado no *Correio da Manhã*<sup>45</sup>, periódico do longínquo Rio de Janeiro, que “o mais famoso pistoleiro do Nordeste” fora morto em emboscada no município de Itaíba, agreste pernambucano.

Nesta primeira reportagem, o detalhamento foi deveras escasso, como o foi durante toda a vida ao tratar deste “último cangaceiro”. Ainda assim, como que por sentimento de luto à uma personalidade patrimonial (no sentido de reconhecimento positivo/negativo em todo o Brasil à época), informa aos leitores que as investigações sobre o assassinio de Floro já tinha se iniciado um dia após o ocorrido e que, a depender

---

<sup>44</sup> LIMA, Victor Thiago Carneiro. **Floro: Do Capim ao Riacho do Mel**. UFAL, Maceió, 2016.

<sup>45</sup> OLIVEIRA, Jorge. Uma história do cangaço. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 de março de 1971. Anexo, p. 2 e 3.

da presteza das autoridades públicas, os culpados, em tempo hábil, seriam encontrados e pagariam pelo feito; feito este metaforicamente profanatório.

Na manhã seguinte, ontem, a polícia iniciava as investigações em torno do crime. Muito temido na região, Floro teria sido apanhado numa emboscada, quando se preparava para caçar veados. A polícia pretendia ouvir alguns dos mais notórios inimigos do pistoleiro que nos últimos tempos se dedicava as atividades de fazendeiro.<sup>46</sup>

Há pouco mais de vinte anos, num cáustico momento e numa cáustica região, iniciava-se o trágico idílio do “Vingador das Alagoas”, Floro Gomes Novais (1931-1971)<sup>47</sup>: jovem humilde, família pobre e honrada nos padrões ditados pelos costumes de um nascido no sertão de Alagoas na época. Educação formal quase nula (vide as transcrições das entrevistas feitas a ele), irmãos numerosos, em número de 4, católicos, mãe dona de casa e devota, pai marchante e andarilho como exigia tal labor sanguíneo, porém redentor como qualquer trabalho o seria para um sertanejo. Casa de varanda com duas águas, e não poderia ser de outro modo – quatro águas são para Coronéis- duas águas era o que lhes cabiam a si e a sua família, e à mente de um povo que desde pequeno aprendia seu lugar no mundo e quais os limites de quando trafegar por ele.

Fazia muito tempo que um indivíduo à margem da sociedade pela lei do mando e à margem do Estado pela lei do obedecer tinha chamado tanta atenção da mídia nacional, donde em seu tempo áureo (digo quando as rixas tinham alcançado patamares

---

<sup>46</sup> “Na manhã seguinte, ontem, a polícia iniciava as investigações em torno do crime. Muito temido na região, Floro teria sido apanhado numa emboscada, quando se preparava para caçar veados. A polícia pretendia ouvir alguns dos mais notórios inimigos do pistoleiro que nos últimos tempos se dedicava as atividades de fazendeiro.” p.3 *in*: Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 3 de março de 1971.

<sup>47</sup> “Floro Gomes Novaes (1931-1971), natural de Olivença, Alagoas, filho de Ulysses Gomes Novaes e Guiomar Guedes Novaes, fez – se bandido no ano de 1951 para vingar a morte de seu pai, ato culminante de uma série de divergências entre o clã dos Vieira, representado especialmente pelo chefe municipal Enéas Vieira, do Capim, hoje Olivença, Alagoas. No período mais agitado de sua vida de crimes chegou a contar com cinco cabras no grupo, dentre os quais se destaca o famanaz Valderedo Ferreira, exímio atirador e homem de coragem comprovada. Ainda que desde quatro anos antes de sua morte – que se deu por emboscada no ano de 1971, em Pernambuco – tenha Floro dissolvido o grupo, passando a agir sozinho e numa linha que já não se mostrava adstrita aos respeitáveis ideais de vingança, só após ao seu desaparecimento é que foi possível obter-se a quase extinção dos focos de banditismo que durante vários anos das décadas de 50 e 60 trouxeram em desassossego a zona sertaneja da fronteira entre os Estados de Pernambuco e Alagoas. Manuel Prata, José Prata e Faísca, ao lado do seu referido lugar tenente Valderedo Ferreira, foram os seus cabras de maior nomeada. Sobre algumas façanhas mais marcantes do bandido alagoano, consultar o *Jornal do Commercio*, do Recife, e o *Diário de Pernambuco*, edições respectivamente, de 21 de abril de 1963 e de 3 de dezembro de 1965. No estudo introdutório que escrevemos para terceira edição do livro *Como dei cabo de Lampião*, do Capitão João Bezerra, traçamos um perfil de Floro com base na convivência que tivemos com ele e seus cabras, além de seus irmãos Antônio e João, por cerca de cinco anos.” Frederico Pernambucano de Melo, *Guerreiros do Sol: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. p. 166/167

de guerra civil), quase todas as semanas jornais locais faziam o último balanço de suas aventuras super-heróicas, merecendo uma atenção do público leitor que faria inveja aos nossos atuais *reality shows*. Até mesmo a revista de maior circulação na época, primeira de impressão colorida e pertencente ao poderoso grupo dos Diários Associados: *O Cruzeiro*<sup>48</sup>, estampou o rosto do bandido-herói em sua capa. Naturalmente, 40 anos atrás a contar dessa época, no auge do banditismo no Nordeste, não era pouco comum ver os cangaceiros e seus bandos ilustrarem periódicos em todo o Brasil, nem folhetins de cultura popular tecerem odes, quadras e sonetos para seus Jesuínos Brilhantes (1844-1879)<sup>49</sup>, Lampiões (1898-1938) e Labaredas (1899- ?)<sup>50</sup>. No entanto, ver estampado mais de quarenta anos após um justiceiro destacado por uma revista, *O Cruzeiro*, que em sua linha editorial até a última edição em julho de 1975, prezava assuntos como Hollywood, cinema, esportes e saúde, foi algo definitivamente inédito.

---

<sup>48</sup> Eis um trecho da entrevista dada por Floro a revista: “Um velho machante foi assassinado há 20 anos. Seu corpo crivado de balas teve o crânio esfacelado a coronhadas de rifle e foi entregue à fúria de cães famintos. Floro recolhe os restos mortais do pai, jurou vingança e matou muita gente durante 19 anos, até ser eliminado.” GRANJA, Tobias. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 21 de abril de 1971. p. 94-98.

<sup>49</sup> “JESUÍNO ALVES DE MELO CALADO (1844-1879), natural da zona Pato, Rio Grande do Norte, passou toda sua curta vida envolvida em vinganças contra inimigos fortes e politicamente protegidos. Os seus biógrafos são unânimes em reconhecer-lhe o caráter reto e justiceiro. É célebre a recomendação que fazia aos cabras que se alistavam em seu bando: “*Quem entra para este grupo não toca no alheio e aprende a respeitar a casa das famílias honestas*”. Como principais asseclas podem ser mencionados seus irmãos Lucio e João, seu cunhado Joaquim Monteiro e os mais cabras Manuel Lucas de Melo, o Pintandinho; Antônio Felix, o Canabrava; Raimundo Angelo, o Latada; Manuel de tal, o Cachimbo; Joé Rodrigues; Antônio do Ó; Benício; Apolonio; João Severiano, o Delegado; José Pereira, o Gato; Manuel Pajeú; e José Antonio, o Padre. Não podemos deixar de transcrever aqui o que, em 1927, o desembargador e notável estudioso dos fenômenos nordestinos, à frente a seca, Felipe Guerra, escreveu sobre o seu conterrâneo do cangaço, em livro intitulado *Ainda o Nordeste*: “Há cinquenta anos, teve o Rio Grande do Norte, em município fronteiro o seu cangaceiro que celebrizou, atirado ao crime por ódio e luas de família. Era um chefe de bandidos que não atemorizava as populações, porquanto não debradava a propriedade particular, e nunca atentou contra a segurança e honestidade da família. Episódios de sua vida narram assassinatos de sequazes, cometidos pelo próprio chefe, por desrespeitos e atentados desta natureza. Solicitado pela parte ofendida, obriga o ofensor a reparar o mal, pelo casamento. É de supor que, a sua justiça de bandido, nesse particular, tenha dado lugar a erros judiciários. Foi esse, Jesuíno Brilhante, o único cangaceiro do Rio Grande do Norte a chefiar bando”. Frederico Pernambucano de Melo, *Guerreiros do Sol: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. p. 163/164

<sup>50</sup> “ÂNGELO ROQUE DA COSTA, nascido em 1899 no sítio Quixaba, do município de Tacaratu, Pernambuco, fez-se cangaceiro por volta do ano de 1926 para se livrar da vingança de inimigos poderosos, um dos quais tinha sido por ele abatido em virtude de lhe ter desvirginado uma irmã. Após os primeiros anos de luta – há processos crimes contra ele no cartório de Tacaratu que datam de 1923 – período em que agiu por seus próprios meios, aderiu ao grupo de Lampião, chegando a se destacar como chefe de subgrupo. Sua atuação teve por palco principal o sertão da Bahia e a zona de fronteira entre esse Estado e o de Pernambuco. Entregou-se as autoridades somente em 1940, em Paripiranga, Bahia, e após o cumprimento da pena que lhe foi destinada, reintegrou-se facilmente a sociedade, indo residir em Salvador. Teve, no cangaço, o vulgo de Labareda, que nunca pegou muito, era mesmo conhecido na caatinga por Anjo Roque, com o que a língua perra do matuto fugia do proparoxítono do prenome.” Frederico Pernambucano de Melo, *Guerreiros do Sol: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. p.164

Muito curioso que ainda hoje poucos tenham escrito sobre esta figura<sup>51</sup>, sem dúvidas já folclórica, tendo sido sua vida muito rica em dispositivos importantes tanto na tradição da gesta popular como da academia, nos setores da antropologia, sociologia, história e tudo aquilo que vem a compor e somar à história do banditismo intrinsecamente inserida dentro da *História do Poder*.<sup>52</sup>

Obviamente alguns poemas foram escritos<sup>53</sup>, algumas cantigas cantadas<sup>54</sup> e algumas memórias honradas (sobre isso, é fato muito curioso que, em 1984, a Câmara Municipal de Arapiraca - AL, deu o nome de Floro a uma rua)<sup>55</sup>. No entanto, relativo à produção acadêmica, o máximo que temos são apresentações e citações colaterais, Floro Novaes como um mero exemplo de um banditismo “original”, mas deslocado do tempo, sempre no perigoso limbo de *O Último cangaceiro*. E quando encontramos algum trabalho de mais fôlego o é quase sempre escrito por um jornalista<sup>56</sup>, admirador, amigo mais dado às letras ou diletante do tema.

Por isso, acredito que há uma grande dívida das Ciências Humanas, especialmente da área de História, para com essa figura ímpar. E agora, mais do que nunca, os historiadores estão necessitando, e sendo chamados até, a fazerem análises de conjunturas políticas e objetivações de mudança, que na nossa humilde opinião deveria ser o real sentido de ser historiador, sendo a erudição e o exercício pedagógico apenas ferramentas para a prestação de um serviço superior. Então porque passar à revelia de uma figura tão atual como Floro, e tão ligada a nossa sociedade ainda regida pela

---

<sup>51</sup> Foram realizados alguns poucos trabalhos, não necessariamente acadêmicos sobre Floro. Dentre eles destacam-se os do Clerisvaldo B. Chagas e França Filho com a *Floro Novais: Herói ou Bandido*, publicado em 1985 e até este exato momento ainda na primeira edição e esgotado. E teve também o Cordel *Floro Gomes Novais – Vingador das Alagoas*, da autoria de Valdir Oliveira em parceria com Ernande Moreira, igualmente publicado em 1985.

<sup>52</sup> História do Poder na Conceitualização de Eric Hobsbawm advinda da Escola Social Inglesa.

<sup>53</sup> Há ao menos um cordel conhecido sobre Floro Gomes Novaes, escrito pelo publicitário alagoano, em 1985, Valdir Oliveira Santos, chamado Floro Gomes Novaes – Vingador das Alagoas. <[http://escritores.arapiraquenses.blogspot.com.br/2011/10/ea\\_7358.html](http://escritores.arapiraquenses.blogspot.com.br/2011/10/ea_7358.html)> Acessado em 22 de novembro de 2018.

<sup>54</sup> O próprio Floro Gomes Novaes, ao costume de Lampião, também criava suas próprias canções, na famosa entrevista dada a revista O Cruzeiro ele canta parte de uma: “Depois que meu pai morreu/ Caí de vez no cangaço/ Mato a 14 anos/ E nunca cansei o braço/ Tenho um coração de bronze e uma existência de aço. GRANJA, Tobias. O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, 21 de abril de 1971. p. 93.

<sup>55</sup> “A homenagem prestada pela Câmara Municipal de Arapiraca/AL a Floro Gomes Novaes, com nome de rua ( no Bairro Santa Esmeralda), através do projeto de lei nº 61/84, e aprovado na sessão do dia 22 de março de 1984, no entender da maioria dos 11 vereadores que aprovaram a matéria, foi um reconhecimento à coragem de um sertanejo vingador e justiceiro.” GONÇALVES, Roberto. “Um sertanejo vingador e justiceiro”: assim se auto denominava Floro Gomes Novaes. Tribuna de Alagoas. 31 de Janeiro de 1999.

<sup>56</sup> Existem duas famosas entrevistas a Floro Gomes feitas pelos irmãos Paulo e Tobias Granja, na Fazenda Mamoeiro, município de Itaíba, Pernambuco. A repercussão na imprensa foi enorme, principalmente na Revista “O Cruzeiro” e no Jornal “Gazeta de Alagoas”.

violência e insuficiência do Estado como garantidor dos direitos básicos dos cidadãos? Espero que esse trabalho sirva de incentivo para pesquisa sobre o tema.

\*\*\*

Esse capítulo vai percorrer pela teoria de Hobsbawm com foco em suas figuras conceituais de Bandido Social/Ladrão Nobre e o Vingador, depois serão mostradas algumas críticas escritas à este mesmo escritor por uma literatura internacional representada principalmente por Richard Slatte, seguido das críticas feitas também à teoria de Hobsbawm agora por uma literatura regional, explanando sobre Lutas de Família, Crimes de Honra e Banditismo. Seguido por conceitos de sertanistas brasileiros, falaremos da origem teórica do fenômeno da violência no sertão numa visão antropossocial, do *escudo ético* do banditismo, assunto abordado tanto lá fora como aqui no Brasil. Logo após a figura de Floro Novaes aparecer de todo, pretendemos traçar um curto perfil biográfico da figura e por fim tentar, a muito custo e com muita responsabilidade, identifica-lo em alguma corrente fenomenológica do banditismo numa literatura histórica local e estrangeira.

Tem sido muito natural quando se propõe a estudar banditismo a referência balar à obra de Hobsbawm desde seu *Primitive Rebels* (Manchester, 1959) e seu estudo final *Bandits* (Londres, 1969). Em tais alusões, os pesquisadores indispensavelmente o criticam, concordam ou adaptam em consonância às situações sócio-históricas de banditismo a que se propõem analisar.

No prefácio da edição de *Bandidos*, de julho de 1999, Hobsbawm cita Dr. Samuel Johnson (1709-1784): “*deve a observação, com uma visão ampla, examinar a humanidade da China ao Perú*”<sup>57</sup>. Nobre este tentame de Eric Hobsbawm sistematiza um *modus operandi* do fenômeno do banditismo como global. Seria lugar comum dizer que toda generalidade é falha, ousada e quase sempre serve para enfeitar uma maquete criada num gabinete, porém ele pode não estar errado de todo, visto que há estudos que embasam sua tentativa não exatamente frustrada, mas talvez incompleta.

A admiração que temos por Hobsbawm além de justa é necessária, pois foi ele antes de todos os outros que se dispôs a metodizar, utilizando-se da várias áreas do conhecimento, passando pela sociologia, antropologia, história, economia e até flinando

---

<sup>57</sup> HOBBSAWM, Eric. **Bandidos**. São Paulo: Paz e Terra, 2015. p.9

pelas artes e gestas populares a história do banditismo, sendo colocada por ele mesmo dentro da história do poder:

Portanto, para compreender o banditismo e sua história devemos vê-lo no contexto da história do poder, ou seja, do controle por parte dos governos ou outros centros de poder (no campo, principalmente donos de terra e de gado), daquilo que sucede os territórios entre as populações sobre as quais pretendem exercer o controle.<sup>58</sup>

As críticas que este trabalho pretende fazer à análise de Hobsbawm se quedam justamente nas suas categorizações que aludem aos estereótipos do *bandido social* e do *vingador*. Tais reparos de critérios serão mais amplamente explicitados mais à frente.

Já é uma empreitada muito dificultosa escrever sobre a teoria do banditismo em seu sentido mais global utilizando os conceitos de Hobsbawm como cânone e suas variadas críticas e concordâncias. São matérias de muitos meandros detalhados que exigem uma perspicácia e visão analítica muito apurada. Estudar o que tornaram ou criaram a partir desta mesma teoria para especificidade brasileira também não é tão fácil, dada a complexidade e grandiosidade geo-história e social do Brasil. Como afirmou Capistrano de Abreu (1853-1927) numa missiva a seu amigo J. L. de Azevedo: “(...)decifrar a questão mais importante da História Colonial: a conquista e o povoamento da região entre o São Francisco e o Parnaíba”.<sup>59</sup>

Este trabalho que tenta desvendar o bandido/vingador Floro Gomes Novaes não conseguiu marchar, nem tampouco procurou fazê-lo, através de formas exóticas ou de estudos daqueles que cuidam em tabular suas análises sem formulas pré-escritas e pré-datadas. Tentaremos, a partir da bibliografia utilizada, passar todas essas fórmulas supracitadas, sem omiti-las ou adapta-las ao "floroanismo" (se nos permitem o neologismo). Começaremos mostrando dois conceitos de Hobsbawm, o do bandido social (ou ladrão nobre) e o de vingador.

Quando Hobsbawm trata do banditismo ele, como já foi dito, parte da vertente da história do poder, e a partir disso, apresenta três causas para a gênese e desenvolvimento do banditismo, que podem aparecer como endêmicos, epidêmicos e pandêmicos, em casos de extrema gravidade. Essas causas são: porque os meios de controles e autoridade são inadequados; porque o exercício deste controle depende em partes da capacidade de obediência dos súditos ou porque as autoridades tentaram controlar apenas insuficiente parte da vida destes, partes estas insuficientes para um

---

<sup>58</sup> Idem. p.25

<sup>59</sup> Cartas a J. L. De Azevedo, de 8 de março de 1918 e de 16 de setembro de 1918.

controle social. Nessa enumeração, ele quis se referir a algo que ele, a partir de uma lógica de Estado, toma como base na nomenclatura do que seria crime, bandido e revolta. Ou seja, só há crime porque há um Estado legislador que possui os devidos dispositivos putativos do que tais crimes sejam: um código penal. Sendo assim, o direito consuetudinário, aquele que deriva dos costumes, coloca em xeque toda a conceitualização de crime e criminalidade no Estado burguês.

Quando Eric Hobsbawm faz uma conceitualização metódica do "ladrão nobre", tomando como exemplo clássico o Robin Hood<sup>60</sup> (mesmo questionando a existência real do personagem, mas tomando-o como ideia), ele enumera nove características:

Primeira: "*O ladrão nobre inicia sua carreira de marginalidade não pelo crime, mas como vítima de injustiça, ou sendo perseguido pelas autoridades devido a algum ato que estas, mas não o costume popular, considera um criminoso*". Noutras palavras, o futuro bandido necessitou de uma ação primordial antes de adentrar a vida belicosa, isso virá a endossar o termo *Escudo Ético*<sup>61</sup> do Banditismo que será estudado por Hobsbawm num capítulo exclusivo em seu *Bandidos*. Segunda: Ele "*corrige os agravos*", o bandido normalmente não tem propósitos revolucionários, é mais um restaurador que um reformador. Terceira: "*Tira do rico e dá aos pobres*", mito primordial do Ladrão Nobre, arquétipo de Robin Hood. Quarta: "*Nunca mata, a não ser em legítima defesa ou vingança justa*", salvo nos casos dos vingadores, onde os excessos de violência podem ter a finalidade de causar medo na família, ente, ou instituição rival. Quinta: "*Se sobrevive, retorna a sua gente como cidadão honrado e membro da comunidade. Na verdade, nunca deixa realmente a comunidade*". Sexta: "*É admirado, ajudado e mantido por seu povo*". Sétima: "*Invariavelmente morre em decorrência de traição, uma vez que nenhum membro decente da comunidade auxiliaria as autoridades contra ele*", este raciocínio em especial cabe muito bem aos moldes sertanejos. Oitava: "*É - pelo menos em teoria - invisível e invulnerável*." Nona: "*Não é inimigo do rei ou imperador, fonte de justiça, mas apenas da nobreza, do clero e de outros opressores locais*." Esta última característica no Brasil vem a coincidir com

---

<sup>60</sup> "Robin Hood, o LADRÃO nobre, é o tipo de bandido mais famoso e popular em todo o mundo, o herói mais comum de baladas e canções na teoria, ainda que não seja de modo algum na prática". E numa nota de rodapé sobre esta parte do parágrafo ainda acrescenta: "Para as finalidades deste livro, Robin Hood não passa de mito. Embora baladas a seu respeito remontem ao século XIV, normalmente ele não era visto como herói até o século XVI. Se existiu realmente um Robin Hood ou como eram os bandos medievais nas florestas são questões que deixo para os especialistas em história da Idade Média". HOBBSAWM, Eric. **Bandidos**. São Paulo: Paz e Terra, 2015. p.65

<sup>61</sup> E que também terá um subcapítulo deste trabalho só a tratar sobre o *Escudo Ético do banditismo*.

os períodos áureos do cangaço, de finais do século XIX e início do XX, quando os bandos eram ou estavam ligados a grupos ou regiões onde o milenarismo, a religiosidade exacerbada e o monarquismo eram muito fortes.<sup>62</sup> Sem entrar já no conceito de Vingador de Hobsbawm, as últimas características do ladrão-nobre vem muito a mesclar-se com a imagem que se tinha de Floro: a admiração, a invulnerabilidade, e não contra o sistema ou o governo, mas contra um oligarca local.

Já ao tratar dos vingadores, Hobsbawm se apropria dos conceitos sensíveis amor/medo para traçar os caracteres do vingador. Não obstante, por vezes, os vingadores podem adquirir uma ou outra característica do ladrão nobre, mas, na maioria das vezes, é dotado de uma crueldade sem tamanho que, no caso do bandido social, poderia atingir o *Escudo Ético* que os mantém protegidos das autoridades públicas pela sua comunidade. Ele evoca, para ainda assim existir uma proteção dada aos vingadores pela comunidade, um outro tipo de empatia, a empatia do empoderamento de um pobre e desimportante sertanejo (em seu sentido genérico), através da violência e do medo que faziam até os mais portentosos coronéis tremerem. Da figura de Lampião ele diz:

Os fracos devem poder identificar-se com o grande bandido. Como escreveu o poeta Zabelê: “*Por onde Lampião anda. /minhoca fica valente, /Macaco briga com onça /E carneiro não amansa*”.<sup>63</sup>

O que Hobsbawm queria explicitar com isso era que a figura do vingador tinha um grande respeito pelo fato de vir do povo e não fazer necessariamente o papel de valentão<sup>64</sup>: "O jovem Virgulino não queria ser doutor, e sim um vaqueiro, ainda que não tenha aprendido o abecedário e 'algarismo romano' com apenas três meses na escola e fosse hábil repentista."<sup>65</sup> Ou seja, um sertanejo como qualquer outro que, de alguma forma, pelejava contra as autoridades e servia de representação do que todos queriam ser, sertanejo humilde, vaqueiro, com a sensibilidade do repente, mas que, como escreveu um cantador a respeito: "Ele matava de brincadeira, por pura perversidade, e alimentava os famintos como amor e caridade."<sup>66</sup>

---

<sup>62</sup> HOBBSAWM, Eric. **Bandidos**. São Paulo: Paz e Terra, 2015. p.66-67

<sup>63</sup> Idem. p. 68

<sup>64</sup> Uma das tipificações pelo antropólogo Estácio de Lima das figuras beligerantes do sertão nordestino, junto com o *Cabra*; o *Capanga*; o *Pistoleiro*; o *Jagunço*; e por fim o *Cangaceiro*. Uma boa definição para a figura do *Valentão* foi dada por Costa Pinto e *Lutas de Famílias no Brasil*, p. 166.: “*braço vingador de famílias em luta*.” Ou seja, de subordinação mesmo que relativa à algum coronel ou mandatário local, visão contrária a que Lampião gostaria de tomar para si.

<sup>65</sup> HOBBSAWM, Eric. **Bandidos**. São Paulo: Paz e Terra, 2015. p.85

<sup>66</sup> Idem. p. 84

Dessa forma, é claro o simplismo, ou melhor, ingenuidade da análise de Hobsbawm sobre o modelo do *vingador*, ao menos ao aplicado nos sertões brasileiros, não se adequando às verificações de cunho regional. E também há o fato do seu estudo sobre o vingador ser restrito aos séculos anteriores ao XX, com a exceção de Lampião. Igualmente não se utiliza de análises antropológicas, como outros autores o fazem, a exemplos de Costa Pinto (1920-2002), Lambert (1901-1991), Ulisses Lins de Albuquerque (1889-1979) e Estácio de Lima (1897-1984). Algo lamentável, mas inteligível dado o grande esforço que seria estudar cada área do globo de forma tão atenta.

Richard Slatta em um livro publicado e organizado por ele, no qual em cooperação com estudiosos das ocorrências do banditismo na América Latina, como Linda Lewin e Billy Chandler, atinam para várias faltas de Hobsbawm ao tratar da região, claro, uma vez ou outra encontram-se concordâncias. Linda Lewin por exemplo, discorda do estereótipo do Bandido Social na América Latina no concernente a sua adaptação conceitual, porém entende quando se trata do fator da elite monopolizadora econômica oportunamente podendo ser de importância para a criminalidade, e esta é também uma conclusão aceita por Paul J. Vanderwood (1929-2011), que estuda o banditismo no México do século XIX.<sup>67</sup>

Mas talvez a crítica mais severa a Hobsbawm vem do aqui no Brasil conhecido pela elogiada biografia de Lampião, Billy Jaynes Chandler. Ele discorda da figura de Lampião como Vingador.<sup>68</sup> Em contrapartida, ele encontra mais razões pessoais, locais

---

<sup>67</sup> Para Crítica de Paul J. Vanderwood: “*Throughout the nature scope, and intensity of banditry changed over time, banditry throughout the nineteenth century acted on the basis of self-interest and opportunism, not in defense of peasant class interests. Many willingly hired out as mercenaries to the highest bidder.*” *Ibidem*, p. 3/4

<sup>68</sup> Crítica de Billy Jaynes Chandler à Hobsbawm: “He convincingly refutes Hobsbawm’s depiction of Lampião as ‘the avenger’. In searching of motivations among Brazilian bandits, Chandler finds more local, familial, and personal than broad social roots. Family Feuds, endemic to the backlands, not class injustices, moved many to the outlaw life. Like Vanderwood, he sees personal desires for economic betterment as central. Banditry offered a easier remunerative, adventurous life to the rural poor of the Sertão. In social composition the gang headed by Lampião varied substantially from Social Bandits envisioned by Hobsbawm.

“Chandler also offer compelling evidence that a volatile culture of violence permeated the backlands. This confrontational milieu, coupled of personal honor, and an extreme concept of manliness, interjected conflict and violence into interpersonal authority exercised by the landed elite, criminal activities by Lampião and the others outlaws increased.

“On the other hand, the traditional culture hierarchy and political order tightly constricted legitimate economic ventures. The capricious application of the law alienated the rural masses from the official organs of power. Anti-establishment ballads and tales gained great currency among the poor of the backlands. Chandler attributes Hobsbawm’s faulty portrait of Lampião to Hobsbawm’s overreliance on popular ballads and sensationalized stories developed by urban middle-class writers with little knowledge or empathy for peasant culture or values.” *Ibidem*, p. 6

e familiares do que razões sociais. Não encontra motivações de injustiças de classe que teoricamente conduziriam pessoas a levar uma vida marginal de foras da lei, ladrões ou rebeldes. Vê o adentramento do campesino no mundo do banditismo como aspirações pessoais por melhoramento financeiro ou uma vida livre e de aventuras como motivações centrais. Simplesmente uma vida emocionante para o pobre campesino. E é através dessa lente que Chandler entende Lampião, o mundo do cangaço e todas os outros fenômenos de violência relacionados.

Em Frederico Pernambucano de Mello, podemos encontrar, já que este trabalho é sobre um fenômeno de violência bem regional e relativamente restrito geograficamente, que se muito expandiu foi por dois Estados, uma proposta de análise muito mais atenta, pluralista, esmerada no seguimento de conceitos não só bem adaptados mas que são endêmicos à região, assim podendo-se usar os conceitos sociológicos de *Ocorrência e Recorrência*.<sup>69</sup> O próprio Gilberto Freire no prefácio da primeira edição do *Guerreiros do Sol*, em Abril de 1984, diz que o autor utiliza-se de um pluralismo metodológico. Além do método rigoroso histórico-social, “Sua abordagem vai além da socialmente histórica: inclui por vezes, a antropossocial e não raro, a sócio ecológica: a tocada de alguma perspectiva ecológica e do coletivo que considera.”<sup>70</sup> Foi sem dúvida em Frederico onde encontramos a fonte mais frutuosa não só de reflexões sobre o tema como uma vasta bibliografia e sugestões de fontes.

Luiz de Aguiar Costa Pinto, nos prefácios e introduções de sua obra "Lutas de Família no Brasil" (1959), também é muito atento a nossa realidade. Apesar do seu estudo de caso ser entre lutas de famílias no interior paulista do século XVII, ele trata de maneira muito densa e profícua, nos prefácios e introduções citados, as ocorrências que vão, desde o Vale do Pajeú até o Vale do Ipanema (Alagoas e Pernambuco). Já através do estudo elencado, por Jacques Lambert [s. d.], em "*La vengeance privée et les fondements du droit public internacional*", ele vai introduzir aos conceitos de vingança privada, um outro conceito advindo da sociologia que é o da "grande família", que seria um núcleo complexo ligado por sangue e agregados, que possui todos os dispositivos

---

<sup>69</sup> Introdução de Gilberto Freyre para à primeira edição de *Guerreiros do Sol*, de abril de 1984: “Ocorrência dramática das que o autor, por vezes, se utiliza para fixar aspectos menos comuns no banditismo no Nordeste. Pois não lhe falta – embora silencie a respeito – o senso sociológico de ocorrência e recorrência. E a matéria de que principalmente se utiliza, na análise e na interpretação do fenômeno que considera, é a constituída por predominância de recorrências. Matéria, por conseguinte, menos histórica que sociológica, sem deixar de ostentar relevos históricos.” p.10

<sup>70</sup> MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. 5. ed. São Paulo: A Girafa, 2011. p.9

que o Estado, em nível territorial, possuiria, inclusive o jurídico e penal. Isso se deve, segundo Costa Pinto, em análise inspirada em Lambert, algo como uma grande família funcional e hipertrofiada, dando justificativa racional para a vingança:

Não exercer a vingança - como hoje o Estado não impor obediência à Lei - seria, além de expor-se a novos atentados, desrespeitar a norma, infringir a regra, ir de encontro ao costume e ameaçar a própria sobrevivência e o equilíbrio social.<sup>71</sup>

O que poderíamos refletir através disto? É que numa ausência de Estado, a sociedade que se queda fora da jurisdição e da proteção estatal tem de, obrigatoriamente, preencher esse vácuo de poder através de costumes locais. E o teórico intenta, por meio de uma arqueologia sociocultural, afirmar que a evolução das organizações sociais-humanas parece ter-se feito de modo que a comunidade de sangue precedeu a comunidade-território. É uma análise que nos faz muito recordar a noção do Estado-território / Estado-nação dissecado por Hobsbawm em "A Era dos Impérios", só precisa -se a recordar num período antecedente a criação destes Estados.

E Costa Pinto vai mais além, pois explica a motivação das vendetas entre famílias, em seus aspectos mais detalhados, e depois as causas do declínio dessa mesma vingança privada. Nesta categorização, ele afirma que a vingança privada não deve ser confundida com a Lei de Talião (olho por olho, dente por dente), já que nesta a repressão é proporcional ao crime. No caso de lutas de família, acontece como algo radical; só há um objetivo no calor dos acontecimentos: o extermínio total da família rival, como ele escreve *ipsis litteris*:

Revela notar que, nesse estágio do Direito, a individualização das responsabilidades, significa um rebaixamento para o indivíduo, enquanto que, se esta responsabilidade é coletiva, em função da solidariedade familiar, isso significa uma elevação do status da pessoa.<sup>72</sup>

E dentro deste grande núcleo familiar, complexo, a solidariedade dos entes ante as vendetas podem ser ativas, como a vingança à morte de um dos seus, ou passivas, como a proteger-se lutando contra a vingança de outrem.

Levando-se em conta que tudo isso ocorre em um Estado-Território, mister que autoridades públicas tivessem algum tipo de manifestação sobre estas ilegalidades. Porém, em tais situações, estas autoridades costumam ser quase sempre impotentes e

---

<sup>71</sup> PINTO, Luiz de Aguiar Costa. **Lutas de famílias no Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, 1980. p. 9. E nesta mesma página ainda diz “*Dentro da família, no caso de, por exemplo, tratar-se de um homicídio, costuma caber aos parentes mais próximos da vítima o dever de, com mais ardor e resolução, dar início à represália.*”

<sup>72</sup> Idem.

mais pacificadoras que ostensivas. Ao invés de pedir a detenção de determinado vingador, entra em acordo com a família para que ele se auto exile, o que levaria à finalização da vendeta. Nesse sentido, Costa Pinto afirma:

Para o caso brasileiro, havemos que nos recordar que o Estado impotente para impor uma solução legal, sempre intervém ilegalizando o vingador. Mas o faz com habilidade, sem contestar o poder privado numa posição frontal.<sup>73</sup>

É costume de Costa Pinto usar como condensação desta dicotomia Estado/Família (privado), os termos *Hipertrofia Privada/Atrofia do Estado*. Semelhante à dicotomia *Público x Privado*, abordada na introdução.

Esta forma acima é uma das que ele identificou de pôr fim a uma briga de famílias, uma atuação suave e pontual das autoridades públicas na vendeta; as outras são: falta de possibilidades monetárias de uma ou ambas família envolvidas na briga, de possibilidades morais, ou seja, perder em algum momento a justificativa para ser absolvida pela comunidade a qual pertencem, e em tratados de paz, normalmente através de casamentos e acordos políticos. Em outras palavras, uma briga de famílias exige todo um aparato, de armas, homens e tempo ocioso para a execução da tarefa de beligerância. Como bem percebeu Hobsbawm, os surtos de banditismo, comumente levando-se em conta que o banditismo seja um fenômeno rural/semi-rural, só podem advir do campo ou de localidades estritamente ligadas às lides rurais, e assim sendo ocorrem nas entressafras, que eram os momentos em que os camponeses podiam largar suas enxadas e pegar em armas. Sendo assim, é necessário que um chefe de família em vendeta tenha boas condições financeiras para manter seus intentos beligerantes até o final. A rixa acaba por vias morais quando um dos assassinos reconhece que procedeu de forma injusta, e as partes se aquietam. É essa a brilhante conclusão de Costa Pinto: "as lutas de família podem findar-se pelo extermínio de um dos grupos em luta, ou por um tratado de paz firmado entre os grupos beligerantes, ou pelo esgotamento das duas partes, passado o tempo, quando se convencem da inutilidade de prosseguir a luta".<sup>74</sup>

Ao se debruçar sobre a obra de Frederico Pernambucano de Mello, vemos logo uma crítica sua às interpretações, que ele considera simplistas, de Cristina M. Machado e de José Honório Rodrigues (1913-1987), ambos seguidores de uma retórica marxista. Eles, na sua opinião, utilizam-se do lugar comum da violência como resposta ao autoritarismo dos coronéis. Contudo, Pernambucano de Mello encontra explicações bem

---

<sup>73</sup> Idem. p. 53

<sup>74</sup> Idem. p. 16

mais variadas para o fenômeno do banditismo, obviamente com foco no cangaço, o que não é nosso caso neste trabalho, mas vale a análise. Ele conseguiu ir além de Hobsbawm (no quesito regional), fazendo uma categorização bem mais apurada da nomenclatura conceitual do banditismo, ao encontrar as figuras do "valentão"; do "cabra"; do "capanga"; do "pistoleiro"; do "jagunço" e, é claro, do "cangaceiro". E a partir destas nomenclaturas conseguiu analisar, de maneira mais estrita, os fenômenos, locais, grupos e pessoas, inserindo-os, por vezes, em até mais de uma categoria.

Frederico Pernambucano de Mello enxerga o sertão como um resquício Medieval-Ibérico e em seu povo um modo de agir anacrônico de todos os outros que vivem próximos de centros de poder. Em sua arqueologia sociológica, ele demonstra o porquê do sertão tender a ser mais violento que outras partes do Brasil; e nisso ele se embasa, desde os escritos da viagem de Henry Koster (1793-1820), que já observava no sertanejo um misticismo medieval, com crenças em encantamentos, em relíquias, em feitiços, mas principalmente um sentido muito extremo de vingança.<sup>75</sup>

Frederico poderia muito bem está seguindo os passos doutro teórico no referente ao comportamento do sertanejo, como resquício da colonização do sertão nordestino/alagoano, Eduardo D'Oliveira França, que via e expressou em sua tese, defendida pouco tempo após a fundação da USP, um homem ibérico, antes da restauração portuguesa, com características de profundo individualismo, onde todos se sentiam *Fidalgos*, e o poder público era desprezado.<sup>76</sup>

\*\*\*

Este termo *Escudo Ético* cunhado por Frederico Pernambucano de Mello partiu de uma análise muito apurada sendo capaz de encontrar termo tão sintetizador no que se pretende. Numa análise rasa, o escudo ético seria uma forma do bandido sair ileso da opinião pública da comunidade da qual pertence ou até mesmo de uma comunidade bem mais numerosa e distante, diante de um delito. Não é inútil recordar que estamos

---

<sup>75</sup> Henry Koster observou em suas viagens que apesar de “geralmente resolutos e bravos” eram “corajosos, sinceros, generosos e hospitaleiros [...] ainda que extremamente ignorantes” e pendentes à “crença nas encantações, relíquias e coisas da mesma ordem”, no entanto sendo o sertanejo “boa raça de homens”. E aconselha aos desatentos: “Essa gente é vingativa. As ofensas muito dificilmente são perdoadas e, em falta da lei, cada um exerce a justiça pelas próprias mãos”. Henry Koster. *Viagens ao Nordeste do Brasil*, p. 161.

<sup>76</sup> FRANÇA, Eduardo D'Oliveira. **Portugal na Época da Restauração**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

tratando de uma sociedade à margem do direito civil ou código penal do território nacional na qual se encontra.

Das literaturas usadas para esse trabalho podemos encontrar esse *escudo ético* envolto em alguns dos caracteres do *Bandido Social* de Hobsbawm e inclusive do *Vingador* por ele também traçado.<sup>77</sup> Também podemos vislumbrar esse escudo quando o quesito são as lutas de família relatadas no estudo de caso escrito por Costa Pinto. Para ele, a ausência desse escudo ético – apesar de não usar o termo – é uma das motivações do encerramento de uma briga, quando esta perde a legitimidade moral perante a coletividade nativa.

O *Escudo Ético* é o que legitima, por exemplo, que um filho vingue o assassinio do pai cometendo outro ou outros assassinatos aos culpados de tal crime. Certamente que numa visão Constitucional este vingador deveria ser punido, junto com os assassinos do seu pai, porém, para a lei jurisnatural a qual esse vingador pertence, ele tem além do direito, o dever de vingar a morte do seu ente, sob pena, inclusive, de ser envergonhado por covardia pelos seus pares. Mais um claro exemplo de composição de um código de conduta e controle social em uma sociedade à margem do Estado.

*Escudo Ético* é o que difere um vingador, um homem que mata por honra, um *Bandido-Social* (aos moldes de Hobsbawm), de um criminoso comum, de um meliante, um ladrão. É evidente que para o Estado todos fazem parte da mesma categoria de criminosos a serem punidos.

O conceito além de variar e adaptar-se organicamente de comunidade para comunidade, pode modificar-se ainda mais quando se tipifica o perfil de “criminoso”. No caso do cangaceiro, Nertan Macedo cita o caso de um, o famoso “Jararaca”, que foi acusado pelo Coronel Sabóia, em Mossoró – RN, de ser ladrão: “*Você é um cabra forte e, ao invés de viver defendendo a legalidade, anda por aí assaltando, matando, roubando, seu ladrão!*”, donde o bandido estremeceu e respondeu: “*-Não sou ladrão,*

---

<sup>77</sup> Há vários trechos no *Bandidos* em que Hobsbawm trata desse *escudo ético* mesmo não usando o termo. Inclusive já inicia o segundo capítulo do seu livro (o que é banditismo social?) parafraseando um tal de Enrique Morselli-Sancte De Sanctis, que em sua *Biografia de un bandido, Giuseppe Musolino difronte ala psichiatria e ala sociologia. Studio medico-legate e cozierazioni*, Milão, 1903; citado in L. Lombardi Satriani e M. Meligrana, orgs., *Diritto popolare: la Calabria negli studi di demologia gioridina*, Vivo Valentia, 1975, p. 478., coloca: “*Se um bandido típico deseja uma longa carreira, deve ser ou parecer um filantropo, mesmo matando e roubando da melhor forma que puder. De outra forma, arrisca-se a perder o apoio popular e a ser tomado por um assassino ou ladrão comum.*” E ainda nas palavras do próprio Hobsbawm temos “O principal com relação aos bandidos sociais é que são proscritos rurais que o senhor e o Estado encaram como criminosos, mas que continuam a fazer parte da sociedade camponesa, que os considera heróis, campeões, vingadores, pessoas que lutam por justiça, talvez até vistos como líderes da libertação e, sempre, como homens a serem admirados, ajudados e sustentados”. p.36

*não senhor, coronel. Me chame de assassino, mas não me chame de ladrão. Eu não furto, coronel, eu tomo pelas armas!*”.<sup>78</sup> Imaginamos que este roubo tenha acontecido a um rico, porque se fosse de um pobre seria imediatamente deslegitimado e tal personagem, o famoso “Jararaca”, não mais seria aceito e protegido por sua comunidade e nenhum bando ou coiteiro lhes dariam asilo. A questão que fica é: para quem o roubou, para si, ou para distribuir entre os seus. A resposta não se sabe, mas ela poderia esclarecer se teoricamente este bandido seria escudado por sua gleba, ou ainda ser colocado numa das categorizações do Bandido-Social/Ladrão Nobre de Hobsbawm.

Em resumo, o *Escudo Ético* no banditismo é o que determinada comunidade, a partir de um direito advindo dos costumes, jurisnatural, toma como crime de facto, punível, ou direito do indivíduo, naquilo que a nível de Estado estaria planificado como crime. *Escudo Ético* é o limite até onde o bandido pode chegar e continuar a ser aceito pelos seus.

Este subcapítulo tende a ser pequeno e não tão relevante no assunto a que queremos tratar. Foi inspirado, em partes, em Frederico Pernambucano de Mello que tem um capítulo especial em seu *Guerreiros do Sol*<sup>79</sup> dedicado a estas ocorrências, sustentado por Hobsbawm e também pelas críticas feitas ao mesmo por Slatta, Lewin e Chandler.

Trata-se que o banditismo tende a ser endêmico em certas áreas pelas razões aqui já citadas à exaustão. Porém podem tornar-se epidêmicos por motivações específicas. São termos que funcionam melhor quando o fenômeno de banditismo é grupal, mas como aqui estamos falando de rixas de família e crimes de honra, a endemia é a regra. Claro que rixas de famílias envolvem grupos numerosos, mas como veremos não vão depender das mesmas motivações que o cangaço, por exemplo, para se tornarem epidêmicos. Colocamos aqui brigas de família como crimes de honra.

Através dos estudos elencados em *Guerreiros do Sol*, donde o autor analisa textos de viajantes e até de geógrafos, observamos que a maioria dos grupos de cangaceiros ou salteadores desenvolveram-se em épocas de grandes secas ou de agitações populares de cunho político nacional.<sup>80</sup> É citado várias secas e com elas os

---

<sup>78</sup> MACEDO, Nertan. *Capitão Virgulino Ferreira Lampião*. Rio de Janeiro: Leitura, 1962. p. 213

<sup>79</sup> Capítulo III. Cangaço: do endêmico tolerado ao epidêmico repellido. p. 85 à 112.

<sup>80</sup> Duas citações podem caber aqui para explicar e embasar como tal fenômeno pode ocorrer, a primeira do *Guerreiros do Sol*: “A seca de 1877-79, talvez a maior de todos os tempos, representa momento bem eloquente no demonstrar esse jogo de substituição momentânea do banditismo endêmico pelo epidêmico mais desabrido, a suscitar empenhos de governos igualmente especiais, em consequência do alarido do povo, multiplicado pela imprensa. Na fala com que encerrou a primeira sessão e abriu a

grupos surgidos, mostrando como os meios naturais, suas carências e agravos do Governo podem sublevar certos grupos de bandidos numa sociedade onde a violência já seja latente. Hobsbawm, ao tratar sobre isso, observa que em certas regiões na China e noutros locais do mundo, onde cataclismas à níveis governamentais, como quedas de impérios, trocas de governo, quando as autoridades, ficaram imobilizadas e incapazes no sentido de fiscalização do setor privado da sociedade, o banditismo conseguiu atravessar o endêmico, epidêmico e chegar no pandêmico. Mas este último caso, salienta o escritor, é raro.<sup>81</sup>

Nos casos dos crimes de honra na região analisada por este trabalho, tais crimes sempre permaneceram endêmicos e quando ameaçaram alguma modificação foi para o fim. Talvez por não sofrerem influências tanto quanto outras categorias, como o cangaço, das intempéries da natureza. Já no outro caso, o de rixas de famílias, não poderia tornar-se epidêmico por não ser algo que envolva todo um povo, mas núcleos isolados que qual tamanho for a briga, será remota e reduzida a um punhado de agregados, capangas e pistoleiros.

---

segunda, da legislatura da Assembleia geral do Brasil do ano de 1879, lamentava o Imperador a quebra ‘em alguns lugares’ da ‘segurança individual e da propriedade’. ‘As causas notórias – dizia ele aos parlamentares – por mais uma vez trazidas ao vosso conhecimento, acresceram outras provenientes da calamidade da seca e conseqüente mudança da condição e hábitos da população. O governo empenha-se em combater essas causas e acredita que cessando o efeito daquele flagelo e mediante a enérgica repressão ao crime, seja mantida a segurança individual e respeitada a propriedade”. p. 99-100 Já as palavras do Imperador que ele tomou no texto foram retiradas do *Diário de Pernambuco*, edição de 5 de maio de 1879. A segunda citação que pode ser feita é do Hobsbawm, donde neste caso os maiores críticos deles já mencionados em capítulos anteriores, críticos do conceito e tipificação do Bandido Social, poderiam vir a subscrever, digo: Billy Chandler, Linda Lewin e Vanderwood: “O banditismo tendia a tornar-se epidêmico em épocas de pauperismo ou de crise econômica. O nítido aumento do banditismo no Mediterrâneo em fins do século XVI, para qual Fernand Braudel chamou atenção, refletiu o acentuado declínio das condições de vida dos camponeses nesse período”. p.42

<sup>81</sup> “Como fenômeno de massa (vale dizer, como ação independente de homens violentos e armados), o banditismo somente ocorria onde o poder era instável, estava ausente ou havia entrado em colapso. Nessas situações, o banditismo passava a ser epidêmico, ou até pandêmico, como aconteceu na China entre a queda do império e a vitória dos comunistas.” *Ibid.*, p.30.

## II. Capítulo: Sertão do Ipanema: *Floro Gomes Novaes, o último cangaceiro.*

Floro Gomes Novaes – estranhamente contrapondo todas as fontes por nós lidas, Frederico Pernambucano de Mello em um pequeno esboço biográfico o nomeia Novais – autodenominou-se certa vez um cangaceiro, um daqueles que viriam para continuar uma tradição dos que lutavam contra os desmandos dos coronéis em que as oligarquias poderosas tinham o poder a si concedidos pelo Estado, num ato para além do desdém, um claro consentimento.

Hobsbawm discordaria disso, nos seus *Bandidos* ele diz que

No Nordeste do Brasil, onde o banditismo entrou em fase epidêmica após 1870, atingiu o apogeu no primeiro terço do século XX, o fenômeno chegou ao fim em 40 e desde então extinguiu-se.<sup>82</sup>

Nem se precisa afirmar que quando ele fala de “banditismo” e “epidêmico”, está se referindo ao cangaço, e que quando ele define os anos 1940 como época de extinção dessa “epidemia” está falando da finalização do período chamado Lampiônico, com seus grupos esparsos ainda lutando contra as volantes para vingar a morte de Lampião, como aconteceu com o bando de Corisco e Dadá. Mas talvez um forâneo, mesmo do calibre de Hobsbawm não venha a ter nas *brasilians backlands* palavra de arremate a esse respeito, mesmo com tipificações claras no campo da violência, na teoria nacional ou estrangeira, Floro poderia sim está inserido ou mesmo variegado no grupo dos intitulados *cangaceiros*, de forma legítima e correta.

Floro possuía bando, não tão numeroso como o dos cabras que um Senhor Pereira, Corisco (Diabo Loiro) ou Lampião possuíam. Contudo o tinha, como bem retrata a foto (consta nos anexos deste trabalho) cortesmente cedida à Frederico Pernambucano de Mello para o seu *Guerreiros do Sol* por Valdir Oliveira, onde estão figurados o famoso Valderedo, “vingador sem máculas” da Várzea da Dona Joana – AL, que era lugar-tenente de Floro e o grande atirador dos sertões alagoanos, Faísca, tendo servido Floro no seu prelo contra os inimigos durante muito tempo. Frederico Pernambucano de Mello, em seus *Guerreiros do Sol*, ainda dar-nos outros nomes, mas entendemos que estes não eram parte permanente do bando de Floro, já que os jornais lidos para este trabalho não citaram nenhum deles. É claro que havia aqueles que, hora ou outra, colaboravam com Floro em sua peleja, por respeito a sua figura, por necessidades monetárias ou simplesmente por favor. Nas monetárias é importante que

---

<sup>82</sup> HOBBSAWM, Eric. **Bandidos**. São Paulo: Paz e Terra, 2015. p. 44

se diga que em idos da década de 1960, Floro já era um dos fazendeiros com maior produção de feijão do vale do Ipanema pernambucano, podendo assim pagar do próprio bolso, com dinheiro digno e honrado, alguns seguranças que porventura precisasse. No quesito de favor, sempre houve aqueles que em suas próprias rixas não conseguiam administrar e, assim sendo, procuravam a proteção de Floro e automaticamente aglomeravam-se ao bando. Mas não conseguimos, por falta de documentações, mencionar estes últimos, primeiro por não terem feito atos de grandes vultos e segundo que eram voláteis em suas presenças com o famanaz vingador, iam e vinham quando solicitados ou em necessidades próprias.

Voltando à tese do “Cangaceiro Floro”, curiosamente conseguimos encontrar muitas similitudes entre este e o mais famigerado de todos eles: Virgulino Ferreira, o vulgo Lampião. Ambos entraram para o mundo do crime pelo mesmo motivo, o assassinio feito por poderosos acobertados pelo Estado à entes seus queridos; este e aquele eram temidos e respeitados tanto pelas autoridades públicas quanto pelos delinquentes. É certo que um nasceu em Pernambuco, outro em Alagoas, porém, os dois em áreas historicamente conhecidas pela violência epidêmica; até mesmo a cegueira do Cel. Virgulino, sofrida num dos olhos por espinho de quipá (tipo de cacto endêmico nos sertões nordestinos) numa fuga empreendida pelo avanço da “macacada”<sup>83</sup> contra o bando, era partilhada por Floro Gomes. Inegavelmente agiram em diferentes tempos. Quando acontecia o massacre na gruta de Angicos, comandada pelo volante do Tenente João Bezerra, em julho de 1938, onde foram chacinados Lampião e seu bando, Floro não passava de uma criança de 7 anos de idade em outro Estado da Federação. Decerto não se atinava muito bem para tudo o que estava acontecendo ao seu redor, talvez apenas por comentários alarmantes, de tons perplexos proferidos por seu pai Ulisses junto com sua mãe Guiomar, numa hora ou outra de divertimento, muito rara na vida laboriosa do sertanejo que nasce pobre, sobre as incríveis sagas lampiônicas e/ou das crueldades cometidas pelas volantes – noutras palavras policiais-cangaceiros - que intimidavam onde passavam e cortavam os membros dos coiteiros (nomenclatura dada à época aos ricos, poucos eram pobres, que ajudavam cangaceiros, com mantimentos e local de esconderijo) que ousavam proteger ou fornecer qualquer ajuda material ao *Rei Vesgo*.

---

<sup>83</sup> Macaco era o apelido dado a policiais, no caso da época do cangaço, a tropa da volante, aos policiais. “Macacadas”, sendo, era o coletivo de macacos, policiais.

Naturalmente há uma anacronia em níveis conceituais e práticos do cangaço de Lampião e do de Floro Gomes Novaes, entretanto uma coisa é certa, entraram no crime pelas armas e por elas morreram, ambos traídos. Eis uma das características do *bandido social* delineado por Hobsbawm e outros tantos teóricos daqui e de fora: sua invulnerabilidade, só sendo sua morte possível através de estratagemas, pois este é comumente queridíssimo – ou ao menos temido – por aqueles que lhes cercam, por sua comunidade, onde apenas um deslize dele próprio ou indisciplina em suas proteções conseguidas através dos rezadores com suas mágicas, jejuns e sortilégios – assunto que trataremos mais a frente - poderia sitiá-lo numa situação limite, de morte.<sup>84</sup>

A partir de agora abandonando à Floro a qualidade de cangaceiro, autodenominação que afinal de contas foi proferida pouquíssimas vezes -afirmando isso pelas fontes que contatamos<sup>85</sup> - talvez por ignorância do mesmo ou admiração ao movimento, vamos sincronizar os fatos e coloca-lo onde ele realmente deve estar na visão dele mesmo noutras horas – sim, ele se contradizia e, por vezes desdizia o que pensava sobre si. Estamos falando de um ser humano e próximo a nós cronologicamente, não de uma figura criada pelo ideário popular, incontestável e sem contradições, como um Robin Hood. E a partir desta tipificação, suas várias alcunhas de enobrecimento: “vingador das Alagoas”, “pistoleiro sem máculas” ...<sup>86</sup>

---

<sup>84</sup> Essa é pode se enquadrar em 2 das 9 características que Hobsbawm dar ao Ladrão Nobre em seu quarto capítulo de *Bandidos*, apesar de estarmos falando sobre crimes de honra, rixas de família e derivados, a descrição oitava feita para o ladrão nobre vem bem à calhar com a dos nossos vingadores: a Invulnerabilidade, e a morte somente por traição. “Não eram eles invisíveis e invulneráveis? Assim se crê que sejam todos os “bandidos do povo”, provavelmente contrário a outros fora da lei, e a crença reflete sua identificação com o campesinato. Sempre viajam pelo interior do país com disfarces impenetráveis, ou com roupas comuns, sem serem reconhecidos pelos agentes da lei, até eles próprios se identificarem. Assim, como ninguém os denunciará, e como são indistinguíveis do homem comum, são *praticamente* invisíveis. As histórias que deles se contam apenas dão expressão simbólica a essa relação”. p.76

“Contudo, a invulnerabilidade dos bandidos não é apenas simbólica. Quase invariavelmente ela se deve as artes mágicas, o que reflete o interesse benevolente das divindades em suas atividades. Os bandidos do sul da Itália portavam amuletos bentos pelo papa ou pelo rei, e consideravam-se sob proteção da Virgem; os do sul do Peru apelavam para nossa senhora de Luren, e os do Nordeste brasileiro para os beatos locais”. p.76-77

<sup>85</sup> Da nossa documentação, apenas estes jornais tratam Floro como cangaceiro: GRANJA, Paulo. Floro Novaes, o último vingador. Gazeta de Alagoas, Maceió, 29 de agosto de 1975. Opinião, p.6.; BAÍA, Roberto. Mãe de Floro e Maurício Novaes, está praticamente inerte. Tribuna de Alagoas, Maceió, 12 de março de 1999.; GONÇALVES, Roberto. Um ser sertanejo e Justiceiro. Tribuna de Alagoas, Maceió, 31 de março de 1999.; OLIVEIRA, Jorge. Correio da Manhã. Uma história do cangaço. Rio de Janeiro, 3 de março de 1971 e OLIVEIRA, Jorge. Floro Novaes: o último vingador. Gazeta de Alagoas. Maceió, 29 de agosto de 1935.

<sup>86</sup> Editorial. Crimes e processos insolúveis em Alagoas (sinopse). Jornal Extra. Maceió, 8 de junho de 2011.

O mais lógico do ponto de vista narrativo seria colocar o início deste idílio trágico em seu ponto factual, no evento motivador das rixas, porém faz-se necessário que noutra preâmbulo de um texto já cheio deles, façamos outro mais, citando-se as condições sócio-políticas em que nosso protagonista nasceu.

Floro nasceu em uma fazenda, zona rural de um povoado (por si já semi-rural) à época pertencente ao município de Santana do Ipanema, o Capim<sup>87</sup>, que somente foi desmembrado e tomou o título de cidade em 1959. Pequeno torrão que não somava 8.000 habitantes. A fazenda Boa Vista era um conglomerado de casas humildes, o é ainda hoje, raramente construídas em alvenaria, maioria das residências dando-se preferência à taipa<sup>88</sup>. Lá viviam os Gomes Novaes e seus agregados. Como é do costume familiar sertanejo, as moças(os) vão casando e próximo à sede da fazenda a que pertencia o noivo(a), constroem suas casas. Quando se vê, há uma fazenda que mais parece uma vila, pais, irmãos, netos, primos e parentes, todos a compartilharem entre si.

Ao menos na geração a que nos referimos, não houve nenhum Novaes importante, salientando novamente, gente muito humilde. O desafortunado Ulisses Gomes Novaes era um marchante, trabalhador que operava matando e curtindo as carnes dos bovinos e caprinos para nos dias de feira no Capim (ocorriam às terças) ir vende-las e assim sustentar a família. Seus filhos Floro, João, Antônio e Maurício ainda eram muito jovens para poderem ajudar na renda familiar.<sup>89</sup>

Claro que por ser um *habitué* das feiras e ser de uma família humilde, porém respeitada pela hombridade, Ulisses invariavelmente teria de conhecer muita gente, pobre e rica, de influência ou não. Inclusive Enéias Vieira, futuro arqui-inimigo de Floro, era padrinho de um dos filhos de dona Guiomar Novaes, o Maurício. Ironicamente foi este fato de conhecer toda a gente e ser também conhecido que datou-lhe, e transformou algo cotidiano numa rixa que duraria quase 20 anos.

---

<sup>87</sup> “FLORO GOMES NOVAIS (1931-1971), natural de Olivença, Alagoas, filho de Ulisses Gomes Novais e Guiomar Guedes Novais, fez-se bandido no ano de 1951 para vingar a morte de seu pai, ato culminante de uma série de divergências entre sua família e o clã dos Vieira, representado especialmente pelo chefe municipal Enéias Vieira, de Capim, hoje Olivença, Alagoas.” MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol: Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo: Girafa, 2011. p.167

<sup>88</sup> casa cuja estrutura é feita com vigas de madeira entrecruzadas e preenchidas por barro.

<sup>89</sup> Não há como saber ao certo qual a idade dos irmãos de Floro na época do assassinato de Ulisses Gomes Novaes, porém, sabemos ao certo que Maurício Gomes Novaes tinha oito anos de idade, Floro dezoito anos e que João Gomes Novaes era o caçula. Sobre a idade de Maurício Gomes Novaes: PINSKY, Luciana. Caso de Chapéu de Couro, suspeito de executar deputada alagoana, mostra a sobrevivência dos pistoleiros que matam por encomenda. O Globo. Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2010; sobre a idade de Floro e do seu irmão caçula: OLIVEIRA, Jorge. Uma história do cangaço. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 3 de março de 1971.

A maior tragédia que o povoado do Capim presenciou até então ocorreu em 1935. Era terça-feira (dia de feira no povoado) e os Vieira, uma das famílias mais influentes do sertão alagoano, provocou um tiroteio no centro do local. O prelo acabou com um carro-de-boi carregando os corpos dos pistoleiros Temazinho Nunes, Neco Paraibano e Pedro Firmino. Os cadáveres foram enterrados, diga-se jogados, numa valeta qualquer por detrás da rua principal do vilarejo.<sup>90</sup>

Os pistoleiros eram inimigos de Enéias Vieira de Oliveira, homem tão temido quanto odiado em todo o município de Santana do Ipanema. O homem era envolto em tantas intrigas que todos os domingos em que se trajava para ir à missa dominical, na sede do município ou nos povoados, na segunda-feira aparecia um morto.

Poderíamos a partir de um direito jurisnatural justificar esses casos que se contam através de uma defesa legítima numa luta de família, por exemplo, onde mata-se ou morre, algo tão corriqueiro em idos daquela época e em tal região. Mas o que nos parece é que os Vieira o faziam nos caracteres da pura ambição política de dominar o povoado do Capim a todo custo.

Havia uma única mercearia em todo o lugarejo, e pertencia justamente a Enéias e ao seu pai, o famoso Mano Vieira, assentado no “baronato” sertanejo desde seus ancestrais e a quem todos deveriam curvar-se quando em passagem. E essa dita venda era monopolizadora de todos os produtos que um *capinhense* quisesse adquirir, mesmo que esse só pudesse ser encontrado em centros maiores, como Santana. Esse monopólio era tacitamente acordado pelas armas. Não são poucos os relatos de alguns que ousaram comprar sua farinha, talvez um pouco mais fina e saborosa do que a da venda de Enéias, e nem tiveram tempo de mistura-la ao feijão para o almoço do mesmo dia.

Os Vieira mandavam e desmandavam no município e naturalmente sofriam represálias cotidianamente, todavia domavam todas elas. Não esperavam que seus poderes políticos, econômicos e bélicos seriam desafiados por um menino franzino de 18 anos de idade, prometendo vingança a fidalguia enquanto olhava a massa cefálica do seu pai no meio de uma estrada enquanto estava indo cumprir sua religiosa tarefa de trazer o pão de cada dia para sua casa.

---

<sup>90</sup> “A maior tragédia em Capim ocorreu em 1935. Era dia de feira (terça-feira) e a família Vieira provocou um tiroteio na cidade. Depois de uma hora, os carros de boi carregavam os corpos dos pistoleiros Tomazinho Nunes, Neco Paraibano e Pedro Firmino. Os cadáveres eram sepultados numa valeta atrás da rua principal do povoado.

Lembram os moradores de Olivença que quando Enéias ia no domingo assistir missa, no outro dia aparecia um pistoleiro morto.” OLIVEIRA, Jorge. Uma história do Cangaço. Correio da Manhã, 3 de março de 1971. p.2

A descrição de como viu o pai pela última vez é dramática: “Mataram meu pai de tocaia. Deram uns tiros e depois esmagaram a cara dele com a coronha do rifle. O velho ficou tão estragado que eu só reconheci pelas mãos, pela roupa. O que ele estava espalhado por uns seis metros. Uns 8 contos que ele levava no bolso da calça, roubaram. Depois foi chegando gente. Chegou o delegado Zé Viana, com um soldado, Zé Darca. Queriam levar meu pai para Major Izidoro/AL para fazer o exame. Eu estava quase desarmado, só tinha um punhal grande, mas não deixei levar meu pai”.<sup>91</sup>

Por volta de novembro de 1951, Ediberto Vieira, cunhado de Enéias, segredou a Ulisses que pretendia mandar matar Manoel Roberto, moço afamado como encenqueiro na região, e que não havia nada no mundo que o impedisse de cumprir o ato. Ulisses, pai de Floro, próximo como era de ambos, do feroz e do jurado de morte, teve pena de Manoel Roberto e aconselhou-lhe a passar um tempo fora do lugar até a raiva de Ediberto arrefecer um pouco. Nisso, Manoel Roberto em um rompante de desespero, quem sabe se por recusar-se a fugir e abandonar sua fazenda, ou quiçá imaginando não ter nem mais tempo de fugir, rumou a Santana para falar com o delegado – que também era farmacêutico – chamado Caroula, em busca de proteção do Estado.

O delegado prometeu assistência, todavia chamou para prestar depoimentos a família Vieira, Ulisses e Manoel.

Os Vieira como era de esperar-se, tudo negaram: “-*Isto é safadeza de Ulisses. Esse cabra tá mentindo, seu Caroula!*”<sup>92</sup>

Pois bem, oito dias depois deste encontro na delegacia de Santana, Ulisses foi assassinado quando no caminho da sua fazenda para a feira de Olivença, bem como também foi morto 15 dias após o próprio Manoel Roberto.

Mataram o senhor Ulisses de tocaia, num fino estradio ao lado de uma umburana. Deram vários tiros de rifles em sua cabeça e depois a esmagaram com coronhadas, crânio e face ficaram tão desfigurados que, segundo o próprio Floro, só reconheceu o pai pelas roupas e pelas mãos. Até mesmo os oito contos de réis que o velho levava no bolso, tomaram-lhe. Floro pegou o lenço vermelho que o pai sempre levava consigo para assoar o nariz e começou a recolher os miolos do pai enquanto chegava gente mais e mais, e entre essa gente o delegado Zé Viana junto com o soldado

---

<sup>91</sup> GONÇALVES, Roberto. De Editor Geral a Repórter no Sertão. Jornal do Commercio. 26 de outubro de 1970. s.p.

<sup>92</sup> OLIVEIRA, Jorge. Uma história do cangaço. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 3 de março de 1971. Anexo, p. 2.

Zé Darca; queriam levar o corpo a Major Isidoro - AL para os exames cadavéricos, Floro, mesmo desarmado, Floro os impediu, mesmo portanto apenas arma branca.

Ao repórter do *Jornal do Comércio*, aproximadamente um ano antes da emboscada que seria vítima na caçada de veados, ainda recordava pesaroso:

Eram mais ou menos sete e meia ou oito horas da manhã de uma terça-feira que nunca mais vou esquecer, dia 4 de dezembro de 1951, quando nós todos já pensávamos no Natal, nas festas de fim de ano.<sup>93</sup>

Diz que soube do ocorrido por ter chegado um morador a contar-lhe de pronto: “-Floro, seu pai morreu”.

No prefácio da obra de Clerisvaldo Chagas *Floro Novais, herói ou bandido?*, o também escritor Antônio Machado rememora que quando criança ainda lembra de Floro falando ao seu pai, que também se chamava Floro: “-Xará, quando eu apanhei os miolos de meu pai, espalhados pelo chão, não chorei, mas senti dentro de mim uma revolta.” Sobre o caráter de seu pai, numa entrevista ao *Jornal do Comercio*, disse Floro: “-Até dos bichos ele tinha pena. Sua arma era o machado de abater os bois. Quando a terra cobriu meu pai, eu jurei que aquilo não ficaria assim. Eu preferia não viver nem mais um minuto se não pudesse vinga-lo”.<sup>94</sup>

Mais um dos crimes que, segundo o jornal *Correio da Manhã*, Enéias foi acusado. Foi preso apenas uma vez, mas por motivo menor comparado aos de assassinato, logo depois solto pela influência de Adaildo Nepomuceno, ex-prefeito de Santana do Ipanema. Dentre os crimes que o cartório de Santana alia a Enéias estão os de, em 1951, mandar executar Ulisses Gomes Novaes; logo depois o fazendeiro Manoel Roberto em Olho d'Água das Flores – AL; o de emboscar e atingir com cinco tiros a enfermeira Elizabeth Delfim; o de no dia 18 de fevereiro de 1965 mandar matar na Fazenda Nova o então vereador José Nogueira, usando o pistoleiro Adildo Lourenço Fontana, e no lugar morreram outros pistoleiros que prestavam serviços ao primeiro: José Terto e Cicero Cazuza; e somente em 26 de abril de 1965, foi Enéias preso pela Polícia Federal inquirido por ter em suas mãos armas privativas do Exército Brasileiro.

---

<sup>93</sup> CALHEIROS, Vladimir Maia. De editor-geral a repórter no sertão. *Jornal do Comércio*, Recife, outubro de 1970. s.p.

<sup>94</sup> Idem.

Depois de solto, o que aconteceu muito rapidamente, respondeu o inquerido na Sétima Região Militar.<sup>95</sup>

Depois de todo o rebuliço da morte de Ulisses, a população ainda estava chocada de como um homem tão honrado e tão à parte das brigas políticas que ali ocorriam poderia ter sido morto daquela forma e por motivo tão tacanho, uma verdadeira crueldade. Seguiu-se os protocolos imediatos de enlutamento, o corpo foi levado e enterrado no cemitério da cidade de Jacaré dos Homens. Família e cidade chorosas ainda e os Vieira espalhando por toda a cidade que tinham sido eles mesmos os mandantes e que de nada adiantaria o choro.

Cerca de 1 mês após o ocorrido, Floro saiu momentaneamente para São Paulo, se queda lá vinte e dois dias trabalhando em fazenda ou sabe-se lá o que maquinando, enquanto isso não parou de receber cartas de sua mãe Guiomar a dizer-se constantemente ameaçada por homens de Enéias e que passava fome. Floro voltou de São Paulo. É importante que se fale a respeito disto, do costume de um vingador no sertão se auto exilar durante certo tempo logo após o ato que o tornará no futuro vingador de fato. Alguns o fazem para reflexão e planejamento da vingança, sempre a manter contato com o seu torrão natal a fim de poder escrevinhar a lista de acusados aos quais vai se vingar, outros por medo de morte pelos mesmo que mataram seu ente, pois como o costume de vingança é endêmico no sertão – e tem costumes próprios -, mata-se a pessoa e mata-se o(s) varão(ões) próximo(s) teoricamente predisposto à vingança e, tem até aqueles que saem para fazer algum tipo de treinamento de combate e auto defesa. Enquanto isso, dona Guiomar a dizer: “-*Enquanto eu for viva, meu filho Floro não há de ser morto por Enéias. Só sossegarei quando ver o corpo do desgraçado indo para cova*”<sup>96</sup>. Como o exposto mais à frente, talvez a emboscada que quase 20 anos depois matou Floro não tenha vindo da família Vieira (nesta época Enéias já havia sido assassinado por um Novaes), mas sim por problemas outros, criados na fazenda Mamoeiro em Itaíba - PE, derradeiro retiro de um Floro já vingado e tranquilo à respeito dos antigos inimigos.

Regressando ao Capim, Floro continuou trabalhando na roça do seu pai, mas percebeu que continuando ali todos correriam perigo. Então, sua família foi para Arapiraca – AL e ele procurou emprego no povoado de Carneiros, também pertencente

---

<sup>95</sup> OLIVEIRA, Jorge. Uma história do cangaço. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 3 de março de 1971. Anexo, p. 3.

<sup>96</sup> Idem.

a Santana. Vendeu uma vaca por cinco contos de reis e comprou um revólver. Diz-se que treinava tiro todos os domingos mirando em caixas de fósforo e conseguia acertar a cabeça de uma catenga com um rifle a 30 metros de distância. Mas só descansou nessa empreitada de autodisciplina quando conseguiu cortar um cigarro com um revólver de calibre 45. Era canhoto, mas atirava com as duas mãos e era capaz de acertar o mesmo alvo ao mesmo tempo. Apesar disso tudo, ainda não se considerava um grande atirador, dizia sempre haver melhores que ele. Suas armas eram nomeadas: a *Smith e Wesson*, 38, era a “Salamanta” (uma espécie de cobra muito comum no sertão), o mosquetão era “Alecrim” e o inseparável revólver 45 era “Cobra Preta” que dizia ser a melhor arma do mundo. Entre as armas brancas uma faca de 12 polegadas e um facão.

Já no sertão, Floro vendeu uma vaca por 5 contos de réis e comprou um revólver. Foi morar em Carneiros, distrito de Santana do Ipanema, onde começou uma rocinha. Aos domingos treinava tiro-alvo em caixa de fósforos. Aprimorou tanto a pontaria, que acertava a cabeça de catenga com rifle a 30 metros. Só parou um pouco de manejar as armas aos domingos depois de conseguir cortar um cigarro ao meio com um revólver calibre 45.

Era canhoto, mas atirava com as duas mãos. Sacava os dois revolveres de uma vez, acertando no mesmo alvo. Não se considerava um bom atirador, sempre dizia que tinha gente melhor do que ele no gatilho. Suas armas eram batizadas: *Smith & Wesson*, 38, era Salamanta; e o mosquetão chamava-se Alecrim.

Além disso usava uma faca de 12 polegadas, um facão, e não se separava da 45, Cobra preta. Adorava-a e fazia questão de dizer que era a melhor arma do mundo.<sup>97</sup>

Já aí Floro tinha sua lista, sabia que João José e seu irmão Antônio Jacinto (Cintinho), com mais dois pistoleiros tinham sido os executores do crime, mas sua lista continuava: Enéias Vieira de Oliveira; seu irmão João Vieira de Oliveira, o Janjão; Ediberto Barros, cunhado de Enéias e à época vereador de Anadia, outra cidade alagoana; Telesso, que já dizia aos quatro cantos que havia fornecido as armas para o crime; e José Izídio mais Artur, que estavam envolvidos também de forma intelectual no crime.

Por volta de dez meses após o assassinato de Ulisses, em 5 de outubro de 1952, Floro começou a passar os riscos em sua lista. Em Major Isidoro – AL, há um povoado chamado Capelinha e Floro, através de uma rede de informações que já tinha criado para os seus propósitos de vingança, soube que o João José, um dos pistoleiros que estavam presentes na morte do pai estava lá, procurou-o nas cercanias e o viu entrando numa mercearia. A cena deve ter sido interessante: entra Floro, menino de 19 anos muito magro num semblante ao mesmo tempo que zangado, frio, a dizer para todos os

---

<sup>97</sup> Idem.

presentes incluindo um delegado que lá estava proseando, a João José: “-*Prepara seu caixão. Você nunca mais mata pai de homem*”. João José ainda tentou sacar o revólver, mas Floro mais rápido acertou-lhe dois tiros na testa. O finado caiu nos braços do delegado. Logo depois saiu correndo se livrando das balas das armas de todos que ali estavam. “-*Quando corri, ouvi mais de 30 disparos. Até o delegado, com um mosquetão, errou o alvo*”.<sup>98</sup>

Os conhecidos de Floro eram muitos, os amigos muito poucos. A esses todos não deixava de dizer que só queria morrer no dia que Enéias morresse por suas próprias mãos. Numa entrevista transcrita pelo mesmo jornalista Jorge Oliveira, do *Jornal do Comércio*, ele disse que morreria e iria “pretinho” para o inferno se morresse antes de Enéias.

Em 1957, Enéias, então delegado do Capim, contratou alguns pistoleiros para matar Floro, José Veridiano Jacinto, irmão de João José, primeira vítima; José Izídio e mais um desconhecido na região. Estava tudo marcado para o dia 27 de julho do mesmo ano, numa quarta-feira, porém na terça-feira foi avisado e se preparou, escolheu um bom lugar e emboscou os capangas, morreram os dois primeiros, cada um com dois tiros na testa, o desconhecido conseguiu fugir caatinga adentro. Floro ainda teve tempo de interrogar Izídio e descobrir que de fato haviam sido contratados por Enéias e que havia recebido de José Jacinto trinta contos para cumprir a missão. Mais dois riscados da lista.

Um outro Vieira, chamado Antônio, poderoso dono da fazenda Massapê e de uma ramo diferente da família, muito respeitado pela retidão e pela pouca afeição às rixas, tentou fazer as pazes – ao menos momentaneamente - entre os Vieira e o Novaes. A reunião entre as duas partes aconteceu na própria fazenda, Floro compareceu, mas Enéias mandou o pai, Manuel Vieira. A contenda até que teve uma pausa de aproximadamente um ano, quando o próprio Antônio Vieira apareceu morto de forma misteriosa. Bandeira branca em baixo mastro, recomeçou a briga.

Não demorou muito a jeito de Enéias preparar mais um ardil para Floro. Contratou um cigano afamado chamado Daniel, que costumava viver e montar acampamentos no sítio Pantas, município de Itaíba – PE, zona onde nesta época Floro já vivia, só que na fazenda Mamoeiro, por quinze contos de reis. Mais uma vez outro capanga de Enéias morto, e mais uma vez com dois tiros na testa. Acredito que já

---

<sup>98</sup> Idem.

podemos tomar esse modo de matar “do vingador das Alagoas” como um *modus operandi*, quase uma demonstração de soberba da excelente pontaria. Veremos que esse modo não continuará até o final da vingança, porém se manterá por muito tempo.

Pouco antes disso, na fazenda Mamoeiro, recebia Floro o pistoleiro José Alves com a proposição de que pela sua ótima pontaria e perícia receberia 200 contos do próprio Enéias para matar um desafeto. Floro não anuiu e disse que jamais mataria por dinheiro. Depois veio-se a descobrir que aquilo nada mais era do que uma armadilha, se tivesse ido junto com José Alves, teria sido pego por Enéias, o cigano Daniel e Ediberto, assassinado e posto numa barraca em feira livre na Olivença para que todos soubessem que ele era pistoleiro de aluguel, pondo abaixo todo o mito que já tinha-se criado sobre o “bandido sem máculas”.

Abreviando mais nomes da lista, neste entremeio dois autores intelectuais do crime que ceifou a vida do Senhor Ulisses foram mortos por Floro, e claro, com dois tiros na testa. João Vieira de Oliveira, em 16 de novembro de 1960 e Ediberto Vieira Barros em 6 de fevereiro de 1961.

Houve um pequeno período de paz, no qual Floro casou-se - malgrado não sabermos ao certo a data do casório, mas julgando que numa publicação de 1971 o filho do casal, Ezequiel já contava os 11 anos, podemos supor que desposaram no início da década de 60 - e vivia com sua esposa Dona Isaura e seu único herdeiro na fazenda Mamoeiro, numa casa rústicamente bela, toda construída em tijolos de barro vermelho sem nenhum revestimento externo. Essa casa encontra-se hoje em ruínas, mas os que se aventurarem à adentrar a caatinga fechada nas imediações do Mamoeiro, saindo do meio do mato e como que por mágica encontrarem uma clareira de relevo plano, ainda poderá ser vista e ter um linda impressão de como fora poucas décadas atrás.

Dona Isaura era viúva e tinha uma filha chamada Maria das Graças, que estudava em Garanhuns – PE, no famoso (e caro) colégio católico para internas, o centenário Santa Sofia. Dona Isaura teria provavelmente outro filho mais com Floro além de Ezequiel, se não fosse um evento que veio a perturbar a tranquilidade que já durava meses.

Como já foi dito alguns parágrafos acima, Floro possuía um bando permanente muito parco (dois ou três camaradas, no máximo), ainda que sempre estivesse acompanhado de pessoas que cuidavam-lhe de proteger e ajudar pelos mais variados motivos também já supracitados. Em 1962, albergou em sua residência um pistoleiro baiano chamado Antônio de Dina. Pois, no dia 5 de janeiro viu sua casa ser cercada por

mais de trinta policiais vindo da Bahia, e como aquela ética de prender bandido afamado e mandar para o judiciário era irreal naquelas paragens, tais agentes estavam preparados para prender ou matar o Dina e quem quer que ousasse se interpor em defesa dele, em especial Floro que já era um dos *bandidos* mais procurados do Brasil. Houve um longuíssimo tiroteio e Dona Isaura foi baleada numa das coxas e um dos projéteis atravessou-lhe a barriga, matando um filho do casal que faltava pouco para ver a luz. Isaura ainda andou de muletas durante vários meses, e ainda atualmente quando fala-se dela na região, mencionam esse seu traço que acompanhou-a até a morte, ser coxa de uma das pernas, independentemente de, a partir do evento, ela passar a adaptar todos os seus calçados com um pedaço de borracha ou couro volumoso.

Volvendo a narrativa ao povoado do Capim, a partir de 1959 – junto com outros sete povoados - já apartado de Santana do Ipanema – AL, agora município chamado Olivença, podemos constatar como rixas de família junto com a má administração, comumente de caráter oligárquico, podem dificultar o desenvolvimento em seus mais pluralistas níveis nos locais onde ocorrem. A cidade em inícios da década de 1970 tinha cerca de 8.356 habitantes, teve um decréscimo de 1.500 habitantes aproximadamente comparado a 10 anos antes da época citada, 1971, tomando como fonte o jornal *Correio da Manhã*. O amedrontamento de pessoas, o revertimento de capital de produção dos detentores da terra e de produção econômica sendo revertido para fins bélicos e a própria taxa de mortalidade/assassinatos altíssima podem ser explicações possíveis para essa emigração/desaparecimento da população. No mesmo jornal supracitado, Floro desabafa

O governo não está vendo de fato quem é o prefeito de Olivença. Enéias é um pistoleiro, um assassino e tem polícia para servi-lo. O sargento Silva e o Barros faziam absurdos na região, em nome do Governo. Ainda hoje, o Enéias anda pelas ruas, pelas feiras, com um jipe cheio de soldados com metralhadoras para amedrontar o povo. O homem causa nojo, ninguém gosta dele em Alagoas. Sei muito bem que a polícia não aceita suas manobras, mas o ajudam por ordem superior.<sup>99</sup>  
Não posso dizer, no entanto, que ele seja ladrão. Apesar de já me haver chamado disso, sem provar, eu não o ofendo dessa maneira. (p.3)

O primeiro prefeito da cidade, recém emancipada, foi nomeado pelo então Governador Muniz Falcão e se chamava Gilberto de Oliveira Cavalcante, que foi assassinado. Levando-se em conta que o segundo prefeito foi o próprio Enéias Vieira, não precisamos pensar muito sobre a motivação ou o mandante do assassinato do

---

<sup>99</sup> Idem.

primeiro, sabendo-se das ambições que fazia muito Enéias tinha em dominar a região. Quando o *familismo* vem a se estatizar e põe-se no meio político costuma ser igualmente trágico.<sup>100</sup> Ter o poder do voto é somente o primeiro passo para se conseguir dominar, de forma legítima; o segundo, que é o passo seguinte, são as armas. O terceiro prefeito foi José Maria de Menezes Neto, conhecido como Zé Duca, e o quarto representante do executivo na cidade foi a Senhora Maria de Lourdes Cavalcante, que fora viúva do primeiro prefeito, e que, tempos depois casou-se novamente, agora com o ex-policial e grande conhecedor da história de violência na região, o ex-militar Braz de Oliveira Souza. Sobre estes dois últimos voltaremos a falar mais adiante, e pararemos por aqui a lista sucessória de prefeitos de Olivença por ter tido esta última prefeita se quedado no mandato no tempo certo ou aproximado até onde termina nossa narrativa, ao menos à respeito de Olivença.

No Mamoeiro, em 1962, Floro chegou a um ponto tão alto de provocar, usando um termo de eufemismo, os poderosos, que criou-se uma operação da PM chamada *Caça Floro*. Com o comando do Sargento Rainere, cinco soldados se embrenharam na caatinga tentando encontrar o famanaz. Enéias, aproveitando o ensejo contratou um pistoleiro, que também era Sargento de polícia, um tal de Silva, mas realmente conhecido como “Cavalo Batizado” que por sua vez liderou 15 soldados e foram-se todos à perseguição de Floro Gomes. Floro catingueiro como era, logo se pôs em fuga com a família e a operação se mostrou completamente inútil. Talvez por muita falta de perícia dos oficiais e inimigos de Floro ao tentarem pega-lo em um local onde tudo era feito para evitar estes tipos de embocadas: várias rotas de fuga, locais próximos com suprimentos, esconderijos profundos... tudo isso Floro tinha à sua disposição no Mamoeiro. Nesse dia, Floro encontrou na estrada uma cobra, matou-a a tiros, alimentou seus companheiros com a carne, e a banha guardou para preparar unguentos para casos de ferimentos leves. Quando o ferimento era de bala ele usava raspa de quixabeira, planta muito comum na região, ou quando alguém do seu grupo era ofendido (picado)

---

<sup>100</sup> “Desde que o desenvolvimento da vida associativa excede a estrutura da sociedade de parentes, engendrando novas agências que surgem para satisfazer necessidades novas, e que, em comunidades de âmbito mais vasto, a vida de relação se processa de modo tal que ultrapassa a organização gentílica, as lutas de família vão perdendo o caráter com que aparecem nas sociedades primitivas ou arcaicas (*Paleo-mediterrâneas* ou *ocidentalóides arcaicas*) e, então, em torno de grupo de parentes em conflito, formam outras e outras famílias, com sua clientela, com seus partidários, arrastado à luta massa muito mais numerosa que aquela ligada apenas pelos laços de sangue [...] Agora é mais correto falar-se em partidos e facções que propriamente em famílias, embora seja ainda a família aquele núcleo de autoridade até bem pouco absoluta”. PINTO, Luiz de Aguiar Costa. *Lutas de famílias no Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1980. p.61

por cobra peçonhenta, era importante sempre ter “pedra de veado” (parte arredondada da bÍli do animal), para colocar no local da picada e tentar salvar o ferido.

Se eu morrer primeiro que Enéias Vieira não me salvo: vou de coração preto direitinho pro inferno. Não se pode deixar que ele trate homem de bem a bala, como fez com meu pai. Já foram muitas as misérias que ele e sua família praticaram sem qualquer punição. O mais revoltante é que ainda hoje, ele se orgulha da maneira bárbara como seus pistoleiros mataram meu pai.<sup>101</sup>

Perto de 1965 houve a primeira e Única prisão de Floro Gomes Novaes, acontecida sob vias, modos e desfecho absolutamente interessantes, como bem atestam uma matéria do extinto jornal *Tribuna de Alagoas*, publicada em 31 de Janeiro de 1999, pelo jornalista Roberto Vilanova e outra escrita pelo repórter Lelo Macena em 3 de janeiro de 2010 para o *Gazeta de Alagoas*.

Para captura-lo, Quintella teria usado sua habilidade de convencimento. Floro se entregaria, mas sob a condição de que seria julgado em Santana do Ipanema/AL. Quintella teria lhe dado a palavra de que assim seria.<sup>102</sup>

Supomos, o que a reportagem não deixa clara que, sendo julgado em Santana do Ipanema – AL, Floro Novaes teria um tribunal do Júri que o absolveria por medo ou empatia pela vingança há muito tempo pelo vingador iniciada, o que não ocorreria em Maceió – AL, por Floro ser um forâneo e tal sociedade não estar em ajuste com a legitimação do crime de honra como ocorre muitas vezes no sertão alagoano.

Valderedo (lugar-tenente de Floro), o vingador da Várzea da Dona Joana, município de Poço das Trincheiras – AL, à época lugar mais violento do Estado, resolveu entregar-se. As motivações podemos interpretar de várias maneiras: como cessar uma situação de perigo constante à qual passava, falta de dinheiro para continuar sua vingança, possibilidade de ser absolvido pela justiça e poder sentir-se homem livre novamente... e sabia que feita da maneira certa essa rendição poderia ser-lhe vantajosa. O trato foi feito com Rubens Quintella.

Rubens Quintella, homem sertanejo que conhecia a região como ninguém, diríamos um misto de soldado de volante com Estadista, que aliava a si uma perícia invejável de milico e um traquejo político que lhe dava acesso à todos os gabinetes dos poderes do Estado. Era delegado e foi o criador da Polinter, braço da polícia civil nos

---

<sup>101</sup> OLIVEIRA, Jorge. Uma história do cangaço. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 3 de março de 1971. Anexo, p. 3.

<sup>102</sup> MACENA, Lelo. Quintella: “Um Homem de Palavra”, *Gazeta de Alagoas*, 3 de janeiro de 2010. p. 9

interiores e zonas rurais de Alagoas e que varava os sertões em busca de ladrões de gado dando cabo de inumeráveis foras da lei. Era casado com Teresinha Lucena, filha de criação de um dos mais importantes e influentes “coronéis” que o sertão pernambucano teve no século XX, o Dr. Audálio Tenório de Albuquerque, dono da Fazenda Nova, antigo rincão interiorano dos Tenório Albuquerque e dos Albuquerque Maranhão, onde nasceu um dos famosos “alagoanos”, o ilustre Lourenço Tenório de Albuquerque Maranhão ou simplesmente Barão de Atalaia; o mesmo Audálio que mandava pedir em Paris os perfumes *Perfum d’Amour* da marca *Roger et Gallet* e distribuía ao bando de Lampião, e que também foi quem contratou o fotógrafo Benjamin Abrahão para tomar e fazer os filmes do bando num local próximo à fazenda. Enfim, o Quintella era um homem altamente respeitável por todos, meliantes ou governadores, mas o que em especial dava-lhe mais prestígio era a fama de ser homem de palavra imutável, uma frase do Dr. Rubens servia de documento carimbado, e foi justamente por isso que o vingador Valderedo resolveu entregar-se a ele mediante acordo. Mas eis onde Floro entra nessa história...

Valderedo manda uma carta lá da Várzea da Dona Joana para o Dr. Rubens dizendo que se entregaria se fosse ele julgado em sua terra natal e se Rubens viesse sozinho o prender. Rubens respondeu-lhe lacônico que aceitava o trato porém iria apenas com o motorista do Jipe, que neste tempo era o veículo padrão das polícias interioranas, pela resistência que tinha aos terrenos acidentados. Trato feito. Encontrar-se-iam num local próximo à Santana do Ipanema. Segue-se o diálogo segundo o *Gazeta de Alagoas*

Quintella chegou ao local marcado para o encontro, abrindo um cenário regional que marcaria, no final da década de 1960, a trégua das brigas e das mortes por vingança em Alagoas. O delegado se aproximou cauteloso, e entre xiques-xiques e mandacarus, uma voz quebrou o silêncio:

-“Doutor Rubens?”

-“Pronto. Que é que há?”

-“Espere aí”.<sup>103</sup>

Surge Valderedo do meio dos alaistrados e juazeiros, estatura mediana, chapéu de vaqueiro, armado porém em gestos pacíficos. Finalmente o “pistoleiro” da Várzea entregar-se-ia. Não esperava Rubens que próximo à ele, escondido, estava Floro e disposto a também fazer um trato para entregar-se, o mesmo de ser julgado em Santana, onde o corpo de jurados decerto por conhecerem sua história lhe absolveriam. Rubens

---

<sup>103</sup> MACENA, Lelo. Quintella: “Um homem de Palavra”. *Gazeta de Alagoas*. 3 de janeiro de 2010. p. 8.

aceita o trato e leva o dois no Jipe, não algemou-os. Ao chegarem à Santana, foram envolvidos por toda a gama de policiais civis, federais, militares, pasmos com o ocorrido e questionando o delegado em tom de reclamo não ter algemado os acusados. Preciso como sempre foi Rubens “-*Eu não prendi ninguém. Eles que se entregaram*”.<sup>104</sup>

Mas as coisas não aconteceram como havia de se esperar, os acusados foram enviados para a prisão em Maceió e de lá, dividindo a mesma cela, esperavam que o “Anjos da Morte” (alcunha dada a Rubens pelo ex-Cel. Cavalcante num dos julgamentos na década de 1990 quando estava sendo julgado por participar e liderar a lendária “Gangue fardada”) cumprisse o trato e os levasse de volta para o interior, para lá serem julgados. A família de Enéias usou de toda sua influência na Capital e o caso não foi transferido, ali mesmo ficariam eles, e a tomar de exemplo outros vingadores/bandidos famosos, dali não sairiam vivos dadas as penas enormes que receberiam e a iminência de serem mortos por inimigos dentro de suas celas.

Como já foi dito, Rubens Quintella era em especial conhecido por ser um homem de palavra, e era essa qualidade, ou orgulho, que desde a sua ascensão na carreira política e social, fora-lhe de mais valia. Escreve Pedro Jorge no artigo da *Gazeta de Alagoas*

[...] Havia dado a sua palavra ao “pistoleiro” e não a cumprira. O desfecho do caso acontece nos bastidores e é confirmado por policiais e figuras da imprensa à época. Rubens Quintella teria facilitado a fuga de Foro Novaes e cravado definitivamente seu conceito entre a “bandidagem”, e na polícia, como um “Homem de Palavra”.<sup>105</sup>

Valderedo também fugiu com Floro, e ambos voltaram para terminar o que havia começado, com ainda mais força e vontade. Para Floro ainda faltavam alguns, principalmente o famigerado Enéias Vieira. No entanto, havia um...

Um tal de Telecio, farmacêutico muito afamado em Olivença e que andava a contar a quem tivesse ouvidos para escutar que fora ele mesmo que havia fornecido as armas que mataram Ulisses, e “*que o molecote do Floro não viesse a ter-lhe, afora teria o mesmo destino do pai*” Não se sabe por que Floro tanto demorou a ceifar este, que no mais não passava de um débil comparado aos que já enfrentara durante essa longa jornada. Pois o dia chegara, e junto com ele uma dor de cabeça em Floro, ou esta antes daquela, enfim... eis como narra o *Correio da Manhã*

-Seu Telecio, o senhor tem melhoral?

---

<sup>104</sup> Idem.

<sup>105</sup> Idem.

O homem não teve nem tempo de responder. Quando virou-se recebeu seis tiros no rosto e caiu morto. Mas os crimes de Floro estavam chegando ao fim. Enéias Vieira era o último a morrer. Cincinto, outro criminoso de seu pai, foi morto no Rio. O último era Enéias, que com 55 anos batia nos peitos e dizia que era homem para enfrentar Floro Novaes.<sup>106</sup>

No que virá a ocorrer podemos dar valor a grande máxima do esteticismo inglês de que *A vida imita a Arte*, pois foi irônico como expressão literária mesmo a morte de Enéias, uma ironia dramática. Enéias seria morto, mas não por Floro, seu archi-inimigo, mas pelo seu irmão, o mais jovem deles, Antônio Gomes Novaes. Não que Floro viesse a se afligir com o acontecido, muito pelo contrário, se sentira aliviado da mesma maneira. Como já havíamos visto em teoria, as rixas de família são totalizantes na participação de membros e agregados, não é de um apenas a tarefa de corrigir os agravos feitos. Não custa-nos recordar o que Costa Pinto diz à respeito disso: “A vingança privada é, antes de mais nada, uma violência coletiva que põe frente a frente grupos, e não indivíduos” (PINTO, 1980, p. 5.).

Mais uma vez recorrendo ao *Correio da Manhã*, de todas as referências jornalísticas sobre Floro a que tem-nos sido de mais valia, segue-se como ocorreu a morte de Enéias. Recordando ao leitor que detalhes aqui ditos foram conseguidos através do Trabalho de Conclusão de Curso *Floro: Do Capim ao Riacho do Mel*, advém de conversas com os próprios contemporâneos de Floro e do ocorrido, pessoas que sinestesticamente viram, ouviram, farejaram e sentiram o que se passava à viva vista.

Pouco menos de um ano antes da emboscada que mataria Floro, um jovem de apenas 20 anos, iria consumir a vingança, Antônio Gomes Novaes, sempre incentivado por sua mãe na rixa com os Vieira, disse que viu Enéias pela primeira vez, na feira de Arapiraca onde a família Novaes, com exceção de Floro, se radicara. Ela sua mãe, Dona Guiomar lhe apontara o sujeito e repetiu-lhe algumas vezes que aquele fora o mandante do assassinato do seu pai. Ele guardou aquele semblante na mente, e começou a maquirar, agora de forma mais intensa, como poderia auxiliar sua família a reconquistar sua honra, passou a todas as segundas (dia de feira em Arapiraca – AL) ir flunar para ver se reencontrava o dito cujo. Nessa feira citada onde Guiomar lhe apontara Enéias pela primeira vez, Antônio contava apenas 16 anos. Por quatro anos guardou isso na mente, segundo a fonte já citada, o livro de Clerisvaldo Chagas.

---

<sup>106</sup> OLIVEIRA, Jorge. Uma história do cangaço. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 3 de março de 1971. Anexo, p. 3.

Cerca de oito meses antes do dia em que mataria Enéias, vendeu dois rolos de fumo, foi a feira do passarinho (feira onde compra-se e troca-se mercadorias) de Arapiraca e comprou um revólver. Esperou a oportunidade.

Soube por informantes que Enéias estaria na terça-feira na feira de Olivença. Era terça-feira, 22 de setembro de 1970

-Terça-feira pela manhã coloquei o revólver na cintura e fui procura Enéias. Peguei um caminhão, passei por Santana do Ipanema e desci numa estrada próxima à Olivença. A primeira cara que vi foi a dele. Fiquei calmo, não podia errar o alvo. Era chegada a hora. Em certo momento ele parou e fui me aproximando. Quando cheguei bem pertinho, puxei o revólver e disse: “Enéias cabra da peste, vire-se para morrer”. Quando ele virou acertei o primeiro no peiro. Enquanto me dava as costas e saía em direção a sua casa, disparei toda a carga de revólver nas suas costas e só parei quando ele caiu na porta da barbearia. Corri para fugir e a polícia me pegou. Fui levado no mesmo jipe que conduzia o corpo do matador do meu pai. Estava cumprida a missão.<sup>107</sup>

Enquanto isso o filho de Enéias, de também 20 anos de idade, muito choroso por cima do corpo do pai, bradava aos transeuntes

-Eu não quero vingança. Quero que as autoridades dêem segurança a minha família, que pretende vender tudo em Olivença e ir embora. Não quero saber de matança.<sup>108</sup>

Isso que Antônio Vieira falou é significativo de algumas maneiras, a primeira é a de ver a poderosa família Vieira finalmente amedrontada pelos filhos de um simples marchante que no passado foi brutalmente assassinaram por causa fútil, Ulisses Gomes Novaes; segundo ver como as rixas de família podem se extinguir com uma mudança de pensamento geracional intimamente influenciado pela educação que tiverem os indivíduos que nascerem após o início da peleja. Muito provavelmente esse Antônio Vieira não tivera uma educação *à la* sertaneja, tendo estudado nos melhores colégios da Capital e absolvido uma noção de lei que colocou para trás o costume jurisnatural de vingança privada como algo legítimo e, por último, esse discurso dele vem a cooperar com o que os sertanejos da região já têm certeza: a emboscada que vitimou Floro lá nas proximidades da fazenda Mamoeiro, no riacho do Mel, não partiu de Alagoas e tampouco da família Vieira.

Agora a versão dos que moravam em Olivença e presenciaram o assassinato de Enéias: logo após prenderem Antônio Novaes, o que aconteceu foi uma verdadeira tortura. Aqueles policiais, delegados e toda a grei de oficiais de colegas/comparsa de Enéias, brutalizaram tanto o jovem Antônio que quase não lhes sobraram dentes na

---

<sup>107</sup> Idem.

<sup>108</sup> Idem. p.4

boca. O objetivo principal era não mais tratar o caso como crime de vingança, mas político. Insistiram sob tortura que Antônio confessasse que havia matado Enéias a mando da prefeita da cidade Maria de Lourdes Cavalcante e do seu marido ex-cabo da PM Braz de Oliveira Souza, por ambições políticas desses dois citados. Aqueles que quiserem saber mais informações sobre o caso basta pegar os jornais *Gazeta de Alagoas* das duas semanas seguintes ao assassinato de Enéias que verão as fotos da prefeita e do marido estampadas como possíveis mandantes. Essa estratégia não carece de inteligência, daria um ar de parcimônia à rixa entre os Vieira e os Novaes ao mesmo tempo que poria a família Vieira em crédito para disputar as próximas eleições na cidade, além, é claro, de eliminar eticamente e juridicamente rivais em próximos pleitos, digo a prefeita Maria de Lourdes e família.

Antônio Novaes mesmo sob toda a flagelação do mundo negou terminantemente a tese que as autoridades locais queriam impor-lhe.

-Matei o assassino de meu pai pelas costas porque soube que ele era muito valente. Mata-lo era juramento. Não estou arrependido. Vinguei 21 anos de sofrimento de minha mãe, a quem Enéias e seus capangas deixaram viúva com quatro filhos pequenos.<sup>109</sup>

Enéias, sem sombra de dúvida, não era um homem fácil de morrer, mesmo quando surpreendido e alvejado, conseguia sobreviver de alguma maneira. Foram 5 as emboscadas colocadas por inimigos –e os tinha bastante – e por Floro para cima dele antes da única e certa colocada pelo irmão mais novo. Em 1958, quando era subdelegado de Santana, foi fazer uma apreensão em Fazenda Nova, nas cercanias de Olivença e foi ameaçado com uma faca pelo que iria ser preso, José Porfírio, o coitado do moço do faca levou um tiro na boca; em 1962, foi atingido, onde morava em Olivença, na rua Belarmino Vieira de Oliveira, por um tiro de mosquetão, nas costas, manteve-se 30 dias internado na casa de saúde São Sebastião e ficou completamente curado; em 1965, quando saía da igreja de Poço da Cacimba –AL, foi emboscado por Floro e a praça esvaziou ao perceber a presença das duas figuras no mesmo local. Floro atirou várias vezes mas não conseguiu atingi-lo; em 1969, quando num momento despreocupado foi pescar no açude de um dos cunhados, levou um balaço. Como os outros, não letal; e por fim em 22 de março de 1970, levou um tiro no braço direito, na porta da casa do vereador de Olivença, Antônio Felizardo, tiro dado pelo seu afilhado Maurício Gomes Novaes, um dos irmãos de Floro e filho da Dona Guiomar. Maurício

---

<sup>109</sup> Idem.

se tornaria muito conhecido nas décadas de 1980, 1990 e anos 2000 como “Chapéu de Couro”, o mais afamado dos pistoleiros alagoanos nos tempos recentes.<sup>110</sup>

Nisso, com a vingança já cumprida e a família Novaes vitoriosa, se é que haja vitória em tal circunstância, Floro, agora em outra casa na fazenda Momoeiro – não mais naquela de tijolos de barro vermelho que havíamos elogiado- aproveitava a estabilidade para escrever, contar os casos ocorridos, receber amigos, repórteres. Foi nesta época feita a famosa entrevista por Tobias Granja, onde vemos um Floro mais sereno, não menos desconfiado, porém na mansidão de um dever cumprido.

Numa entrevista dada ao repórter Paulo Granja (irmão do Tobias) para o jornal *Gazeta de Alagoas*, aproximadamente 30 dias antes da emboscada do riacho do Mel, nem conseguimos acreditar no Floro divertido que encontramos. Não mais um vingador, apenas um agricultor bem-sucedido, orgulhoso do que fez e construiu. Não abandonara de todo a segurança que desde muito procurava estar favorecido. Sempre na companhia de D. Neném, sua mãe de criação – sua mãe Guiomar vivia em Arapiraca - e diz-se curandeira, que era D. Neném quem fechava o corpo de Floro e o protegia das intempéries e emboscadas. Eis o Floro entrevistado por Paulo Granja

Floro já tinha conhecimento de que um jipe se dirigia a sua casa. Um controle que ele nunca me revelou o informa com antecedência da presença de estranhos nas proximidades.

Saboreando uma boa pinga com casca de bom-nome (uma árvore da região) Floro, falador como sempre, foi contando as novidades.

-Terminou minha vingança. A morte de Enéias Vieira (assassinado por seu irmão Antônio, de 20 anos) me deixou com um dever cumprido com meu pai.

-Quantos matei? Ora, nunca matei ninguém. Eu tava caçando nambu e os sujeitos escondidos no meio do mato. A gente atira e quando vai buscar o nambu tava lá mais um sem sorte...

Explodia em gargalhadas. A morte pouco importava para os seus valores.

-A polícia de Águas Belas fez um trato comigo: eu não pareço na cidade e eles não pisam nos meus calos. Outro dia é que me deixaram meio cabreiro. Precisei ir à cidade tomar uma cervejinha e quando me preparava para voltar, vi na estrada um monte de policiais. Tinha uns 20 homens.

-O que você fez?

-Acendi um charuto e passei com o jipe no meio dos meganhas.

Assim era Floro. Costumava dizer que “covarde morre muitas vezes e homem de coragem só uma”.<sup>111</sup>

Um Floro bem mais tranquilo, divertido, dado às bebidas, talvez confiante demais...

---

<sup>110</sup>PINSKY, Luciana. Caso de Chapéu de Couro, suspeito de executar deputada alagoana, mostra a sobrevivência dos pistoleiros que matam por encomenda. **O Globo**. 13 de dezembro de 2010. s.p.

<sup>111</sup> GRANJA, Paulo. Floro Novaes, o Último Vingador. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 29 de agosto de 1975. p.6

Esse relato que se segue é à partir do livro de Clerisvaldo Chagas, estudioso sobre Floro a mais de 30 anos, com quem tivemos o privilégio de conversar. Seu trabalho, apesar de não acadêmico, possui sua cientificidade, é baseado em história oral comparada e documentação jornalísticas que nos mostrou na pequena hemeroteca de sua casa, na cidade de Santana do Ipanema – AL.

Se inicia agora a última parte da narrativa, que começa lá no Capim e findará no riacho do Mel, ou “mé”, no dizer sertanejo. Tomo como fonte literária um livro do Reginaldo Heráclito (que consta nas referências) chamado *A morte de Floro Gomes Novaes e o aniversário da Sudene*. Há muito do que tirar-se dessa publicação para contar como ocorreu os últimos momentos do “pistoleiro sem máculas”. Sabemos do quão problemático é em um trabalho científico trabalhar fontes literárias, porém, neste caso, as “licenças poéticas” coadunam com os relatos jornalísticos bem como com o trabalho de entrevistas feitas no Trabalho de Conclusão de Curso em História pela UFAL: *Floro: do Capim ao Riacho do Mel*, já mencionado anteriormente. Nos jornais – *Correio da Manhã e Gazeta de Alagoas* -, por exemplo, talvez pela brevidade com que tomaram para interpretação do episódio, encontramos citações parcas e, por vezes, sem nexos algum, como dizer que na manhã da sinistra caçada de veados, Floro declarou a Dona Isaura, sua mulher, que iria visitar amigos, depois da barragem de Praquió. Algo completamente distinto do que dirão depois os mesmos jornais, mais ainda, do que já diziam e dizem aqueles que testemunharam ou estavam cerca no dia fatídico.

Chovia naquela quarta-feira de cinzas do dia 24 de fevereiro de 1971, como que por aqueles presságios que o grego Plutarco (46 d.C. – 120 d.C.) descreve antes da morte dos seus biografados nas *Vidas Paralelas*, tudo intuía para que Floro não aceitasse o convite de Mané Miúdo, marido da Senhora Edivirges e muito amigo da família Novaes – homem de confiança- para ir caçar veados no riacho de Mel. Tal-qualmente iriam a esta caçada os irmãos Wilson e Américo Lins de Carvalho, filhos do João Lins, que como Mané Miúdo moravam nas bordas da serra dos Cavalos, muito perto do Mamoeiro (referências conseguidas também através de *Floro: Do Capim ao Riacho do Mel*).

Inicialmente iam à caçada em um jipe que Floro possuía, o carro simplesmente não pegava, ainda pensavam que fosse a má qualidade do combustível, esvaziaram o tanque com uma mangueira e tornaram a colocar de outro que havia num tonel guardado para necessidades, como era muito natural guardar-se combustível nas fazendas por serem os postos de gasolina raros e comumente distantes.

Resolveram ir de burra mesmo, que ele tentava selar e ela empinava e bufava, ele mesmo pediu para o ajudante sair que ele mesmo selava: “*Sai daí fi da peste, deixe que eu selo*”.<sup>112</sup>

Floro limpou a espingarda calibre 12, contou os cartuchos, colocou 14 no aió – espécie de bolsa que o sertanejo usa para caçar, algo semelhante a um alforje – e dois no cano. Calçou as botinas, colocou uma roupa mais grossa devido à água da chuva e aos matos de espinheiros, ajeitou seu chapéu de sumé que tinha-lhe presenteado Sebastião Trovão, administrador da Fazenda Carié e reforçou o café da manhã.

Dona Neném, a senhora que era como mãe dele na ausência de Dona Guiomar e que além do carinho materno que nutria por ele, ainda era responsável pelas orações de “trancar o corpo” e proteções mágicas, já vinha pedindo-lhe desde o café da manhã para que ele não saísse. E pediu novamente na porta da casa quando juntamente com Wilson de Carvalho, já iam cada qual em sua burra em direção à caçada. D. Neném já vinha-lhe reclamando há muito o fato de ele não estar respeitando as orações e ingerindo muita bebida. Isso, segundo os costumes locais, abre o corpo e o expõe às piores mazelas, sem falar que era uma quarta-feira de cinzas, um pecado fazer caçada nesse dia, porém Floro andava muito indisciplinado no cumprimento dos aconselhamentos da curandeira.<sup>113</sup>

Wilson apressando Floro, dizendo que já estavam todos a espera-los no riacho. A chuva começou a serenar e depois o céu abriu. Fazia um dia muito bonito, os bem-tes vis a cantarem em seus tristes trinos, os colibris a saborearem as flores vermelhas do

---

<sup>112</sup> CHAGAS, Clerisvaldo; FRANÇA FILHO,. **Floro Novais, Herói ou Bandido?**. Alagoas: A Trolha, 1985. p. 60.

<sup>113</sup> Há uma crença na região dos poderes mágicos que podem se bem executados através de jejuns, orações e condutas apropriadas, proteger qualquer indivíduo dos males causados pelos inimigos. Não são poucos os relatos de que Floro Gomes conseguia se “invurtar”, ou seja, numa situação de perigo, fazia determinada oração ou sortilégio e simplesmente desaparecia, as pessoas tentavam vê-lo e como disse um dos entrevistados, Zé Bola: “*Tudo ficava amarelo e ninguém via o home*”. Sabe-se que o livro de São Cipriano era muito utilizado- pois neste mesmo há um certo feitiço para desaparecimento em momentos de perigo, não questionando sua valia prática – por vários pistoleiros, fugitivos ou vingadores sertão afora. Ainda hoje é tabu ter esse livro em casa, não faz muito bem para o local em que estiver, alguns o escondem embaixo dalguma arvores, outros no quintal... mas nunca dentro de casa. O próprio Frederico Pernambucano de Mello nos seu *Guerreiros do Sol*, cita 3 orações que eram feitas por Lampião em momentos de perigo, cito aqui uma delas: “ Da pedra cristalina/ minha pedra christolina que no mar foeste achada entre o cálix e a ostia consagrada, tremo a terra mas não treme nosso Senhor Jesus Christo no altar assim treme os coração dos meus inimigos quando olharem para mim eu tibenzo em cruz inão tu a mim entre o so ialua e as Estrellas as três pessoas distintas da Santissima trindade meu deus na Travissia avistei meus inimigos meu deus oqui fasso com eles Com o manto da Virgem Maria sou cuberto e com o sangue de meu senhor Jesus Christo sou valido tens, vontade de atirar porém não atira si mi atirar água pello cano da espingarda correrá si estiver vontade de mifura a faca da mão cahira si miamarrar os nós dizatarão e si mitrancar as portas si abrirão. offirricimento” p. 466 Como podem ver a grafia das palavras seguem não o padrão normativo, mas exatamente como foram anotadas pelo próprio Lampião.

cardeiro, as baraúnas e os flamboyants pujantes no caminho prometiam um dia de belo divertimento.

A aproximadamente 1 quilometro da fazenda, escondido por detrás de uma moita na caatinga, de tocaia estavam Jurandir Valença com espingarda 20 e Alfredo Godoy de mosquetão, ambos com 38 e facas à cinta. Eram inimigos de Floro na região.

Floro jamais poderia imaginar que naquele descampado poderia vir algo de perigoso, até que Jurandir com sua espingarda direcionou um projétil que varou a aba do chapéu de Sumé. Logo a perceber o que estava ocorrendo, pediu para que Wilson corresse para não morrer, que ele mesmo ficaria e resolveria a situação. E foi o que Wilson fez, disparou na montaria e correu de volta à fazenda Mamoeiro a toda pressa.

A parada que teve Floro ao receber o primeiro tiro em seu chapéu e o comando de mandar Wilson fugir, propiciou Alfredo acionar seu mosquetão e acertar um balaço nas costelas mindinhas de Floro que até queimaram lhe o braço.

A dupla de pistoleiros correu caatinga adentro enquanto Floro sentia uma dor forte asfixiando-lhe o peito, e o ódio mantendo-lhe de pé. Os sons de bala em meio à caatinga eram tão corriqueiros que não houve alma que de imediato procurasse investigar o que estava acontecendo. Enquanto isso Floro, sem conseguir enxergar de onde vinham os tiros, atirava para cima, sempre a praguejar “-*Vem para cá, amarelo safado, para gente morrer trocando tiro*”. E nisso tiro. E mais tiro.

A burra de Floro havia fugido e deixando-lhe lá, ferido e sem saber o que fazer, a não ser praguejar e pensar por qual lado da clareira entraria caatinga adentro para procurar os atiradores.

Enquanto isso, estavam Jurandir e Alfredo aflitos pela possibilidade do atentado não ter sido fatal e de terem sido reconhecidos. Pois como todos já sabiam, Floro só morreria por emboscada, ninguém ousaria enfrenta-lo homem à homem, tão perito e afamado ele era. Ainda deu tempo de tomarem um gole de cachaça que traziam num cantil quando quase como que por mágica aparece Floro na frente deles. Os dois, Alfredo e Jurandir atiraram ao mesmo tempo em Floro, que de tanta dor já havia perdido o reflexo. O tiro de mosquetão atingiu a perna esquerda partindo-a, e o da espingarda do Jurandir, recheada de rolimãs cravou o peito de Floro. Diz-se que nesta hora o homem urrou como um baixo. Caiu abaixo da copa de uma umburana. “-*Tu me paga, filho da peste!*”<sup>114</sup>, na região dizem ter sido as suas últimas palavras.

---

<sup>114</sup> CHAGAS, Clerisvaldo; FRANÇA FILHO., **Floro Novais, Herói ou Bandido?**. Alagoas: A Trolha, 1985. p. 92.

Wilson chegou do riacho, Américo e Mané Miúdo foram logo perguntando onde estava Floro, Wilson respondeu que quando estavam vindo receberam tiros e Floro o tinha ordenado a fugir. Todos foram para o local do tiroteio, enquanto Mané pede para Américo ir no Mamoeiro avisar a dona Neném.

No local do tiroteio nada encontraram, nem sangue. Havia a possibilidade de terem o matado e levado o corpo ou a polícia alagoana o tê-lo encontrado ainda vivo e o levado para as autoridades. Ninguém achou Floro nesse dia, D. Neném chorosa sempre dizendo que se Floro tivesse respeitado as “orações” nada daquilo teria ocorrido.

Apenas na quinta-feira, Floro foi encontrado encostado numa árvore, com a espingarda 12 no colo e olhos arregalados. O frio da noite aliado com a chuva deixou o cadáver tão intacto de um dia para o outro que quando o avistaram – em um local um pouco afastado de onde ocorrera o tiroteio – os que procuravam-no temeram se aproximar, e o morto, ainda vivo, pensar que eram os inimigos e abrir fogo.

Percorreram o caminho do tiroteio até onde encontraram Floro, e na trilha depararam-se com 12 cartuchos detonados, ficando apenas 2 no aió.

O velho João Paes, amigo dos Novaes do Mamoeiro, que residiam na fazenda Cachoeira Grande, vestiu o magro cadáver e mandou pedir um caixão em Garanhuns – PE. Os exames cadavéricos foram feitos pelo médico João Secundino de Souza, de Águas Belas - PE, e a *causa mortis*: hemorragia interna por vários ferimentos transfixastes perto do coração. Esse exame foi inclusive contestado pela justiça posteriormente, por esse médico não ter curso superior na área, não passando de um farmacêutico. O cortejo saiu da sua casa na fazenda, hoje pertencente à família Marinheiro. Dizem na região que o cadáver mesmo na sexta-feira já dentro do caixão para ser enterrado, lá na cidade de Jacaré dos Homens – AL, não exalava nenhum mal cheiro. Foi enterrado ao lado de seu pai.

A fazenda Mamoeiro virou manchete nacional, segundo um dos entrevistados para este trabalho de Clerisvaldo Chagas as estradas “*ficaram pretinhas de polícia*”, e muita gente importante dos dois Estados acompanharam os últimos momentos de Floro no cortejo.

Muita gente foi detida para averiguações, desde os que o convidaram para caçada até os que de fato provocaram a emboscada. Jurandir e Enéias Boiadeiro (pistoleiro afamado) confessaram, Alfredo Godoy desapareceu. Os dois primeiros condenados, mas pouco tempo de reclusão. Enéias Boiadeiro como mandante, Jurandir

como executor. Aqueles já citados como amigos de confiança: Wilson, Américo, Mané Miúdo... todos inocentados antes mesmo de irem à investigação mais profunda.

### **III. Capítulo. Sertão do São Francisco, Elísio Maia: *O Código de Honra Sertanejo em presença e a serviço do Estado.***

Esse estudo de caso será menos narrativo e também não explorará todos os eventos de possíveis análises a que merece. Elísio Maia foi um político muito importante no estado de Alagoas, estando até hoje no imaginário sertanejo, tanto pelas virtudes como pelo medo a que seu nome e o dos seus próximos provocam ainda em alguns locais. Há claro também a reverência de jornada, foram gerações e gerações com Maias ocupando cargos de grande envergadura na região, desde o começo do século XX até o findo dele.

Analisaremos tão somente o mais comentado desses fatos, e que a bibliografia a que nos debruçamos mais cita tanto quanto as fontes jornalísticas. O caso da Chacina da Tapera.

Esse é para ser um capítulo de ponto, onde nos encontramos no redemoinho entre o poder privado e o público. Desde o início ambos parecem se digladiar, destarte o privado, a família e a honra tomam o protagonismo no exercício da violência no sertão.

Na época mais tardia de poder de Elísio Maia, em meia vida até a sua morte, coincide com a época em que o Estado tenta se fazer presente nos rincões sertanejos, Elísio não é visto somente como um “coroné” mas também como um político com atribuições e deveres a serem cumpridos e regras a serem respeitadas. Como verão, ao menos por uma vez não o foi, houve repercussão e resposta do Estado. Se essa resposta do Estado foi ou não eficiente não nos importa em demasia, o fato de haver uma resposta sim, pois até então era algo inédito.

Por isso, além de escrever brevemente em comparação aos outros, o estudo de caso de Elísio Maia, também de contrapartida resgataremos duas figuras representantes do Estado em seu aspecto de força de opressão e supressão, Secretários de Segurança Pública, e nos indagaremos através de algumas de suas ações como travavam eles os sertões alagoanos.

Esse capítulo é interessante ao mesmo tempo no sentido de aglutinação dos vários agentes históricos que citamos até agora e que citaremos. Por vezes passa a impressão que todos, apesar das diferentes geografias, eram conhecidos de todos, e a trajetória de um já havia passado por outro. Como é o caso de Rubens Quintella, Coronel Amaral, “Chapéu de Couro”, etc. Feito o preambulo, comecemos.

Victor Nunes Leal, em sua obra *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*, dentre outras, nos ajudam a pensar na existência da figura Elísio Maia no sertão alagoano. O *coronelismo* ainda continua sendo um dos conceitos mais buscados para aqueles que se interessam pela vida política do sertão do Brasil, devido às práticas empreendidas, o clientelismo praticado, a violência a ele aliado e sua presença na cultura popular. Nunes Leal define brevemente o coronelismo principalmente como um “compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público fortalecido, e a decadente influência social dos chefes notadamente senhores de terra”<sup>115</sup>. No caso de Elísio Maia, dada que a estrutura política do sertão não era assentada tão somente na terra, aos moldes do sudeste de Victor Nunes Leal, pela pouca presença de latifúndios no sertão alagoano, seu poder vinha de um respeito adquirido através, além da terras mais extensa que os demais (o que não quer dizer latifúndio), da capacidade de articulação e espraiamento político na região do alto São Francisco.

O termo *Coronelismo* provavelmente tem origem remota ao tempo da Guarda Nacional.<sup>116</sup> Como se vê, durante a segunda metade do século XX ainda o era utilizado para definir alguns poderosos políticos e donos de latifúndio nos sertões. Como demonstra a matéria publicada sobre a morte de Elísio Maia, “Morre o último dos velhos ‘coronéis’”.<sup>117</sup> Reportagem deveras responsável para com o conceito ao coloca-lo entre aspas, mas ciente da referência que tinha Elísio no estado.

Desta análise, da manutenção/variação dos costumes, indo para a análise estrutural que proporciona a Elísio Maia a alcunha de coronel, refletiremos as práticas políticas exercidas durante muito tempo na cidade de Pão de Açúcar – AL. Cabe nos indagar por que o povo, o discurso popular, e as práticas de Elísio o faziam se adequar ao conceito de Victor Nunes Leal.

(...) que a história de Elísio Maia é muito antiga, vem de meus avós, meus pais, que empregaram e ajudaram muita gente. Compreendeu? O miserável não tem em casa o que comer e bate na minha porta pedindo comida. Eu quero ter para dar. O miserável está doente, bate na minha porta

---

<sup>115</sup> LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1976. p.40

<sup>116</sup> “Segundo Berrance de Castro, a Guarda Nacional nasceu na sessão de 9 de maio de 1831. De inspiração francesa, sua paternidade está atribuída ao padre Antônio Feijó, na ocasião, Ministro da Justiça. Com sua criação foram extintos os antigos Corpos Auxiliares das milícias e ordenanças e das Guardas Municipais, passando ela a efetuar, em seu lugar, o serviço da manutenção da ordem interna. Assim que foi criada, a Guarda Nacional tornou-se a principal força auxiliar durante a menoridade e inícios do segundo reinado, e o elemento básico na manutenção da integridade nacional. Através dessa força foi possível não só conter as agitações, lusas e nacionais, como absorver qualquer articulação das tropas do exercito.” CASTRO, Jeane Berrance. “A Guarda Nacional”. In: Holanda, Sérgio Buarque (org.). **Brasil Monárquico: Declínio e queda do Império**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 274.

<sup>117</sup>Editorial. Morre o ultimo dos velhos “coronéis”. Gazeta de Alagoas. 31 de março de 2001. p.1

pedindo remédio. Eu quero ter sempre condições para dar. Isso é ser coronel?  
Eu sou é o Elísio Maia do povo.<sup>118</sup>

“Seu Elísio”<sup>119</sup>, como era chamado pelo povo de Pão de Açúcar, foi prefeito deste município alagoano por duas vezes, de 1953 e 1954 e de 1983 a 1988. Deputado Estadual de 1959 a 1962, 1963 a 1966, 1967 a 1970 e, por fim, 1991 a 1994, segundo Etevaldo Amorim.<sup>120</sup> Era filho de Lamego Maia, que possuía várias fazendas esparsas entre as cidades alagoanas de São José da Tapera e Palestina.

Juntamente com o avô Cazusa Maia e o pai, Elísio desempenhou vários cargos executivos e legislativo desde o alto sertão alagoano até o alto São Francisco. Os primeiros ainda na época em que a nomenclatura de coronel fazia mais sentido no ideário político, entendendo que entre 1889 a 1930, a figura do coronel é possibilitada pelo sistema em que os presidentes de estado (substituindo os presidentes de província, com cargos de tempo indefinido) eram eleitos pelos partidos locais, que corresponderiam, noutras palavras, aos correligionários dos coronéis. Essa política mais especificamente foi instituída por Campos Sales (1841-1913), entendendo que era mais republicano os estados escolherem seus próprios representantes do executivo.

A política de Elísio Maia funcionava em um tipo de parentela, em que alguns clãs mais abastados o apoiavam e desta forma, recebiam benesses e todos mantinham os privilégios e o apreço do povo, de uma das regiões mais pobres do Brasil, naquela época e ainda hoje, cravada no semiárido brasileiro. Seria parecido, guardadas as diferenças temporais, espaciais e de conjuntura política e histórica, com as *Cortes de Aldeia* do Eduardo D’Oliveira França,<sup>121</sup> que levaram os Bragança ao poder na restauração portuguesa.

---

<sup>118</sup> Gazeta de Alagoas. 24 de agosto de 1996. p. A-24.

<sup>119</sup> “Elísio da Silva Maia, ou simplesmente Coronel Elísio Maia, ou ainda ‘Seu Elísio’, como carinhosamente chamado pelos conterrâneos, foi senhor absoluto de Pão de Açúcar e região por mais de quarenta anos. Temido, acusado das maiores atrocidades contra desafetos, homem de jagunço e paletó, foi delegado, prefeito, deputado, mas também tido como verdadeiro guardião dos necessitados. Negava a pecha de coronel e se intitulava ‘o Elísio Maia do povo’. Sua história se assemelha a de uma verdadeira lenda ora amada ora odiada. Mas o ódio político já não mais subsiste, pois a fama do homem reescreveu sua história.” COSTA, Rangel Alves. João Maria e Elísio Maia: o mando coronelista além fronteiras. NENOTÍCIAS. 14 de outubro de 2015. <[http://www.nenoticias.com.br/92848\\_joao-maria-e-elisio-maia-o-mando-coronelista-alem-fronteiras.html](http://www.nenoticias.com.br/92848_joao-maria-e-elisio-maia-o-mando-coronelista-alem-fronteiras.html)> Acessado em 23 de outubro de 2018.

<sup>120</sup> AMORIM, Etevaldo. **Terra do Sol, Espelho da Lua**. Pão de Açúcar: ECOS, 2004. p. 23

<sup>121</sup> FRANÇA, Eduardo D’Oliveira. **Portugal na Época da Restauração**. São Paulo: Hucitec, 1997. p.105

Porém, além do assistencialismo, paternalismo privado de Elísio Maia àqueles carentes e necessitados da região, algo mais o mantinha no poder: a violência política contra os seus inimigos políticos.

[...]qualquer das obras de memorialistas, cronistas ou estudiosos que tenham sido publicadas sobre as três primeiras décadas do século XX - e prolongando-se ainda pelo menos nalguns pontos do país [...] a violência era em todos os níveis da sociedade, uma forma “normal” de resposta a determinadas situações ou ações. O que Maria Sylvia de Carvalho Franco chamou de “ajuste violento” constituía realmente uma das “modalidades tradicionais de agir”, caracterizando de alto a baixo a sociedade brasileira, anterior ao período plenamente coronelístico (1889-1930), durante este, e se prolongando em seguida até nossos dias. A naturalidade com que sempre se recorreu ao “ajuste violento” para com o inimigo mostra como ele foi realmente habitual na sociedade brasileira.<sup>122</sup>

Entre os mais famosos casos de violência política de Elísio Maia está o da “Chacina da Tapera”, em 1985. Desafetos políticos foram mortos por pistoleiros de Elísio, o presidente local do PMDB, João Alves, e mais dois dirigentes do partido.

Tapera ficou nacionalmente marcado por dois crimes que chocaram o País: o primeiro, em janeiro de 1984, conhecido como a “Chacina de Tapera”, que resultou na morte do então pré-candidato a prefeito Wellington Fontes, de três aliados e mais duas pessoas saíram gravemente feridas. As vítimas eram filiadas ao antigo MDB e decidiram desafiar o chefe político local, o então “coronel” Elísio Maia. Eles foram executados na principal churrascaria da cidade. Wellington Fontes, segundo o Instituto Médico Legal, foi morto com 158 tiros de armas de diversos calibres. O outro crime ocorreu em 30 de julho de 1995. O então prefeito Ênio Ricardo Gomes foi morto numa emboscada quando retornava para a casa dele. O principal acusado e apontado pela polícia foi o ex- prefeito de Tapera, Hermes dos Anjos Maia – filho do ex-deputado e ex-prefeito Elísio Maia. Em 2010, Hermes Maia foi julgado e condenado a 19 anos e oito meses de prisão.<sup>123</sup>

Esse evento ocorrido em Tapera nos faz lembrar imediatamente o que nos disse Costa Pinto em seu *Lutas de Família no Brasil*, ao se referir ao sertão paulistano do século XVII, de que primeiro conseguimos o poder político pelo voto e depois para sela-lo, com as armas.

Essa chacina, não exatamente pelo seu grau qualitativo (número de mortos, abrangência social, ou mesmo pela morte de personalidades conhecidas em todo o Estado) ficou tão conhecida em Alagoas, mas sim, entra para os anais da morte devido a

---

<sup>122</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Mandonismo local na vida privada brasileira**. São Paulo> Alfa-Ômega, 1976. p.189

<sup>123</sup> <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=317245>> Acessado em 23 de outubro de 2018.

uma consciência coletiva de uma visão do sertão extrema. A morte como escada para conseguir o poder.

As fontes mostram que o filho de Elísio Maia, Hermes, agora quando estamos escrevendo, já se encontra solto, e nem mesmo pelo seu envolvimento direto na aqui famosa Chacina da Tapera, mas na autoria intelectual doutro crime, de tanta repercussão quanto o primeiro. Esse puxo empuxo de Estado *versus* poder privado sertanejo mesmo que perene desde no mínimo 70 anos, é constante, e não há como dizer quem estar a vencer esse confronto, o Estado de Direito, ou as Oligarquias. Em uma matéria do jornal *Cadaminuto*, no dia 10 de junho de 2010, coloca como título: *Quinze anos de espera e julgamento de Hermes Maia é adiado.*<sup>124</sup>

Depois de 15 anos o julgamento do pecuarista Hermes dos Anjos Maia Filho (ex-preferito de José da Tapera), que deveria acontecer nesta quinta-feira (10), foi adiado para outra data. O caso Ênio Ricardo Gomes, ganhou repercussão em todo o Estado. Hermes Maia é acusado de ser o autor intelectual do assassinato de Ênio, que ocorreu em julho de 1995, quando ele e a esposa, Ednelza – que escapou ileso- foram vítimas de um atentado a tiros em São José da Tapera.

Essa rusga nos parece ter ocorrido, segundo as fonte, pelo motivo de Edinelza ter conseguido se eleger prefeita de São José da Tapera – AL em 1996 (tendo sido reeleita em 2000). Ela era esposa de Ênio Ricardo, os quais eram pais de seis filhos, entre eles Jarbas Ricardo, que a partir de 2008 ocupa o lugar de prefeito.

Percebemos aqui que, apesar de serem famílias equivalentes no quesito político, alguma sofrendo mais dano que a outra, as ações legais foram quase de todo improfícuas, pois há processo, mas não há julgamento; há denúncia, mas o denunciado escolhe (por falta de palavra mais apropriada) ser o sujeito da denúncia.

É como se as mudanças comportamentais na política sertaneja acontecessem, quando do auxílio do Estado, de forma transversal, porém não direta. Os dois acusados das duas chacinas, o pai e o filho, tiveram a justiça ao seu encalço, e eis tudo. Mudança concreta ocorre no seio da comunidade, lugar onde um banimento político é escolhido. Dizemos isso porque apesar das várias investidas do “Coronel” Elísio, senhor absoluto de Pão de Açúcar -AL, sertão do baixo- São Francisco de espriar seu poder nas cidades vizinhas o povo escolheu os rivais. Logo depois da chacina orquestrada por Hermes Maia em 1995, a esposa do candidato, Ênio, que consegue sair viva por pouco do

---

<sup>124</sup> COMO. Quinze anos de espera e julgamento de Hermes Maia é adiado. Cada Minuto. 10 de junho de 2010. s.p.

atentado ocorrido na região tentando deter sua candidatura, foi eleita para o executivo e depois reeleita, o que acontece também com seu filho, Ricardo, em concomitância.

O filho Ênio ainda diz na reportagem do mesmo jornal

Segundo o arquiteto Ênio Ricardo Gomes Junior seus parentes chegaram a sofrer intimidação pelos acusados dos crimes, que pertencem a uma família de Pão de Açúcar e que tem um histórico de violência. Hermes Maia é filho do ex-deputado estadual, Elísio Maia, que faleceu e era conhecido por seu poder político e econômico na região.

“Estamos muito esperançosos com esse novo julgamento. Em 2009 os parentes do Hermes chegaram a me agredir dentro do fórum após a sentença. Ele é frio e quando minha mãe se candidatou tentou apertar a minha mão, sem saber quem eu era. Eu chamei ele de assassino, mas não houve nenhuma reação, assim como quando saiu a condenação. O Hermes nunca demonstrou nenhuma emoção, mas sempre recebemos muita pressão para deixar o caso para lá e até para não divulgar na imprensa.”, destacou.

É esperado tal nível de dramaticidade e de acusações à rivais em reportagens jornalísticas como essas, de lutas de poder. Mas algo que se tem que ter em mente ao estudar o sertão alagoano é que, quando se está em rusga política, é porque ambas as partes conseguiram pisar na balança e viram que tinham as mesmas aptidões e condições materiais para fazê-lo. Se os Maia eram tão frios e perigosos como Ênio Filho diz, por que então continuar na disputa com a imensa possibilidade de ter sua estirpe completamente morta? Ficou muito claro na reportagem e nas palavras do supracitado que os Maia eram capazes das coisas mais atroz para conseguir o poderio naquele município, e mesmo assim os Gomes continuaram. Não há como vitimizar nenhuma das partes de pronto, talvez os Maia, julgando o tribunal de júri correto e a sinceridade na família afetada. Mas vitimização de qualquer uma das famílias seria uma ingenuidade de análise de fontes e conhecimento historiográfico sobre o tema.

No próximo capítulo, veremos a esposa (conhecida como Mércia Boiadeiro) de Adelmo de Melo Rodrigues, o Neginho Boiadeiro, chorando e tentando comover a mídia sobre a situação financeira a qual a família se quedou depois do assassinio da família supostamente pela família Dantas, em 2017<sup>125</sup>. Depois o Ministério Público Estadual conseguiu encontrar mais de 5 grandes e produtivas fazendas pertencentes à família Boiadeiro e altos valores em espécie guardados em várias casas destas mesmas fazendas.

É como se as grandes famílias sertanejas apesar de não acreditarem na eficácia do poder público em detrimento do privado já estabelecido, mas encontrado na mídia

---

<sup>125</sup> <<https://www.youtube.com/watch?v=tOSTzjQC9xs>> Acessado em 26 de março de 2019.

uma grande arma para mobilização popular, como aconteceu em São José da Tapera após a chacina de 1995, que teve efeito contrário. O povo decidiu que, por mais de 10 anos, não seriam os Maia que estariam no poder, mas sim as vítimas da chacina.

Estudar cultura política no sertão alagoano é uma das grandes dificuldades deste trabalho, pois acaba por adquirir matizes de tese. A bibliografia histórica brasileira sobre cultura política e mesmo história do poder em locais como o litoral, mesmo no período colonial, onde as documentações são mais escassas que noutros períodos anteriores, é possível e já vem sendo feito desde o século XIX, com estudos protagonistas (o que não indica exata proficiência) nas décadas de 1920, 1930 e 1940. Há uma estrutura política identificada desde muito, a situação de colônia, os mercados, as imposições régias dentre tantas outras coisas. E claro, através desses pensamentos em paralelo a cultura da violência pode ser identificada e problematizada. Sobre o sertão, em um certo período também começa a haver, cito o impacto que o fenômeno do cangaço exerceu sobre o mundo dito “civilizado”, causando um frisson de teorias e textos sobre Lampião e seus antecessores. Textos que fluem numa torrente contínua de romantismo para com as agitações de banditismo endêmico no sertão até as causas materiais para que essa epidemia fosse possível.

No mais, o banditismo em sua faceta cangaço e o banditismo relacionado com a política, com o poder, com o Estado é bem pouco estudado. Basta uma pesquisa de dissertações sobre para concluir tal afirmação. Então, aqueles que tem como trabalho entender essa ligação, tem, todavia, que recorrer aos que estudam o litoral e ter como base uma similaridade entre tais regiões. A resposta estaria nas equivalências e não nas diferenças, pois as diferenças ainda se encontram basicamente na área da cultura, que por si não explica tudo.

Através desse pensamento, como o capítulo propõe falar sobre pistolagem e Estado, *em passant* analisar o comportamento de alguns agentes do Estado e sua relação com a estrutura política e de violência no sertão. Serão dois deles, o primeiro Rubens Quintella Lessa, Secretário de Segurança Pública do Estado e o segundo José de Azevedo Amaral, Secretário de Segurança Pública posteriormente.

Entre as décadas de 1960 e 1970, Rubens Quintella Lessa era delegado de polícia, na época em que ainda não havia concurso público para o cargo, mas isso não tira o demérito dele de ter criado a POLINTER, a polícia do interior, com o propósito óbvio de promover uma pacificação em áreas geográficas onde o Estado tinha dificuldade de chegar. O próprio Rubens Quintella é sertanejo e conhecia muito bem a região, era de

Santana do Ipanema – AL, alto sertão alagoano. Logo depois de exercer o cargo de delegado, conseguiu outro cargo de indicação e mérito de Secretário de Segurança Pública no governo de Durval Suruagy. O jornal traça alguns pontos de sua trajetória e características de personalidade

Na época em que não era preciso fazer concurso para ser delegado, nas décadas de 1960 e 1970, Quintella construiu sua fama de xerife destemido. Fundador da Polinter, o braço da Polícia Civil no interior de Alagoas, varou o Sertão em busca de ladrões de gado e deu cabo de muitos foras-da-lei.

Embora tivesse a habilidade do diálogo e dominasse o traquejo político, não hesitava em usar a força bruta. Por isso era respeitado e temido por bandidos e pistoleiros – e muitos desses, segundo lembram testemunhas da época, preferiam deixar Alagoas a cruzar o caminho do “Anjo da Morte”. O pesado título seria criação do ex-tenente-coronel Manoel Francisco Cavalcante, para definir Rubens Quintella, no final dos anos 1990, no auge das acusações contra a gangue fardada.<sup>126</sup>

A reportagem se refere a uma autoridade, definitivamente de forma laudatória, pela criação de mecanismos de cessamento da violência no sertão, “varou o Sertão em busca de ladrões de gado e deu cabo de muitos foras-da-lei.”, porém seus métodos não parecem condizer com o que a conduta ética do cargo o obrigaria.

Na atividade policial, ele não nega: torturou e matou. Tanto o crime, como a lei, o tinham como fonte de consulta. Foi assim que evitou a morte de muita gente. Para se ter a ideia da sua força, um dos inquéritos onde era o autor do crime, teve os autos entregues em sua residência pelo Juiz que presidia o processo. Foi no crime do bandido Jaciro, que comandava uma quadrilha que assaltava os caminhoneiros. Houve um cerco, Jaciro conseguiu fugir e ainda matar dois policiais.<sup>127</sup>

No primeiro capítulo falamos de Rubens, facilitando a fuga dos vingadores famosos no Estado, Valderedo e Floro Gomes Novaes, por ter prometido algo e descumprido (a promessa seria de que o tribunal do júri de ambos seria na cidade de Santana do Ipanema – AL, autoridades da capital não aceitaram por temor a imparcialidade dos 7 jurados).

O que podemos entender é que sob Rubens Quintella, o Estado não teve exatamente o que poderíamos chamar de contenção de violência, mas acordos de não

---

<sup>126</sup> <<http://gazetaweb.globo.com/portal/noticia-old.php?c=192784&e=>> Acessado em 26 de março de 2019.

<sup>127</sup> <<https://www.historiadealagoas.com.br/rubens-quintella-um-mito-alagoano.html>> Acessado em 26 de março de 2019.

ataque. Um certo respeito por uma cultura a muito acostumada com determinado estilo de vida, onde segundo Rubens Quintella a contenção de danos era muito mais viável que a tentativa de mudar uma violência endêmica de séculos.

E na entrevista a ÚLTIMA PALAVRA, as lágrimas aconteceram na lembrança do amigo Tobias Granja. Ele diz que Tobias era como um irmão e recorda um aniversário em sua fazenda, quando Tobias chegou pela madrugada, com violão e um grupo de amigos para começar a farra.

– “Poucos dias antes de morrer, ele telefonou-me para falar de um artigo que o Nilson Miranda tinha escrito contra mim. Ele me disse que já havia telefonado e esculhambado o Nilson. Não podiam ter feito isso com Tobias”. O lamento do Dr. Rubens é de que, apesar de toda a sua ampla rede de influência, não conseguiu evitar a morte do jornalista Tobias Granja. Na sua opinião, advogado não pode tomar parte nas questões. E isso teria sido um mal de Tobias, que inclusive não seguiu os conselhos dados pelo Dr. Rubens.

Personagem viva da história policial de Alagoas, o Dr. Rubens Quintella também jura inocência em diversos crimes de que foi acusado. Hoje, está afastado da frente de guerra, mas continua sendo consultado. Além da fama, é o principal arquivo da intrincada vida policial do Estado. Mas, a idade não o faz esmorecer. Agora mesmo desenvolve um projeto industrial para a produção de camarões. E mesmo na polícia não se considera aposentado. Sem hesitar, ele respondeu de pronto que aceitaria ser secretário de Segurança, mas logo acrescentou: “Aceitaria ser secretário de Segurança, mas só em outro governo”.<sup>128</sup>

Algo que não podemos deixar de pensar é sobre a grande influência que tinha Rubens Quintella entre as oligarquias sertanejas, algo que ao mesmo tempo o ajudava a impedir certos surtos de violência e pistolagens (fenômeno mais recorrente na época de sua atuação), também o impedia de dar um passo à frente e fazer o que devia ser feito, aderir o sertão ao Estado de Direito. Essa entrevista dada à Tobias Granja, o mesmo que entrevistou Floro Gomes, é um exemplo dessa influência. Os Granja eram muito famosos pela recorrente passagem pelo *Grand Mondei* maceioense. E na própria entrevista a influência que tinha Rubens entre os políticos e poderosos alagoanos é explícita.

Um diferente caso, já na década de 1990, é o do Cel. José de Azevedo Amaral, até hoje lembrado por ter lutado contra o fenômeno de banditismo maior depois do cangaço em Alagoas: a Gangue-Fardada, liderada pelo também Cel. (agora ex) Cavalcante, que possuíam um mecanismo até familiar nos dias de hoje em alguns pontos do Brasil. Policiais Militares fardados cometendo desde crimes de encomenda (pistolagem) até roubos de carga.

---

<sup>128</sup> Idem.

Cel. Amaral, como também era visto como linha dura, e nossas fontes também demonstram muitas irregularidades enquanto nos cargos de segurança que ocupou, porém tinha o emblema tácito de tolerância zero, inclusive com o sertão, o qual não dialogava, tentava cumprir à lei, muitas vezes de forma criminosa por não seguir os ritos constitucionais ao é da letra, porém não privilegiava ou distinguia costumes compartilhados como escudo moral para cometimento de crimes.

Para ficarmos em apenas um exemplo/fonte, há o caso da prisão do ex-prefeito da cidade de Águas Belas – PE, que faz divisa com a cidade de Santana do Ipanema – AL. Em meio a toda essa operação, houve tentativas de obstrução de justiça a partir do ex-prefeito Hildebrando Albuquerque de Lima, como mostram reportagens do jornal *Gazeta de Alagoas* do dia 2 de dezembro de 1995 ao dia 22, uma vasta quantidade de políticos pedindo e insistindo na inocência de Hildebrando. E mais ainda, em meio a tudo isso, o sobrinho do Cel. Amaral é acusado de ter sua própria gangue de assaltos a banco e extermínio além de ter subornado Hildebrando a lhe pagar certa quantia para que ele não fosse denunciado à polícia.

Acontece que Hildebrando se valeu desta influência política a qual possuía e passou menos de 14 dias encarcerado (bom lembrar que a operação que prendeu Hildebrando foi feita pela mesma divisão da polícia civil criada no tempo do Cel. Rubens Quintella, a POLINTER), causando extrema contristação no Secretário de Segurança e em seu séquito, havendo até ameaça de greve entre os servidores e delegados do Estado.

Se analisarmos a personalidade dessas duas figuras da política de segurança do Estado, veremos uma diferença abrupta no trato para com a violência no sertão. Em entrevista dada à TV Justiça, que tinha como jornalista Ricardo Motta, Cel. Amaral afirma categoricamente que tanto não sabia do envolvimento do sobrinho em crimes de qualquer natureza, mas que podiam ter a certeza de que não importa quem, a lei serve para todos, e que ele mesmo pediu a prisão do sobrinho que encarcerado esperava julgamento justo. Sobre a criminalidade no sertão, ele, em tom de desabafo, finaliza o início do que parece um novo momento na história da segurança pública em Alagoas: a da legitimidade operativa e indiscutível do Estado de Direito perante o Direito privado ou jurisnatural.

Pela segunda vez em menos de 48 horas, o desembargador José Marçal Cavalcante concedeu mais um *Habeas Corpus*, impetrado pelo advogado José Maria Bispo em favor do ex-prefeito de Águas Belas, Hildebrando de Albuquerque de Lima, acusado de comandar uma quadrilha envolvida em assaltos contra agencias bancárias em Alagoas.

Em função da decisão judicial, cujo teor foi publicado no Diário Oficial de ontem, o político já foi colocado em liberdade, conforme revelou uma fonte da Secretaria de Segurança. Hildebrando passou cerca de 2 semanas recolhido ao quartel do Tático Integrado – TIGRE, o grupo de operações especiais Polícia Civil.

Os assessores do Coronel Amaral explicaram que, mesmo respeitando a medida do desembargador, acham que isto somente concorre para que eles, os marginais, continuem desenvolvendo suas atividades e colocando em pânico a população e suas instituições. O próprio secretário irritado não compareceu ontem a sede da Secretaria de Segurança.

Os delegados de carreira estão revoltados com as últimas deliberações da justiça em relação a prisões efetuadas pela Polícia Civil e ameaçam tomar uma atitude drástica nos próximos dias. Nos corredores da SSP comenta-se a possibilidade até eles, juntamente com os policiais civis, afrouxarem as ações que tem sido desenvolvidas para captura dos marginais.<sup>129</sup>

---

<sup>129</sup> EDITORIAL. Justiça manda soltar ex-prefeito acusado em assaltos. Gazeta de Alagoas. 16 de dezembro de 1995.

#### **IV. Capítulo: Sertão meridional, família Boiadeiro: *A política, a honra e a pistolagem.***

Escrever este capítulo seguindo severamente as exigências acadêmicas do fazer história foi deveras extremamente complicado, ainda que não o tenha sido no caráter conceitual História-Problema. Qualquer dispersão nos levaria a construir uma história completamente narrativa, ou pior, a apresentações de fontes sem critérios de problematizações fadando o trabalho à não observância do tripé essencial do que propusemos: historiografia, metodologia e teoria. Se tornaria um trabalho jornalístico pelo excesso de fontes, as quais pelo mesmo motivo tivemos que analisar "em pacotes", sendo impossível neste curto período de tempo se ater a cada uma delas. Sobre os Boiadeiros há muitas fontes, principalmente virtuais, que se iniciam avolumadamente desde a década de 1990 e não mais para até este dia no qual estamos escrevendo.

Outra dificuldade, que não temos o direito de a tomar como nossas apenas, é o fato do caso estar ainda em andamento, os processos crime, segundo os jornais, ainda estão à espera de julgamento, outros nem sequer foram judicializados, ainda assim os Boiadeiros e os Dantas, Briga de Família a que trataremos, continuam ocupando as páginas dos jornais com grande interesse público, mais notadamente depois do assassinato de Neguinho Boiadeiro, mais velho de sua geração e supomos ser, ou era, o líder de sua família e parentela.

Estudar História do Tempo Presente<sup>130</sup> e pensar sobre o fazer história nessa condição leva-nos a pontos bem interessantes, é uma espécie de meta-história<sup>131</sup>, pensamos sobre a própria disciplina, sobre a memória, sobre como o agente histórico é capaz de entender com exatidão próxima o que ocorre ao redor. Se torna uma filosofia da história. Eric Hobsbawm, em seu capítulo em Sobre a História, nos diz

---

<sup>130</sup> A História do tempo Presente é uma corrente historiográfica que pretende analisar as rupturas e permanências em estruturais do passado desde um olhar do presente, teve grande reverberação na disciplina histórica em finais da II Guerra Mundial, quando historiadores apesar de contemporâneos aos acontecimentos tentavam compreender o fenômeno, por exemplo do nazismo. De onde tirou esta definição? Colocar a referência.

<sup>131</sup> Na linguística, o prefixo Meta propões um período anterior ao substantivo ou uma reflexão sobre si mesmo. No caso da Meta-História corresponderia a proposições e leis que regem o próprio encaminhamento da história. O mais conhecido historiador que escreveu sobre o tema foi Hayden White, publicando a obra *Meta-História* em 1973.

Já se disse que toda história é história contemporânea disfarçada. Como todos sabemos, existe algo de verdade nisso. O grande Theodor Mommsen escrevia sobre o Império Romano como um liberal alemão da safra de 48 refletia também sobre o novo Império Alemão. Por trás de Júlio César, discernimos a sombra de Bismark. O mesmo ainda e mais claramente verdadeiro em relação à Ronald Syme. Atrás de seu César está a sombra dos ditadores fascistas. Entretanto, uma coisa é escrever a história da Antiguidade Clássica, ou das Cruzadas, ou da Inglaterra dos Tudor como filho do século XX, como todos os historiadores desses períodos devem fazer, e outra coisa bem diferente é escrevermos a história do próprio tempo em que vivemos.<sup>132</sup>

Acredito não ser preciso explicar o sentido dessas palavras com as nossas, são auto explicativas, mas podemos fazer uma analogia com a música: tem como um instrumentista qualquer tocar uma música barroca do jeito devido e exato em pleno século XXI? Como ele tratará a intensidade das notas contidas nas partituras, como ele vibrará os acordes, como ele quererá passar o sentimento do som que está produzindo? Bach (1685 – 1750), um compositor alemão do período barroco europeu, compôs através de dispositivos psicológicos de toda uma vivência barroca, recatada, serena e devotada a causa protestante durante o barroco. E nós? Os *Fatos* podem ser corretos, porém a seleção que fazemos deles e a intensidade a qual os expomos por certo não serão iguais. Como em um jogo de xadrez, mudemos de lado. Estudamos este capítulo sobre os Boiadeiros sendo influenciados por eles através de notícias, fatos mutáveis conforme a matéria publicada no dia e até um pouco de reverência/medo ao que tal alcunha representa ao povo alagoano, não somente do sertão.

Não é de todo surpresa o reconhecimento da comunidade acadêmica da falta de historiografia e textos teóricos sobre a violência no sertão nos dias atuais. Salientando que cito violência no sertão. Podemos encontrar aos molhos trabalhos de grande qualidade sobre as causas de baixa/aumento da criminalidade na zona metropolitana de Maceió, índices quantitativos, qualitativos, minorias mais afetadas, análises de atuação do poder público... Porém sobre o sertão, nos parece que os trabalhos essenciais (nos referimos aqueles que procuram as causas estruturais/sociais em qualquer que seja a linha teórica) para a continuação da violência atrelada não a tráfico de drogas, não a organizações criminosas, esses crimes conhecidos como urbanos, muito conhecidos no Brasil através das teses da escola Sociologia Criminal de Chicago. Temos a impressão que, após o ciclo do cangaço, em que vários intelectuais e até estudiosos das ciências naturais<sup>133</sup> procuraram a causa de tão curioso fenômeno, muito pouco foi feito. Isso

---

<sup>132</sup> HOBBSAWM, Eric. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 315

<sup>133</sup> “De acordo com o historiador Luis Antonio Coelho Ferla, a Escola Positiva – “assim denominada por advogar a existência de leis universais de causalidade mecânica para o mundo dos

obviamente não quer dizer que não há trabalhos a toda hora sendo escritos sobre o tema, o sertão, basta olhar para grande mídia, está voltando aos holofotes dentro do cinema, da literatura, do turismo, e claro, na história, na sociologia e na antropologia. Porém, de forma absolutamente respeitosa, pensamos ter eles um caráter mais de resgate histórico, próximo a um trabalho memorialista, que de atualização teórica, também esses com exceções. Não faz pouco uma aluna da Universidade Federal de Alagoas defendeu uma tese sobre o bandido afamado Zé Crispim<sup>134</sup>. Belo trabalho, porém utilizou bibliografias e teorias canônicas para explicar o fenômeno da sua trajetória. Mas como podemos teorizar com suporte mais abrangente de outros acadêmicos da área sobre um grupo que acaba de surgir nos sertões nordestinos autointitulado "Novo Cangaço"<sup>135</sup>? Podemos até corrigir conceitos tomados e demonstra-los anacrônicos numa história estrutural, mostra-los indevidos. Mas ainda não os teorizar em novos moldes. É impossível uma teorização apropriada? Obviamente não, mas pondo todo risco em nossas contas, o mesmo ocorre com os Boiadeiros, que por fazer parte de um trabalho acadêmico tem de assim ser respeitados como sujeitos históricos com suas devidas prerrogativas científicas. E os teorizar será nossa tentativa, sem medo algum de não estar

---

homens, comparáveis às atribuídas aos demais 'reinos naturais' e apreensíveis por meio dos mesmos métodos científicos" - caracterizava-se por um discurso médico-científico que patologizava o ato antissocial, vendo o criminoso como um doente e o crime como um sintoma; a pena ideal, pela prática de um delito, deveria ser um tratamento e não um castigo. Combatia o que se costumava denominar teoria clássica, centrada nos pressupostos do livre-arbítrio e da responsabilidade moral do delinquente, em contraste com o determinismo biopsicológico.

A Escola Positiva surgiu e se difundiu a partir dos trabalhos do italiano Cesare Lombroso, um professor de medicina legal da Universidade de Turim, que viveu de 1835 a 1909. No seu aclamado livro *L'Uomo delinquente* (1876), Lombroso desenvolveu a teoria da origem atávica do comportamento antissocial e qualificou a personagem que traria popularidade e muita controvérsia a suas ideias: o criminoso nato, que carregaria anomalias e estigmas atávicos, padecendo de uma predisposição pessoal ao delito.<sup>46</sup> Para Lombroso e seus discípulos da escola de ciências forenses e criminais italianas, como Enrico Ferri, era possível descobrir o caráter de uma pessoa pelo exame das medições antropométricas - traços faciais e compleições físicas - e das descrições morfológicas. Avaliavam que a superfície do corpo, sua aparência e suas medidas poderiam significar a chave de acesso à alma, na qual se refletiam virtudes e vícios." DOMINGUES, Petrônio. **O "CORISCO PRETO": CANGAÇO, RAÇA E BANDITISMO NO NORDESTE BRASILEIRO**. Rev. Hist. (São Paulo) no.176 São Paulo 2017 Epub Nov 13, 2017. <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-83092017000100314](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-83092017000100314)> Acessado em 25 de março de 2019.

<sup>134</sup> SILVA, Tarcyelma Maria de Lira. A trajetória do pistoleiro Zé Crispim e o imaginário sertanejo em Alagoas – Anos 1960. 2015. 101 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.

<sup>135</sup> O site jus.com publicou um artigo sobre este fenômeno, com uma abordagem mais ligada ao direito. Esse site tem mais de 20 anos de tradição em análises de fenômenos de violência e jurisprudência. O articulista é o advogado Frederico Willian da Cruz, e se chama: Novo cangaço: uma modalidade criminosa cada vez mais organizada. <<https://jus.com.br/artigos/69172/novo-cangaco-uma-modalidade-criminosa-cada-vez-mais-organizada>> Acessado em 25 de março de 2019.

absolutamente correto, ou até incorreto totalmente. É tirar foto de um trem bala em movimento, pode ficar mais embaçada ou menos, o trem pode até passar e a foto não capturar. É um risco que o historiador que se envereda neste caminho tem que enfrentar.

Será um capítulo que a prima vista parecerá perigosamente narrativo, há necessidade disso, além do que, as fontes eram muitas e exibi-las para historiadores futuros é um dever. Como em uma casca de noz podemos recriar todo universo, segundo William Blake (1757 – 1827), através do código de honra sertanejo e suas mudanças e influências, lá encontramos algo que talvez possa explicar os comportamentos dos sujeitos deste capítulo, considerados fora de seu próprio tempo até para o teórico mais recente sobre o tema.

Este capítulo serve de ponte ou arco temporal entre a experiência de um sertão alagoano inserido na cultura da honra de meados da década de 1950 e o mesmo na contemporaneidade imediata, década de 10 do século XXI.

Fica-se evidente neste longo arco temporal como mesmo dentro de um código de conduta extremamente restritivo (onde as mudanças de hábitos são conhecidas pela literatura especializada como especiais em sua dinâmica, noutras palavras, tardam mais a incorporarem maneirismos, abandonarem tradições em substituição a costumes de localidades mais desenvolvidas materialmente e cosmopolitas), mudam. Mesmo que não possamos considerar rupturas extremas nos costumes, a ponto de se ter que reinventar sua própria tradição de fora para dentro como acontece na visão do articulista do segundo capítulo de *A Invenção das Tradições*<sup>136</sup>, livro organizado por Hobsbawm com o Terence Ranger, onde tratam das tradições dos bardos célticos, diríamos que *The old ways*, seguindo a mesma nomenclatura usada pelo articulista supracitado, mudam sim, mas para continuar o mesmo, repetindo o chiste poético da introdução. Ou através do conceito que ousamos criar para usar aqui, o sertão alagoano, nas décadas por nós estudadas, funcionam numa *Permanência Variável*.

No dia 2 de fevereiro de 2019, muitos jornais alagoanos, até mesmo os jornais televisionados da Rede Globo de Televisão, noticiaram e apresentaram áudios<sup>137</sup>

---

<sup>136</sup> TREVOR-ROPER, Hugh. **A invenção das tradições das Terras Altas (Highlands) da Escócia.**

<sup>137</sup> Vários virtuais publicaram esses áudios, para não me exceder na nota, colocarei apenas 4 referências, mais um link para uma plataforma de vídeos onde os áudios são sequenciados: <<http://www.alagoas24horas.com.br/1207187/policia-divulga-audios-com-plano-para-assassinar-deputado-e-prefeita-ouca/>> Acessado em 25 de março de 2019. <<https://www.cadaminuto.com.br/noticia/333839/2019/02/06/confira-os-audios-da-familia-boiadeiro-tramando-a-morte-de-deputado-estadual-e-prefeita-de-batalha>> Acessado em 25 de março de 2019.

conseguidos através de uma investigação da Polícia Civil Alagoana que tratavam da tentativa de assassinato de um membro da família Dantas, políticos hegemônicos na cidade de Batalha – AL e inimigos declarados da família Boiadeiro.

Os jornais, em sua maioria, tratam a família Boiadeiro como clã, o que claramente é uma tentativa de dar um tom de primitivismo aos que dessa família são próximos. Etimologicamente a palavra clã vem do Galáico e posteriormente incorporado ao Inglês *Clann*, que significa raiz, ancestralidade comum. Para os Boiadeiros, como são chamados, pois os sobrenomes são em sua maioria Melo e Rodrigues, serem um clã, teríamos que excluir toda espécie de parentela e apadrinhamentos, tanto como casos de mercenato ou capangagem que nela ocorre. As matérias jornalísticas, quando a tratar de algum assalto ou homicídio advindo de *clã* dos Boiadeiros, nos apresentam também nomes de desconhecidos, de não familiares ou de oportunistas na peleja, enfim, uma gama de sujeitos que cometeram os delitos não como família, mas como gangue. Poderíamos até questionar que nas máfias italianas existe o conceito da Grande Família, porém esse conceito não caberia aqui, pois a configuração e o *modus operandi* dos Boiadeiros divergem das máfias italianas e não possuem nenhuma ritualística de ordem ou irmandade. O mais próximo de uma coesão de fidelização operacional entre entes sem laços sanguíneos que poderíamos dizer seria através do conceito de *Parentela*. Mas ainda assim não seria um clã como tratam os jornais, como nem tampouco a sempre liderança de um Boiadeiro de sangue o conseguiria fazer.

Dividiremos neste capítulo a narrativa dos Boiadeiros em duas fases, por vezes contemporâneas: a luta de família contra os Dantas e a outra a sua atuação no chamado pelos jornalistas como sindicato da morte, a pistolagem ou simplesmente crimes de mando.

Começamos pela complexa tipologia dentro do código de honra sertanejo da luta de família entre Dantas e Boiadeiros. Refiro-me ao fato de nos costumes compartilhados localmente, os Boiadeiros se encaixarem tanto nos hábitos de aceitação como nos atos de reprovação social. Exemplificamos, eles tiveram uma luta de família, em que era

---

<<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2019/02/06/policia-descobre-plano-da-familia-boiadeiro-para-matar-prefeita-e-ex-prefeito-de-batalha.ghtml>> Acessado em 25 de março de 2019.

<<https://arapiraca.7segundos.com.br/noticias/2019/02/06/132258/audio-com-suposta-voz-de-baixinho-boiadeiro-revela-detalhes-da-embosca-contra-os-dantas.html>> Acessado em 25 de março de 2019.

<<https://www.youtube.com/watch?v=4RIA5gwBISl&t=148s>> Acessado em 25 de março de 2019.

lícito segundo os costumes, não somente a defesa do extermínio total do rival. Por outro lado, eles em certos momentos se enveredam numa atitude deveras reprochável dentro da mentalidade sertaneja: a de matar por dinheiro. A questão é que, mesmo agindo desta forma há algum tempo, ainda conseguem manter o respeito, alguns poderiam dizer temor, da população envolta. De qualquer modo, entenderemos como a atuação da Família Boiadeiro e sua parentela dentro do cenário sertanejo, cenário este que em sua *Permanência Variável* com o tempo vieram adquirindo paletas diferentes de cores, mudanças de percepções sociais no *locus* a que pertencem. Teorizações mais abrangentes e exemplificadas daremos mais à frente no mesmo capítulo. Empezemos pela peleja Dantas contra Boiadeiros.

As fontes encontradas no que se referem a essa briga são de difícil problematização, como no mais costumam ser todas as fontes. Porém exibimos seus obstáculos, jornais cuja capilaridade dos poderes de Estado encontram-se infiltrados, versões descontraídas desde as coisas mais simples como hora de tal ou tal execução sumária, às mais fortes como o andamento das investigações e seus principais suspeitos. Na morte de um dos Dantas, Zé Miguel (como era conhecido o ex-prefeito de Batalha José Dantas Rodrigues), e de sua esposa Matildes Tereza Toscano de Souza o que leva a crer foi o estopim para um período mais sangrento da briga o editorial do jornal *Gazeta de Alagoas* no dia 20 de março de 1999 diz

O Instituto de Criminalística revelou que Zé Miguel foi atingido por sete disparos de pistola 9 mm e dois tiros de espingarda calibre 12. A segunda vítima recebeu oito tiros de pistola 9 mm.

Já no mesmo jornal, em sua edição do dia seguinte, escreve que a cômputo de Zé Miguel teria levado 7 tiros de pistola 9 mm e não oito com antes dito.

Obviamente podemos crer que como a primeira informação foi na manhã do dia do duplo assassinato, a imprensa não tinha a informação precisa, pela brevidade do ocorrido.

Mas também há os casos onde nossas fontes se contradizem até mesmo no que se refere à principal suspeita de execução, mesmo quando o jornal é o mesmo, a distância entre os dias não é grande, e o conteúdo recebido das autoridades competentes não mudam de forma substancial. Em *Gazeta de Alagoas*, dia 23 de março de 1999:

O fazendeiro “Neginho Boiadeiro”, um dos suspeitos da chacina em que morreram o empresário José Dantas Rodrigues (Zé Miguel) e sua companheira, Matildes Tereza Toscano de Souza, na madrugada da última sexta-feira, próximo a Jaramataia, presta depoimento hoje pela manhã ao

delegado regional de Batalha, Eraldo Brasil Filho. Há suspeita de que “Neguinho”, irmão de “Laércio Boiadeiro”, inimigo particular de Zé Miguel, avisou aos pistoleiros quando as vítimas deixaram Batalha após uma festa de aniversário.

Já o mesmo jornal no dia 21 de março:

Laércio Boiadeiro, um inimigo particular e político do ex-prefeito de Batalha, José Dantas Rodrigues, o Zé Miguel, é o principal suspeito de ter participado e executado seu assassinato, ocorrido na madrugada da última sexta-feira, num trecho da rodovia da AL-220. Imediações da estrada de acesso ao município de Jaramataia. Na emboscada também faleceu a companheira do fazendeiro, Matildes Tereza Toscano de Souza.

Pondo em perspectiva as divergências de reportagens, poderíamos teorizar que, em uma briga de família, ambos podem ter relação com o crime ocorrido, pois há laços de sangue, o que obviamente não interessaria naquele momento a polícia, senão o executor real ou/e intelectual do duplo assassinato. Numa atenção as entrelinhas das fontes, percebemos que Adelmo Rodrigues de Melo era visto como o líder da família e tomador de decisões, restando à parentela as cumprir e receber proteção, inclusive algo que vem a corroborar com isso é que, segundo os costumes do código de honra sertanejo, a liderança passa para o filho do líder após a morte deste. Neguinho Boiadeiro morreu em emboscada em 2017 e seus dois filhos tentaram retaliação contra os Dantas, os quais acreditam serem os culpados. Um deles, conhecido como Baixinho Boiadeiro, é descrito pelo Delegado Thiago Prado desta forma:

O Baixinho é orquestrador da violência empregada pela família Boiadeiro contra outras famílias. Todas as provas elencadas no inquérito apontam que o Baixinho é o líder do grupo da pistolagem, que organizava todos os crimes praticados por eles no Sertão de Alagoas.<sup>138</sup>

No enredo dos *Crimes que abalaram Alagoas* e ainda estão sem solução, ou para dizer menos, que continuam nublados em sua concepção e execução está o de José Miguel Rodrigues Dantas, assassinado no dia 20 de março de 1999 ao lado de sua esposa Matildes Tereza Toscano de Souza em uma emboscada próximo a entrada da cidade de Jamarataia – AL, estavam dentro de um veículo retornando de uma festa de aniversário que tinham preparado para Zé Miguel na cidade de Batalha- AL, quando um carro encostou ao lado do seu e abriram fogo.

---

<sup>138</sup> <<https://www.tnh1.com.br/noticia/nid/baixinho-boiadeiro-e-presos-durante-julgamento-em-maceio/>> Acessado em 08 de março de 2019 às 20:00 Antes de citar o link, cite a referencia completa da fonte. Título, jornal, data.

Zé Miguel era ex-prefeito de Batalha- AL e já atuava naquela cidade como político fazia mais de 20 anos, e foi descrito por uma das nossas fotos (sobre o caso, a maioria do jornal *Gazeta de Alagoas* entre os dias 20 e 24 de março de 1999) como um dos homens mais poderosos do sertão e agreste alagoano e que pretendia, na próxima eleição, se candidatar a prefeito para mais uma gestão.

Pela capilaridade do poder político que a família Dantas possuía, e ainda hoje possui naquela região, seria o provável vencedor. Seu irmão Luiz Dantas, no ano da sua morte, era Deputado Federal, e outros irmãos ou possuíam cargos em secretarias estaduais ou tinham grande poder aquisitivo.

Na manhã imediata ao duplo assassinato que ocorreu (há variações concernentes ao horário que variam de até 1 hora e meia de diferença entre uma edição e outra da *Gazeta*) entre às 1 e 2 e meia da manhã do dia 20, a manchete da *Gazeta de Alagoas* estampa: *Violência sem Limites: Zé Miguel é metralhado no sertão*. E para dar mais ênfase ao ocorrido, o jornal publica uma charge da estatueta de um Oscar com a cabeça de caveira, mas completamente ensanguentada grafada logo abaixo com o dito: *Alagoas: sindicato do crime*.

O sindicato do crime se tornou bem conhecido na década de 1990 em terras alagoanas principalmente devido à atuação da icônica gangue fardada, liderada pelo ex-Cel. Cavalcante, que orquestrava algo muito similar à milícia que conhecemos hoje em dia nos noticiários, porém com a diferença de que todos vestiam farda e jamais tiveram o propósito isonômico de por ordem onde o Estado não consegue entrar, senão, utilizar-se dos aparatos policiais e das insígnias militares em assaltos a bancos e crimes de mando. A década de 1990, pela ampliação dos meios de comunicação, também expôs ao grande público os assassinatos políticos feitos por pistoleiros contratados e uma extrema gana por hegemonia política de determinadas famílias, notadamente no sertão alagoano e que seguramente não era pandemia de tal década, mas uma conduta a qual as estruturas investigativas, desde as jornalísticas às que competem à magistratura, passaram a se incomodar e tentar coibir. Vemos, através da estatueta do Oscar, premiação conhecida por sua exposição de figuras e trabalhos ao grande público, estampada na manchete uma demonstração de que, as autoridades da capital alagoana não mais queriam dar de olhos para o estado de exceção em que vivia o sertão, e este bárbaro crime causou algo que Appiah definia como mudança de costumes a partir da comparação. Alagoas estava se tornando um párea aos olhos dos outros Estados da Federação. Essa preocupação é numa análise literal das fontes, indubitável na figura do

secretário de segurança pública do estado no governo de Durval Suruagy, de 1992 a 1996, o Cel. José de Azevedo Amaral, que periodicamente fazia análises de indicadores de violência no estado e mesmo quando o assunto era sertão, local onde não era comum secretário algum interferir, a afirmativa era de tolerância zero.

Em 1995, foi deflagrada, sob o comando do tal Cel., uma operação em que foi preso Hildebrando Albuquerque de Lima, ex-prefeito de uma cidade nas bordas alagoanas e dois dos seus irmãos. Dentre as acusações para a prisão preventiva, estavam assaltos a vários bancos no sertão alagoano e assassinatos de encomenda. Mesmo sendo o acusado dotado de grande influência política e enorme poder aquisitivo.

Na entrevista concedida ao jornalista Ricardo Mota, da TV-Pajuçara, o Coronel José de Azevedo Amaral falou sobre os inúmeros pedidos, “inclusive de alguém de forte influencia junto a Presidencia da República”, formulados em favor do ex-prefeito de Águas Belas, afirmando que o presidente da Assembleia Legislativa – e outros deputados- o conduziu da delegacia para o aeroporto dos palmares.<sup>139</sup>

Nessa entrevista dada, o tal Hildebrando Albuquerque de Lima já havia sido solto, ficou apenas 14 dias preso. O mesmo jornal diz que, neste dia, o secretário não deu expediente e ficou furioso, e que um grande número de delegados ameaçou greve pelo ocorrido.

Os assessores do coronel Amaral explicaram que, mesmo respeitando a medida do desembargador, acham que isto somente concorrem para que eles, os marginais, continuem desenvolvendo suas atividades e colocando em pânico a população e suas instituições. O próprio secretário irritado não compareceu ontem a sede da secretaria de segurança.

Os delegados de carreira estão revoltados com as últimas deliberações da justiça em relação a prisões efetuadas pela polícia civil e ameaçam tomar uma atitude drástica nos próximos dias. Nos corredores SSP comenta-se a possibilidade até de eles, juntamente com os policiais civis, afrouxarem as ações que tem sido desenvolvida para a captura dos marginais.

Acham os delegados que não adianta continuar a vida para receber salários em atraso e ainda ver o resultado de seus serviços ir “por água abaixo”, com a soltura de presos, principalmente os considerados de alta periculosidade, como o ex-prefeito Hilbrando.<sup>140</sup>

Em resumo, no que trata da influência de coerção pelo Estado no sertão, há, a partir da década de 1990 um maior interesse em enfrentar um costume, ou diga-se autonomia do sertão, que ao menos nas décadas anteriores os veículos de comunicação não mostravam. Há um tentame de inserir de forma rápida e completa um costume

---

<sup>139</sup> EDITORIAL. Até políticos pedem por ex-prefeito ladrão. Gazeta de Alagoas. 22 de dezembro de 1995.

<sup>140</sup> EDITORIAL. Liberdade de ex-prefeito preocupa a SSP. Gazeta de Alagoas. 26 de dezembro de 1995.

político institucionalista no sertão alagoano. Algo só visto, talvez, pela gravidade do fenômeno, nas décadas do cangaço, algo que poderíamos relativizar, pois o que vemos executado pelo Estado Novo com a criação das volantes que lutavam contra os bando de cangaceiros se parecia mais com brigas de facções contrárias do que com uma experiência de inserir o sertão no estado de direito. Ainda assim, esse tabu de segunda experiência de integração sertaneja ao Estado Constitucionalista não perdeu a intensidade, entre a primeira e a segunda as dificuldades permaneceram, o que nos faz lembrar o ex-governador de Pernambuco, Sérgio Loreto, em sua peleja contra Lampião sendo ridicularizado

A oposição política ao governador Sérgio Loreto não perdia a chance de ironizar que já sendo o bandido amplamente reconhecido como um verdadeiro governador do sertão, nada mais justo e consentâneo com o seu poder discricionário que procurasse sediar o comando em Rio Branco.

Preocupado com as nefastas repercussões, Sérgio Loreto vinha a público justificar-se, culpando ora a “topografia da região”, ora a incrível mobilidade do facínora. Em dia infeliz resolveu apontar como causa de todos os males a colaboração prestada aos bandidos pelos sertanejos, o que, afastados os exageros, não deixava de ser verdade. Pagou pela inabilidade política.<sup>141</sup>

Continuando com o desfecho dado pelos jornais ao caso Zé Miguel, nos primeiros três dias de reportagens, a polícia já tinha conseguido pistas substanciais sobre a logística do crime e através de testemunhas presentes numa churrascaria à beira da estrada na madrugada do acontecido. O principal suspeito era Adelmo Rodrigues de Melo, o Neguinho Boiadeiro, pois como era de se esperar, a primeira suspeita era de crime político, e Neguinho era o chefe político da família (sua mulher, Mércia Rodrigues de Melo era presidente da Câmara de Vereadores). Conforme as informações chegavam às redações dos jornais, os holofotes passaram para o seu irmão Laelson Rodrigues de Melo, Laércio Boiadeiro. Foi “descoberto” pela imprensa que Laércio Boiadeiro tinha rugas com Zé Miguel, de cunho privado por um assassinato feito por Laércio vitimando um amigo íntimo de Zé Miguel, o advogado Rui Miranda, dois anos antes.

O que deixa o caso mais icônico é a interrelação entre crime passional e político, julgando que, Zé Miguel era candidato a mais um cargo no executivo daquela cidade, contrariando os Boiadeiros que apoiavam a reeleição do, na época atual, prefeito Francisco José e um vereador José Alves Neto, conhecido como Zé Lourinho.

---

<sup>141</sup> MELLO, Fredeirco Perambucano de. **Guerreiros do Sol**. São Paulo: A Girafa, 2011. p 193 e 194.

A aparência política consistiria neste racha dentro dos poderes hegemônicos dentro da maior bacia leiteira de Alagoas, Batalha, porém os jornais especificam alguns detalhes como o fato de a esposa de Zé Miguel ser ex-esposa do citado candidato a vereador Zé Lourinho e a esposa do Zé Lourinho ser ex-esposa de Zé Miguel. Numa entrevista dada no dia 23 de março de 1999, na sede da Polícia Civil Alagoana, Neginho Boiadeiro nega não somente a acusação a que os jornais lhe imputam a si e ao seu irmão, Laércio, como não acredita em qualquer tipo de passionalidade envolvida no crime

Ele também disse não acreditar que o vereador José Alves Neto cuja ex-mulher Matildes Tereza estava convivendo com Zé Miguel, e que a ex-mulher do político, Marlúcia Rodrigues de Melo, separada do ex-prefeito desde 1994, tenham envolvimento no crime. Eles estavam separados a mais de 4 anos e os quatro se davam muito bem. O vereador, inclusive, já estava casado a mais de 2 anos e tinha filhos com a segunda mulher.<sup>142</sup>

Neginho Boiadeiro reconhece que havia um estranhamento entre Laércio Boiadeiro e o ex-prefeito de Batalha, porém afirmou que eram “águas passadas”, e atualmente todos se davam muito bem, tendo uma relação de estreita amizade, tendo-se meses antes até se cogitado a possibilidade de uma chapa entre os dois, e que ao aniversário da noite do duplo assassinato, ele teria sido convidado. Isso dito em uma das reportagens.

A respeito das acusações que estão sendo imputadas a ele, declarou que seu relacionamento com a vítima era o melhor possível e que na política estavam sempre juntos. “Na última quinta-feira, ele me chamou para beber na churrascaria, comemorando seu aniversário. Lá, nós falamos sobre política.”, acrescentou, ressaltando que jamais, em encontros com amigos, Zé Miguel falou numa possível inimizade.<sup>143</sup>

Noutra situação se queda um pouco mais delicada, pois ele diz que desde o desentendimento entre seu irmão e Zé Miguel, havia-se feito um acordo de não agressão mútua (algo não muito comum, porém que acontece nos anais das histórias de brigas de família no Brasil, pelos motivos mais diversos, financeiro, estratégia de poder, ou até tentativa de conseguir-se a paz), acordo este que já durava 2 anos

O fazendeiro Adelmo Rodrigues de Melo, o Neginho Boiadeiro, negou ontem à polícia qualquer envolvimento no assassinato do ex-prefeito de Batalha, José Dantas Rodrigues, o Zé Miguel. Afirmando que havia um

---

<sup>142</sup> COMO. “Boiadeiro” nega envolvimento em crime e revela pacto com Zé Miguel. Gazeta de Alagoas. 24 de março de 1999.

<sup>143</sup> Iden.

pacto de não-agressão entre os dois lados, garantiu que os problemas entre Zé Miguel e seu irmão, Laércio Boiadeiro, já estavam superados.<sup>144</sup>

Deixando a narrativa de lado por um momento, talvez seja necessário a visão de um sertão como cenário de um Estado atrofiado, porém um cenário fluido e em constante mudanças e, nesse caso específico, a junção da passionalidade com o crime político, podendo inclusive haver uma mescla. Costa Pinto, em seu trabalho sobre as lutas de família no Brasil, diz que em determinado momento há duas formas de conseguir o poder em tal localidade, as duas inseparáveis, a primeira através do voto, a segunda através das armas. Ele está falando de uma luta de família no interior da província de São Paulo no século XVII, que poderíamos considerar sertão no sentido de ponderar sobre a atrofia/hipertrofia do Estado. Aquela província ainda detinha um poder privado substancial o qual o poder público não conseguia dismantelar.<sup>145</sup>

Pode ser natural que a teoria e o empirismo entrem em conflito no âmbito da ciência, a divergência é a problemática, a equivalência é o objetivo. Porém, nesse caso é curioso o caso Boiadeiros/Dantas não se enquadrar em um elemento primário da teoria de Lutas de Família inserida na cultura rural/semi-rural que tem sido aceita pelos estudiosos de banditismo: o não revidar, pois não há nas fontes qualquer nota que o houve da parte dos Dantas, a não ser no quesito legal. Os Boiadeiros recorrem à violência e os Dantas, à justiça. Ou os Dantas por maior capilaridade política e financeira dentro da mídia conseguiram vestir a imagem de institucionalistas neste caso? Como este estudo trata dos Boiadeiros, dar-se por suficiente analisar o comportamento deles com mais destaque que a outros que venham a ser citados. E sim, os Boiadeiros, por mais que se questione as fontes no tentame de desconstruí-las, permaneceram seguindo o costume do código de honra sertanejo.

Os jornais ainda se deteriam em dois eventos envolvendo Dantas/Boiadeiro, o assassinato de Neguinho Boiadeiro no ano de 2017 e, no mesmo dia, a tentativa de assassinato de José Emílio Dantas, ambos em Batalha. Neguinho Boiadeiro foi surpreendido ao sair da Câmara de Vereadores da cidade, onde ocupava cargo legislativo, por um pistoleiro alvejou várias vezes ele e o seu segurança e depois fugiu em um carro de suporte que já estava com motorista à espera. O Boiadeiro não conseguiu sobreviver e quase que imediatamente um dos seus filhos, José Márcio Cavalcante, mais conhecido como Baixinho Boiadeiro, invadiu a casa de um dos

---

<sup>144</sup> Iden.

<sup>145</sup> Sobre esse tema e sobre os conceitos de Hipertrofia/Atrofia do Estado ler: PINTO, Luiz Aguiar Costa. **Lutas de Família no Brasil**. São Paulo: Brasilianna, 1980.

Dantas, José Emílio, irmão do presidente da Assembleia Legislativa de Alagoas e abriu fogo deixando o Dantas ferido. Baixinho Boiadeiro fugiu do local e só foi preso em 2018. Enquanto isso criara um canal no site youtube.com para postar vídeos de onde estava escondido, clamando as autoridades em sua defesa. Uma das principais motivações pelo qual seu pai foi morto teria sido uma suposta investigação na Câmara de Vereadores aberta por seu pai para apurar desvio de verbas pela prefeita Marina Dantas. A tentativa de homicídio contra José Emílio nunca foi negada pelo próprio. Esse comportamento que o insere no código de honra sertanejo na categoria de *Vingança* pode dar um ar de ancestralidade comportamental, de um “como se resolviam as coisas antes”, porém a trajetória da família nos apreça mostrar exatamente o oposto, como o antigo e o novo podem conviver lado a lado no sertão contemporâneo.

No dia 2 de fevereiro de 2019 surgiram áudios, recolhidos pela polícia em investigação, contra Baixinho Boiadeiro e seu irmão, conhecido como Pretinho Boiadeiro, a partir de um inquérito sobre ameaças contínuas contra os Dantas. Nesses áudios em que Baixinho lidera um plano para assassinar o candidato a deputado estadual Paulo Dantas e sua esposa, prefeita de batalha Marina Dantas, detalhes assustadores são revelados. Menos de uma dezena de áudios longos, que se iniciam no mês de agosto de 2018 e vão até setembro, mostram um plano de emboscada de alta sofisticação, com informações de Baixinho de quantos seguranças possuem o candidato e sua esposa, quais as armas que usam no dia a dia, o local mais adequado para fazer a emboscada, pelo número de quebra-molas exigindo que o comboio de Paulo Dantas reduzisse a velocidade, até as armas que teriam de ser usadas para conseguir furar a blindagem dos carros, dois fuzis AK47 (que nos áudios são chamadas de bicudos) e espingardas calibre 12. A frieza com o plano é tratado é de uma absurdez tão grande que se custa acreditar que os áudios são reais. Baixinho conversa com dois indivíduos que chama apenas de primo um e primo dois, e por várias vezes recorda que o dinheiro prometido depois da execução já está à espera, além de uma festa na fazenda onde fariam um churrasco que duraria semanas e beberiam tanto que “passariam duas semanas sem por os pés no chão.” Sobre a divulgação desses áudios há uma grande problemática, não somente em torno deles mesmos, como da motivação deles vierem às claras. No entanto, continuemos na seguinte questão: esse episódio poderia ser visto como uma incongruência primária para um projeto em que se pretende analisar o código de honra no sertão alagoano. À prima vista, esse parece ser um crime político como tantos outros que aconteceram fora do sertão, noutros tempos ou mesmo agora nas

grandes capitais do sudeste. Porém o sertão deve ser visto como um cenário, e todos aqueles que desse cenário pertencem, seja qual for sua função, a desempenharão a seu modo, como suas variações e mudanças dentro do próprio costume.

No exercício de pensar culturas em termos históricos e antropológicos, surgem vários dilemas, alguns deles básicos nas ciências sociais. Como estabelecer relações entre estruturas sociais (e culturais) e processos históricos; ações autônomas dos homens na história e determinações estruturais; estruturas e evidências empíricas? Tais questões remetem ao problema epistemológico básico da relação entre teórico e empírico na apreensão do real.<sup>146</sup>

Voltaremos a falar sobre isso quando formos analisar um dos caracteres do costume sertanejo, a *Bravura*.

Ainda sobre os áudios, o que fez com que a Divisão Especial de Investigações e Capturas (Deic) revelassem esses áudios mesmo o delegado chefe do caso dizendo em entrevista à TV-Gazeta de Alagoas que era uma investigação que corria em segredo de justiça? Antes de nos indagarmos sobre isso é importante colocar que na *Tribuna do Sertão* de 18 de março de 2015, o jornalista Vladimir Barros escreveu uma reportagem sobre o caso Zé Miguel, e a manchete foi: *Mesmo condenado Laércio continua em liberdade em Batalha*. Nessa reportagem, ele destaca que 16 anos após a morte de Zé Miguel a impunidade ainda é presente e que apesar da grande repercussão e tentativas das autoridades competentes na época de achar e punir os culpados, ainda nada tinha sido feito. Escreve que Laércio só foi preso depois do segundo julgamento, pois os advogados de defesa conseguiram anular o primeiro júri, e nesse último, a apenas 44 anos de reclusão pelo duplo homicídio, mas que permaneceu apenas 4 anos na cadeia, sem explicações alguma das autoridades referentes a ele ter sido solto e sua pena extinta. Também relembra outros crimes de homicídio cometidos pelo mesmo no estado da Paraíba.

Isso talvez possa explicar o fato de o DEIC ter cometido a improbidade de divulgação dos áudios. A mesma motivação que provavelmente fez o, na época, juiz Sérgio Moro divulgar um áudio em que há um diálogo íntimo com um presidente da República. A conquista do apoio popular contra algo que acreditam não poderem resolver sozinhos.

---

<sup>146</sup> **Novos Domínios da História**. Org. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 155 O nome dos autores devem vir primeiro na referência.

Os Boiadeiros estão, faz muito, nos jornais como assassinos de vendetas, pistoleiros de aluguel, enfim, pessoas de altíssima periculosidade, e a polícia por mais que tente não consegue conte-los por si. Então a exposição de áudios em que mostra os Boiadeiros planejando o assassinato de alguém, faria não somente os diretamente envolvidos no caso clamarem por justiça, mas a sociedade igualmente. O art. 121 do nosso Código Penal veda completamente a possibilidade de divulgação de materiais inquisitórios para a montagem de uma acusação, pois veda aos investigados a ampla defesa, e no momento em que os áudios foram divulgados, Baixinho e Pretinho Boiadeiro se encontravam presos pela tentativa de homicídio de Emílio Dantas.

Família de interessantes características dentro da história do banditismo, ao menos duas gerações de práticas de crimes de mando e vinganças privadas (antes da rusga com os Dantas, já tinha existido uma peleja com a Família Ferro, também do sertão meridional alagoano)<sup>147</sup>. O codinome Boiadeiro, como já ficou evidente, não é de certidão de nascimento, mas depois de um tempo não teve como desvincular-se do sujeito, virou como uma *brand*, uma marca; possui-la no sertão meridional é signo de ser temido. Os sobrenomes civis, como já dito, são em sua maior parte Melo e Rodrigues. Dentro dessa família podemos encontrar duas características muito interessantes, a primeira delas é obviamente o costume da “bravura mercantilizada”, a segunda é devido sua belicosidade, tanto a real como a atribuída e exercida à distancia através do medo, acusados por vários jornais de vários assassinatos de crimes de encomenda, vingança ou crimes passionais, alguns jornais contam até mais de 40 assassinatos<sup>148</sup>

O que até bem pouco tempo circulava na surdina, de boca em boca, agora virou uma espécie de “dossiê macabro” e que dá nome aos bois, com data, local, personagens envolvidos e suas vítimas. Trata-se da lista denominada “A saga criminosa dos boiadeiros, a família mais perigosa de Alagoas”, que circula no Agreste e Sertão de Alagoas.<sup>149</sup>

---

<sup>147</sup> <<https://odiamais.com.br/familia-boiadeiro-deixa-rastro-de-sangue-em-alagoas/>> Acessado em 25 de março de 2019.

<sup>148</sup> <<http://odiamais.com.br/familia-boiadeiro-deixa-rastro-de-sangue-em-alagoas/>> Acessado em 25 de março de 2019.

<<http://www.sertao24horas.com.br/2018/04/07/familia-boiadeiro-e-acusada-em-dezenas-de-crimes-no-sertao/>> Acessado em 25 de março de 2019.

<[http://gazetaweb.globo.com/porta/noticia/2017/11/sangue-e-batalha-a-historia-da-rixa-entre-as-familias-boiadeiro-e-dantas\\_43791.php](http://gazetaweb.globo.com/porta/noticia/2017/11/sangue-e-batalha-a-historia-da-rixa-entre-as-familias-boiadeiro-e-dantas_43791.php)> Acessado em 25 de março de 2019.

<<https://novoextra.com.br/outras-edicoes/2018/954/41496/familia-boiadeiro-vai-abandonar-alagoas>> Acessado em 25 de março de 2019.

<sup>149</sup> <<http://www.sertao24horas.com.br/2018/04/07/familia-boiadeiro-e-acusada-em-dezenas-de-crimes-no-sertao/>> Acessado em 25 de março de 2019.

Ainda sobre tal belicosidade, há coincidências no que se refere à contagem dos crimes e autores dos assassinatos, não é exato, alguns crimes aparecem em uns jornais e não noutros. Desde 2017, segundo o *Sertão24horas* e outros mais jornais, principalmente online, faz-se crer que esse “Dossiê Macabro” é um documento, pois em todos os sites que procuramos sobre ele, aparecem os mesmos crimes e mesmos criminosos, inclusive no supracitado *Sertão24horas*, os crimes são apresentados como “Confira nas páginas 16 e 17 a íntegra do dossiê macabro.”<sup>150</sup>

Eis a lista mostrada por esse e todos os jornais que tratam *Stritu sensu* do dossiê:

JULIANO RODRIGUES

DE LIMA

BRANCO BOIADEIRO

– Preso por porte ilegal de arma de fogo em Olho d’água das Flores no dia 19/07/2009

– Preso por porte ilegal de arma de fogo de uso restrito em Belo Monte no dia 01/10/2016.

– Tentou matar no dia 20/07/2009 na cidade de Santana do Ipanema (festa da juventude) o casal, Charliton Harryson Barbosa da Silva e Jane Keila Vítor Alcântara. Posteriormente, o cidadão Charliton Harrysson Barbosa da Silva foi assassinado pelo Branco Boiadeiro em falso assalto na cidade de Olivença.

– Sequestrou, no dia 25/12/2014, um jovem, filho de Dona Quitéria, que residia na Rua Sirval Teodoro de Oliveira, nº 140 na cidade de Jaramataia, torturando-o e matando-o, sendo o corpo jogado na cidade de Iati-PE como indigente. A vítima teria pego um carro escondido, Fiat Uno, e desaparecido por vários dias. O veículo pertencia ao primo do cunhado da vítima.

MARCELO AUGUSTINHO

DOS SANTOS

MARCELO BOIADEIRO

– Matou Silvânio Praxedes da Silva, no dia 22/06/2006, na cidade de Girau do Porciano. Eram primos e teriam discutido.

– Matou, na cidade de Monteirópolis, em 12/02/2010, o Cabo PM/AL Josival Oliveira da Silva e sua sobrinha, Jessica Andrade, de 09 anos.

– Matou Valdinete Bispo dos Santos, na cidade de Arapiraca, no dia 10/10/2011. A vítima havia fugido da casa de prostituição do Marcelo Boiadeiro, em São Paulo.

CÍCERO JOSÉ

RODRIGUES DE LIMA

ZÉ DE LAÉRCIO BOIADEIRO

– Tentou assaltar um carro forte na cidade de Jaramataia, onde foram efetuados disparos de arma de fogo.

– Participou de um duplo homicídio no povoado de Folha Miúda, em Craíbas, no dia 12/08/2013, onde vitimou Eduardo Messias de Araújo, policial militar, e Alaide Mendes de Araújo. Os corpos foram queimados no veículo das vítimas. Motivo do crime: o filho do casal seria testemunha de uma chacina cometida pela quadrilha dos Boiadeiros, num assentamento sem-terra em Girau do Ponciano. Vítimas: José Florentino da Silva, 60 anos, seu filho, Linderlei Florentino da Silva, seu cunhado, José Manoel dos Santos, e a irmã Janicléia Manuel dos Santos. Possivelmente, as armas usadas nesse crime foram apreendidas numa operação policial que deteve o Alvanir Barbosa Lima, no dia 10/03/2016.

JOSÉ ANSELMO

CAVALCANTI DE MELO

---

<sup>150</sup> Idem.

**PRETO BOIADEIRO**

– Matou Edivaldo Joaquim de Matos e Samuel Theomar Bezerra Cavalcante Junior no dia 27/05/2006, na cidade de Batalha.

**ADELMO RODRIGUES**

**DE MELO**

**NEGUINHO BOIADEIRO**

– Mandou matar Antônio Paulo da Silva, 30 anos, vulgo Xoxu, no dia 29/12/2012, na cidade de Batalha, onde o executor foi José Valdete do Carmo Mendes. Tal homicídio teria sido praticado porque a vítima não votou no Nequinho Boiadeiro e este teria mandado matá-la. Porém, o executor não conhecia a vítima e matou Xoxu por engano.

– Mandou matar Claudenice dos Santos, 41 anos, conhecida como Kil do Bar, na cidade de Batalha, no dia 17/11/2013. Motivo: a vítima não votou no Nequinho Boiadeiro. Os executores foram Cristiano de Farias, vulgo Bombado (preso) e o Tiago Mariano Tenório.

– Mandou matar José Gilmar dos Santos, no dia 02/11/2014, na cidade de Batalha. A vítima falava mal dos Boiadeiros no reduto eleitoral da família, no povoado Santa Luzia (funil), cidade de Batalha. Os autores materiais foram Jasson, Tiago Mariano Tenório, Cosme Falcão dos Santos, Emanuel Messias de Melo Araújo e Tiago de Melo Araújo (irmão do Emanuel Messias de Melo Araújo).

**SÉRGIO ALEXANDRE**

**ALVES DA SILVA**

**ALEXANDRE BOIADEIRO**

– Tem mandado de prisão em aberto pela 16º VCC/AL, expedido no dia 07/05/2013 e até então continua solto.

– Cometeu um duplo homicídio na cidade de Craíbas, no dia 04/06/2016. Houve ainda a tentativa de homicídio contra Tiago José dos Santos e mais dois homens porque as vítimas roubavam motocicletas e pessoas da comunidade pagaram para que elas fossem assassinadas.

Tem mandado de prisão pela Justiça de Igaci.

**MARCONDES CAVALCANTI TARGINO**

**MARCONDE BOIADEIRO**

– Matou, no dia 25/07/2003, na cidade de Batalha, Antônio Carlos Lima de Oliveira. A vítima teria discutido sobre dívida de bar e o autor queria ganhar fama de matador.

– Matou o radialista Jorge Lourenço dos Santos, no dia 11/07/2004, em Santana do Ipanema. A vítima efetuou críticas em público.

**DAVI RODRIGUES**

**DOS SANTOS**

**DAVI BOIADEIRO**

– Matou, no dia 20/12/2015, na cidade de Batalha, Mércia Ladislau Gomes. Teria discutido com o marido da vítima e a mesma não teria dito o paradeiro de seu esposo para Davi Boiadeiro matar.

– Com Branco Boiadeiro, sequestrou, no dia 25/12/2014, um jovem, filho de Dona Quitéria, que residia na rua Sirval Teodoro de Oliveira, nº 140 na cidade de Jaramataia. Ele foi torturado e morto, sendo o corpo jogado na cidade de Iati-PE como indigente. A vítima teria pego um carro escondido, Fiat Uno e teria desaparecido por vários dias com o carro, que pertencia ao primo do cunhado da vítima.

**JOSÉ MARCIO CAVALCANTE, BAIXINHO BOIADEIRO**

– Mandou matar um rapaz no povoado Funil, em Batalha. O autor foi Valdete do Carmo Mendes, conhecido por Valderez, a vítima era primo do motorista do padre.

– Teria participado da morte do genro de Lula Cabeleira, na cidade de Delmiro Gouveia

– Matou o compadre e vereador Tony Pretinho

– Tentou matar José Emílio Dantas

– Matou Edivaldo Joaquim de Matos e Samuel Theomar Bezerra Cavalcante Junior, no dia 27/05/2006, na cidade de Batalha.

– Participou da “encomenda” da morte de José Ângelo Neto, vulgo Zé Quinca, no dia 13/09/2013, na cidade de Batalha. Os executores foram Bero Boiadeiro, morto em operação policial, em Batalha, Cristiano Farias, o Bomba, e Tiago Mariano Tenório.

– Financia o tráfico de drogas, que é operado por José Ailton dos Santos.

#### **BERO BOIADEIRO**

– Matou Leo de Chico da burra, no povoado Folha Miúda, com José do Laércio. O motivo do crime foi dinheiro que José do Laércio devia ao Leo de Chico da Burra.

– Matou um homem no bairro Funil, em Batalha, dentro de um bar.

– Matou Marcolino, na cidade de Arapiraca.

– Matou o promotor de Justiça Tiago Fontes Soares, na Cidade de Itaiba, Sertão pernambucano

– Matou Samuel Teomar Bezerra Cavalcante, o policial militar Edivaldo Joaquim de Matos e tentou matar Theobaldo Bezerra Cavalcante, no ano de 2006.

– Matou um homem a tiros numa oficina na cidade de Águas Belas- PE

– Matou, em 2014, um homem conhecido por Nena Pretinho, no Povoado Boa Vista, no município de Batalha.

– Matou Erivaldo, no município de Craibas.

#### **AVANIR BARBOSA LIMA**

– Matou os gêmeos do povoado Dionel, de Batalha.

– Matou José Valdir Freitas de Araújo, em Craibas, em junho de 2013, a mando de Zé Boiadeiro.

#### **TIAGO MARIANO TENÓRIO TIAGO PRETO**

– Foi preso por porte ilegal de arma de fogo na cidade de Batalha, no dia 23/12/2010.

– Matou Claudenice dos Santos, 41 anos, conhecida como Kil do Bar, na cidade de Batalha. no dia 17/11/2013. Motivo: a vítima não votou no Neginho Boiadeiro.

– Matou o cidadão de nome José Gilmar dos Santos, no dia 02/11/2014, na cidade de Batalha. A vítima falava mal dos Boiadeiros no reduto eleitoral da família, no povoado Santa Luzia (funil), cidade de Batalha.

– Participou da “encomenda” da morte de José Ângelo Neto, vulgo Zé Quinca, no dia 13/09/2013, na cidade de Batalha.

#### **JOSÉ AILTON DOS**

#### **SANTOS**

#### **ARIEL**

– É chefe de tráfico em Batalha e Jacaré dos Homens – AL. Ele traz a droga de Nossa Senhora da Glória – SE, cidade onde está envolvido no homicídio de Júlio da Baixa Limpa. Nessa ocorrência, o seu parceiro, Amaral, morreu em confronto com a polícia, ficando preso o Luciano, irmão do finado Amaral. Essa quadrilha seria comandada por Avânio Feitosa, de Belo Monte.

#### **COSME FALCÃO**

#### **DOS SANTOS**

#### **COSME BOIADEIRO**

– Matou José Gilmar dos Santos, no dia 02/11/2014, na cidade de Batalha. A vítima falava mal dos Boiadeiros no reduto eleitoral da família, Povoado de Santa Luzia (Funil), cidade de Batalha

– Matou um indivíduo não identificado no trecho de AL-220, que dá acesso à cidade de Major Izidoro, porque a vítima teria desavença com a família Boiadeiro.

#### **MÉRCIA CAVALCANTE**

#### **TARGINO**

#### **MÉRCIA BOIADEIRO**

– Foi presa, no dia 12/06/2006, por posse irregular de munição de arma de fogo.

– Mandou matar Antônio Paulo da Silva, 30 anos, vulgo Xoxu, no dia 29/12/2012. na cidade de Batalha. Quem executou foi José Valdete do Carmo

Mendes. A ordem teria sido efetuada porque Antônio não havia votado em Neguinho Boiadeiro.

– É proprietária da fazenda Uberlândia, no Povoado de Pau Ferro, cidade de Batalha, local onde acontece a prática de crime de trabalho escravo, gerenciado por Reinaldo Martins Viana, vulgo Dandô, que matou um funcionário-escravo, por tentar fugir da fazenda. Crime encomendado por Mércia. Reinaldo foi preso, mas fugiu da Delegacia Regional de Batalha com apoio financeiro de Neguinho Boiadeiro que teria “comprado” sua fuga. O fugitivo se encontra até hoje gerenciando a mesma fazenda, na função de feitor, vigilante dos trabalhadores escravos.

JOSÉ LAÉRCIO RODRIGUES DE MELO

LAÉRCIO BOIADEIRO

– Matou o ex-prefeito de Batalha, José Rodrigues Dantas, conhecido como “Zé Miguel”, e sua esposa, Matilde Tereza Toscano de Souza, em 1999.

– Participou de duplo homicídio, no povoado de Folha Miúda, cidade de Craíbas – AL no dia 12/08/2013, onde vitimou Eduardo Messias de Araújo, policial militar, e Alaide Mendes de Araújo. Corpos queimados no veículo das vítimas.

O filho do casal vitimado seria testemunha de chacina cometida pela quadrilha dos Boiadeiros, num assentamento sem-terra, em Girau do Porciano. Vítimas: José Florentino da Silva, 60 anos, seu filho Linderlei Florentino da Silva, o cunhado José Manoel dos Santos e a irmã, Janicléia Manuel dos Santos.

Possivelmente, as armas usadas nesse crime foram apreendidas numa operação policial que deteve Alvanir Barbosa Lima, no dia 10/03/2016.

– Matou José Fábio da Silva (Fabinho do Posto), 28 anos, no povoado de Folha Miúda, cidade de Craíbas, no dia 11/01/2016.

A vítima teria vendido um posto de gasolina a um ex-reeducando, compadre de Neguinho Boiadeiro, e, em seguida, teria inaugurado outro para concorrer.

TIAGO ROCHA FERREIRA, TIAGO PITÚ

– Foi preso por roubo, no dia 11/08/2010, em Arapiraca-

Foi preso por porte ilegal de arma de fogo, no dia 12/07/2006 na cidade de Arapiraca.

– Matou Charliton Harryson Barbosa da Silva, num falso assalto na cidade de Olivença.

CRISTIANO ROCHA

FERREIRA

CRISTIANO BOIADEIRO

– Preso por porte ilegal de arma de fogo, na cidade de Arapiraca, no dia 24/06/2008

– Foi preso pela Polícia Civil por roubo a banco, no dia 28/02/2012, em Arapiraca.

CARLOS ALBERTO

SCHIENKE DE

ALBUQUERQUE MELO

CARLINHOS BOIADEIRO

– Foi preso por porte ilegal de arma de fogo na cidade de Arapiraca, no dia 12/07/2006.

– Em 19/07/2009, foi preso por tentativa de homicídio contra Charliton Harryson Barbosa da Silva e Jane Keila Vitor Alcântara, na cidade de Santana do Ipanema-AL. Posteriormente, Charliton Harryson Barbosa da Silva seria assassinado pelo Carlinhos Boiadeiro.

– Matou Carlos Evandro Alves Dias, em março de 2007, em Maceió.<sup>151</sup>

E ainda tem, hoje em dia, uma rixa de sangue com a família Dantas, rusga que desencadeou no assassinato de um Boiadeiro, Neguinho Boiadeiro, presidente da

---

<sup>151</sup> Idem.

Câmara de Vereadores de Batalha-AL e da tentativa de homicídio de Paulo Dantas, irmão do atual presidente da Assembleia Legislativa de Alagoas, Luiz Dantas.

Sobre este caso em específico, e que é o mais contemporâneo no interesse das mídias impressas e virtuais a *gazetaweb* fez uma linha do tempo<sup>152</sup> pondo em ordem os acontecimentos que levaram a morte de Neguinho Boiadeiro, chefe do clã nesta geração da família.



**1999**



Zé Miguel e a esposa Matilde Toscano são mortos em emboscada na AL-220, em Jaramataia. Neguinho Boiadeiro aparece como um dos envolvidos no crime. Laércio Boiadeiro é apontado como mandante do duplo homicídio.

**2006**

Samuel Theomar Bezerra Cavalcante (cunhado do então prefeito de Batalha, Paulo Dantas) e o sargento reformado da PM, Edvaldo Joaquim de Matos (segurança), são mortos próximos a uma boate em Batalha.

**2006**

No mesmo ano, uma operação conjunta entre PM e PC realizou buscas na casa de Neguinho Boiadeiro, à procura de Emanuel Boiadeiro (sobrinho de Neguinho), que é apontado como um dos autores materiais da morte de Samuel e Edvaldo.

---

<sup>152</sup> Idem.

## 2012

Laércio Boiadeiro é levado à Júri Popular no Fórum de Maceió, onde foi condenado a 35 anos de prisão pela morte de Zé Miguel. Mesmo condenado, ele responde pelo crime em liberdade, com o uso de tornozeleira.



## 2013

José Anselmo Cavalcante de Melo (Foto) e José Márcio Cavalcante, conhecidos como "Irmãos Boiadeiro", são apontados como os principais acusados na morte de Samuel Theomar e Edvaldo Joaquim, ocorrido em 2006.



## 2016

Emanoel Boiadeiro é morto após trocar tiros com policiais civis da Divisão Especial de Investigações e Capturas (Deic), que realizavam uma operação na cidade de Belo Monte.

## 2017

O vereador por Batalha Neguinho Boiadeiro e o segurança "Pirauá" são alvos de um atentado à porta da Câmara de Vereadores, onde criminosos efetuaram disparos de arma de fogo contra ambos. Neguinho não resistiu aos ferimentos, enquanto o segurança sobreviveu.



## 2017

No mesmo dia da morte do vereador, José Emílio Dantas é alvo de atentado supostamente praticado por Pretinho Boiadeiro, que teria ido à residência de Emílio para vingar a morte do pai, Neguinho Boiadeiro. "Zé Emílio" foi socorrido e levado para o HGE, de onde foi transferido, no mesmo dia, para um hospital particular de Maceió.

Em vista dos acontecimentos, há algo que nos deixa curiosos, o fato dos Dantas, além de negarem os crimes a que os Boiadeiros lhe imputam/imputaram, ter poder

político na região e, até mesmo na alta cúpula do estado, pois como já dito há um Dantas presidindo a Assembleia Legislativa de Alagoas, e mesmo assim não sucumbirem à vendeta, ou ao menos não demonstrarem estar sucumbindo a atitude de vingança desde a morte de Zé Miguel, e de outros tantos Dantas pelas mãos dos Boiadeiros. Eles não estariam configurados no código de honra sertanejo da mesma forma que a família rival? Obviamente não podemos falar em costume homogeneizador, o sertão não é um monólito, há costumes diferentes dentro do mesmo ambiente, de negação expressa da rixa de sangue, como o fez o filho do principal inimigo de Floro, conforme visto no primeiro capítulo. No entanto, merece mais atenção e reflexão o fato da família Dantas ser mais portentosa tanto politicamente quanto financeiramente que a Boiadeiro, apesar de menos numerosa, e conseguirem conviver há décadas na iminência de um atentado e ainda assim tentar, se é verdade o que dizem as fontes, a parte disto tudo, não procurando vingança com base no código de honra sertanejo.

Aí podemos explorar um termo por nós pensado que é o de “mercantilização da Bravura”. Surgiu de um pensamento sobre o desenvolvimento do próprio código de honra sertanejo. Até uma certa época, matar por dinheiro era deslegitimar qualquer vingança, era sofrer o escárnio social em terras sertanejas. Com o tempo, houve uma modificação, apesar de não unânime na aceitação geral da comunidade, ainda assim muito corriqueira. Se se levar em conta que ser bravo e destemido é um dos atributos ligados ao homem\mulher sertanejo, não é de se estranhar que um outro atributo de “bandido sem máculas” tenha sido substituído sem grande problema e sem causar uma grande ruptura nos costumes entre os sertanejos.

Aqui entram os assassinos de aluguel e suas tabelas de preço, eles servem para eliminar desafetos, proteger patrões e ficarem afamados com seus feitos. Um caso famoso e recente é o do assassinio da ex-prefeita de Arapiraca à mando do concorrente Talvane Albuquerque pelo pistoleiro Maurício Gomes, codinome “Chapéu de Couro”. Matador que a mídia diz que só a ele recorriam grandes vultos políticos ou econômicos e somente quando queria ter a certeza da concretização do crime.

Outro fato estimulante no sertão alagoano é como a política, maiormente após a segunda metade do século XX, tem um braço de trabalho explícito com a violência. O que poderíamos chamar noutro trabalho e noutras análises de “Estado Policialesco”, no sertão chamaríamos de “Estado dos Jagunços”. O fenômeno de políticos com dezenas de pistoleiro (seguranças, capangas), alguns até policiais, reformados ou não, é algo muito comum. Algo que sustenta e perpetua poderes. Aí também o código de honra está

mais que presente, no apadrinhamento, na lealdade e no culto à bravura. Esses “capangas” são tratados como trabalhadores comuns, ganhando soldos, porém armados e preparados para fazer qualquer coisa na proteção do “Doutor” a que servem, deputados, prefeitos, vereadores ou mesmo pessoas importantes de determinada localidade. Em resumo, os Boiadeiros não representam a substituição ou ruptura de costumes no código de honra sertanejo. Se se desejar fazer um glossário de comportamento para inserir um indivíduo no padrão clássico de homem (no sentido genérico indeterminado, homem e mulher) sertanejo, ou seja, tomo como parâmetro parcial o sertanejo do primeiro capítulo, estariam lá o comportamento masculino servindo tanto para homens quanto para mulheres, a hospitalidade, o destemor, a bravura, a arte de uma técnica que tudo abraça nos afazeres dos minifúndios que são grande maioria dos repartimentos no semiárido, e isso pode ser explicado pelo baixo poder aquisitivo do povo não tendo como pagar a empregados para fazerem o que os proprietários mesmos o podem, a fé católica com um misticismo característico... Tudo isso e mais comporiam um cenário composto de sujeitos em passeio pela estrutura criada naquele espaço. Esse cenário, vemos, pelo empirismo mostrado na literatura temática e impulsionado pela popularização das mídias sediadas nas grandes capitais, sofreu variações permitindo a aceitação das exceções. Não é preciso ser um talhe de barro do sertanejo para estar nesse trabalho, os Boiadeiros não possuíam todos os atributos, mas vicejaram naquele e espaço e sustentam determinados caracteres. São *Bravos e Destemidos*.



## Conclusão

O ponto terminante que desejamos abordar nessa dissertação foi a dinâmica entre a estrutura social no sertão alagoano relacionado à cultura de honra e violência e suas mutações da década de 1950 aos dias atuais, o que aqui chamamos de *Permanência Variável* para substituir o conceito sociológico abordado por Frederico Pernambucano de Mello em sua obra *Guerreiros do Sol* de ocorrência e recorrência, que na nossa visão é muito cristalizador e torna o *locus* da nossa pesquisa em um fóssil, onde não há mutabilidade.

Nosso trabalho demonstrou como mesmo dentro do código de honra sertanejo as prerrogativas que definem o que é moral ou imoral também recebem o optam por adequações ou maneirismos.

Começamos de um período onde a vingança privada era tratada, e que alguns poderiam colocar os personagens a esta época pertencentes no pedestal de sertanejo clássico. Conforme o tempo vai passando, vimos que não há sertanejo clássico e talvez nem haja um sertanejo, mas somente indivíduos criados naquele ambiente moral que podem ou não escolher seguir pelo caminho daquele comportamento compartilhado. É o caso do filho de Enéias Vieira que, como visto no primeiro capítulo e confirmado pelas fontes décadas após, preferiu não continuar algo que seria naquela sociedade de honra sacro, a vingança para “limpar o sangue”.

Elísio Maia nos liga a um sertão onde o Estado já adentrou, porém não exerce poder direto, coaduna com os costumes. Ali vimos conceitos que historicamente aliados a sujeitos seriam considerados anacrônicos, mas não o foram, pois o tempo na história é relativo e nem sempre as mudanças ocorrem em rupturas, dando margem a que se chame de “Coronel”, ou se use coronelismo como conceito de exercício de poder político privado em um tempo onde o fenômeno já não existe em maior parte do país.

Os Boiadeiros, como estudo de caso, são o exemplo mais importante de como pode-se transgredir normas em um código de honra longamente forjado a ferro e, ainda assim continuar fazendo parte daquele cenário sem ter sido expulso da sociedade a que pertencem, não só no sentimento de auto pertencimento, mas na visão geral dos que os rodeiam.

"O sertanejo é sobretudo um forte", essa é a frase que referência melhor a obra do jornalista e escritor Euclides da Cunha. Vemos nessa frase com tom de máxima, uma talvez amplitude de adjetivos, não só se referia a força física, psíquica da espécie

constante por novas quadras chuvosas numa terra tão árida, habilidades táticas para o combate em locais dos mais impróprios como mostra o evento trágico de Canudos, essa frase definiria uma gama de dispositivos de personalidade regidos e construídos sob uma estrutura que tornou o sertanejo como ele o é, supondo que haja uma definição de sertanejo, e se há, que não seja aquela dada pela descoberta do sertão pela mídia, pelo de fora.

A comunidade acadêmica não consegue, até o que nos chegou, negar o caráter de robustez cultural a que os sertanejos são apegados e teimam em aderir a novas práticas. O mundo material está, como sabemos nós da Escola Social, intrinsecamente ligado com a cultura, mas há pontos fora da curva quando usando conceito não nosso, de Nordeste cinzento e Nordeste verde (conceito de Gilberto Freyre). O mundo material, pode e faz muito, já adentrou as longínquas terras sertanejas, há acesso a escolas que ensinam segundo o curriculum pedagógico nacional, há facilidades e confortos dos eletrodomésticos e eletro eletrônicos, porém, é como se o guerrilheiro usasse as armas do inimigo que acaba de fugir do campo de batalha para depois revidar no segundo turno em campo.

Como já foi dito mais de uma vez nesse trabalho, há mudanças, e não são poucas, em todas as áreas de interesses possíveis para aqueles que estudam sertão alagoano ou sertão nordestino, mas em nosso caso que trabalhamos a violência, a honra e o Estado, as recorrências são muitas. Pode-se nos indagar que a estrutura de violência no Brasil como um todo está repleto de recorrências e até permanências, basta pensar no absurdo número de negros mortos comparado ao número de brancos, e não se pode negar que há uma estrutura ainda em vigência que permite que isso aconteça, uma estrutura escravocrata e de privilégios. Só que esse não é um trabalho de história comparativa, e nos propomos a estudar apenas o sertão em seu sentido amplo e mais especificamente no sentido restrito espacial de sertão alagoano.

Os fenômenos ocorridos no sertão nordestino são dignos de notas pela sua intensidade e estranheza a partir de um olhar do litoral, isso não chega a ser uma dicotomia, apenas uma constatação de exercício de poder, era o litoral quem podia olhar e escrever o sertão, e não o contrário. Desde o episódio de Canudos, quando a figura do sertanejo começou a ser vista como peculiar e não como dantes, um brasileiro a mais, que o sertão se torna, à vista de intelectuais das grandes universidades, como um local enigmático, intransponível e fascinante no comportamento e composição do seu povo.

O que fizemos aqui foi uma justa tentativa de tentar entender o sertão não como um local apartado do resto do Brasil, sem deixar de expor suas peculiaridades e noções de mundo.

E por último, esse trabalho não nos teria serventia se não carregasse um objetivo social prático, é dado para que, não somente a academia o estude, duvide, corrija, mas que a sociedade como um todo, as autoridades de segurança o entendam e encontrem uma forma de fazer plena a democracia no país, que só é viável através do Estado de Direito, pois mesmo sendo importante a manutenção da memória e dos costumes, há limites que não devem ser transpostos, como o de matar.

## Referências bibliográficas resumida

- ABREU, Capistrano. **Capítulos de História Colonial**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1976.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- ALBUQUERQUE, Ulysses Lins de. **Moxotó brabo**. Rio de Janeiro: Simões, 1960.
- \_\_\_\_\_. **Três ribeiras**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Um sertanejo no sertão**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1957.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Editora Cortez, 2017.
- ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus problemas**. 3. ed. João Pessoa: A União, 1980.
- APPIAH, Kwame Anthony. **O Código de Honra: Como ocorrem as revoluções morais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BARROSO, Gustavo. **Almas de lama e de aço**. São Paulo: Melhoramentos, 1930.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Pelos Sertões do Nordeste**. Maceió: EDUNEAL, 2015.
- BARROSO, Gustavo. **Heróis e Bandidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1917.
- BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CAMPOS, Maximiano. **Sem lei nem rei**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1969.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradições populares da pecuária nordestina**. Rio de Janeiro: Ministerio da Agricultura, 1956.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. Natal: Fundação José Augusto, 1975.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Org. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- CARVALHO, Cícero Péricles de. **Formação Histórica de Alagoas**. Maceió: Edufal, 2015.
- CASTRO, Jeane Berrance. “A Guarda Nacional”. *In*: Holanda, Sérgio Buarque (org.). **Brasil Monárquico: Declínio e queda do Império**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CHAGAS, Clerisvaldo; FRANÇA FILHO, Floro Novais, Herói ou **Bandido?**. Alagoas: A Trolha, 1985.

CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião: o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

COELHO, Duarte de Albuquerque. **Memórias diárias da guerra do Brasil: 1630-1638**. Recife: Prefeitura de Recife, 1944.

COSTA, Luiz de Aguiar. **Lutas de Famílias no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Ubu, 2018.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. **População e açúcar no Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Com Nacional de Alimentacao, 1952.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder: Formação do patronato brasileiro**. São Paulo: Editora Globo, 2003.

FRANÇA, Eduardo D'Oliveira. **Portugal na Época da Restauração**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

FERNANDES, Carlos Dias. **Os cangaceiros**. Recife: Imp. Oficial, 1914.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. Rio de Janeiro: Global, 2013.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1951.

GÓIS, Joaquim. **Lampião, o último cangaceiro**. Aracaju: Soc. Cult. Artística e Liv. Regina, 1966.

GOMES, Ângela de Castro. **A política Brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado**. In: Lilia Moritz Schwarcz (Org.) *História Da Vida Privada No Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea*, Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GRAHAM, Richard. **Clientelismo e Política no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

GREGÓRIO, José. **Cangaceiro e Herói: Jesuíno Brillhante**. Campina Grande: A União, 1976.

GUERRA, Felipe. **Ainda o Nordeste**. Natal: Ip. D'a República, 1927.

HERÁCLITO, Reginaldo. **A Morte de Floro Gomes Novaes e o Aniversário da Sudene**. Maceió: Cepe, 1981.

HESPANHA, António Manuel. **Às Vésperas do Leviathan: Instituições e poder político em Portugal – séc. XVII**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

HOBBSAWM, Eric J; RANGER, Terence (org.). **A Invenção das Tradições**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

HOBBSAWM, Eric J.. **Bandidos**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

- HOBBSAWM, Eric J. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Caminhos e Fronteiras**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes dos Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1978.
- LAMARTINE, Juvenal. **Velhos costumes do meu sertão**. Natal: Fundação José Augusto, 1965.
- LAMBERT, Jacques. **La vengeance privée et les fondements du droit public international**. Paris: Librairie Du Recueil Sirey, 1936.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1976.
- LEVINE, Robert M. **O Sertão Prometido: O massacre de Canudos**. São Paulo: Edusp, 1995.
- LIMA, Estácio de. **O mundo estranho dos cangaceiros**. Salvador: Itapoã, 1965.
- LIMA, Manuel de Oliveira. **Pernambuco, seu desenvolvimento histórico**. Recife: Governo do Estado – Seec, 1972.
- LIMA, Valdemar de Souza. **O cangaceiro Lampião e o IV Mandamento**. Maceió: Serv. Graf. de Alagoas, 1977.
- MACEDO, Nertan. **Capitão Virgulino Ferreira Lampião**. Rio de Janeiro: Leitura, 1962.
- MELLO, Evaldo Cabral de. **Olinda restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630-1654**. 2. ed. São Paulo: 34, 1998.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. 5. ed. São Paulo: A Girafa, 2011.
- MARROQUIM, Mário. **Língua no Nordeste**. São Paulo: Edufal, 1934.
- MATTA, Roberto da. **Canaviais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Nayf, 2015.
- NUNES, Vítor Leal. **Coronelismo, enxada e voto**. São Paulo: Alfa-omega, 1976.
- PEREIRA, Abelardo. **Sertanejos e cangaceiros**. São Paulo: Paulista, 1934.
- PINTO, Luiz de Aguiar Costa. **Lutas de famílias no Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.
- PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PRADO JUNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

- RAMOS, Graciliano. **Viventes de Alagoas**. São Paulo: Martins, 1975.
- PRIORE, Mary Del. **História da Gente Brasileira. Vol. 1: Colônia**. Riode Janeiro: Leya, 2016.
- SANTOS, Valdir Oliveira; BEZERRA, Ernande Moreira. **Floro Gomes Novaes: vingador das Alagoas**. Maceió: Grafica Maciel, 1985.
- SILVA, Célia Nonata da. **Territórios de Mando: Banditismo em Minas Gerais, século XVIII**. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.
- SLATTA, Richard W. **Bandido: Varieties of Latin America banditry**. New York: Greenwood Press, 1987
- THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- VIANA, J. F. Oliveira. **Evolução do povo brasileiro**. São Paulo: Nacional, 1933
- VILAÇA, Marcos Vinícios; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. **Coronel, coronéis**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

### Referências Jornalísticas resumida

- OLIVEIRA, Jorge. Uma história do cangaço. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 3 de março de 1971. Anexo, p. 2 e 3.
- GRANJA, Paulo. Floro Novaes, o último vingador. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 29 de agosto de 1975. Opinião, p.6.
- GRANJA, Tobias. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 21 de abril de 1971.
- CALHEIROS, Vladimir Maia. De editor-geral a repórter no sertão. **Jornal do Comércio**, Recife, outubro de 1970.
- EDITORIAL. Crimes e Processos insolúveis em Alagoas (sinopse). **Jornal Extra**, Maceio, 8 de julho de 2011.
- GONÇALVES, Roberto. Dona Guiomar, Mãe de Floro: vida de lutas e sofrimentos. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 9 de março de 1996.
- BAÍA, Roberto. Mãe de Floro e Mauricio Gomes Novaes, está praticamente inerte. **Jornal a Tribuna**, Maceió, 12 de março de 1999.
- GONÇALVES, Roberto. “Um sertanejo vingador e justiceiro”: assim se auto denominava Floro Gomes Novaes. **Jornal a Tribuna**, Maceió, 31 de janeiro de 1999.
- PINSKY, Luciana. Caso de Chapéu de Couro, suspeito de executar deputada alagoana, mostra a sobrevivência dos pistoleiros que matam por encomenda. **O Globo**. 13 de dezembro de 2010. s.p.

VILANOVA, Roberto. Com Henrique, a trégua rompida nos crimes de vingança em Alagoas. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, [sem datação].

MACENA, Lelo. Quintella: “Um Homem de Palavra”/ O homem que prendeu um dos maiores “pistoleiros” de Alagoas era respeitado, no meio policial e no crime, por cumprir o que dizia. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 3 de janeiro de 2010.

### Referências eletrônicas resumidas (sites e blogs)

< > Acesso em 23 de outubro de 2018.

<<http://valdiroliveirasantos.blogspot.com.br/2011/10/cangaco-floro-novaes-vingador-das.html>> Acesso em 23 de outubro de 2018.

<<http://clerisvaldobchagas.blogspot.com.br/2010/01/floro-novais-heroi-ou-bandido.html>> Acesso em 23 de outubro de 2018.

<[http://www.nenoticias.com.br/83176\\_chapeu-de-couro-um-dos-maiores-nomes-da-pistolagem.html](http://www.nenoticias.com.br/83176_chapeu-de-couro-um-dos-maiores-nomes-da-pistolagem.html)> Acesso em 23 de outubro de 2018.

<[http://escritoresarapiraquenses.blogspot.com.br/2011/10/ea\\_7358.html](http://escritoresarapiraquenses.blogspot.com.br/2011/10/ea_7358.html)> Acesso em 23 de outubro de 2018.

<<https://news.google.com/newspapers?nid=1246&dat=19721219&id=sp0VAAAAIIBAJ&sjid=oAwEAAAIAIBAJ&pg=5623,4335237&hl=pt-BR>> Acesso em 23 de outubro de 2018.

<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI192349-15223,00-ELES+CONTAM+CADAVERES.html>> Acesso em 23 de outubro de 2018.

< EDITORIAL. Até políticos pedem por ex-prefeito ladrão. **Gazeta de Alagoas**. 22 de dezembro de 1995.> Acessado em 26 de março de 2019.

<<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=317245>> Acessado em 23 de outubro de 2018.

## ANEXOS

**Anexos** – Fotografias tomadas nas regiões citadas no Texto, Personagens citados no texto, e reproduções de Jornal da época do sobre Floro. Tais imagens tem objetivo neste trabalho de caráter apenas ilustrativo.

Victor Carneiro. **Mercearia onde morreu João José, vítima de Floro.** 2014. 1 unidade.



Victor Carneiro. **Local do Riacho do Mel onde Morreu Floro Gomes.** 2014. 1 unidade.



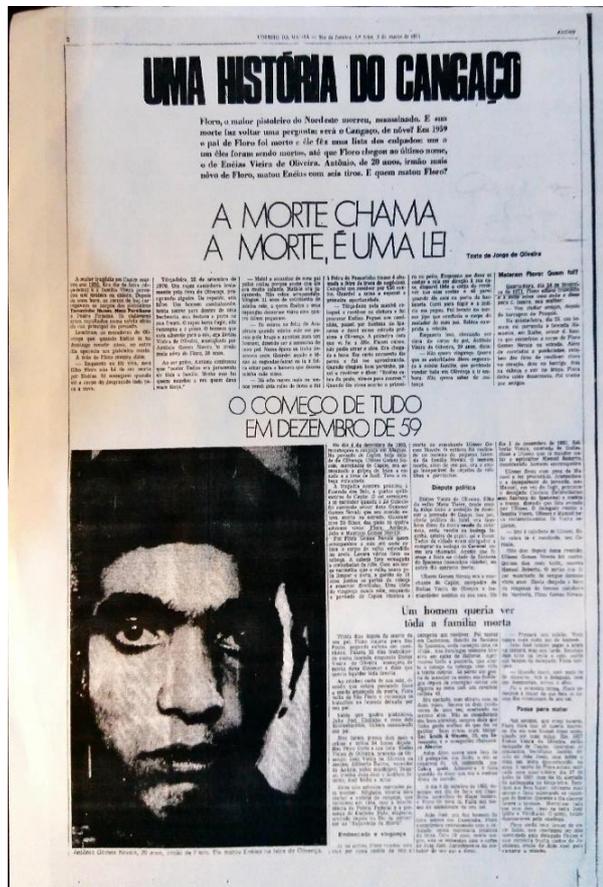
Valdir Oliveira. Da esquerda, Valderedo Ferreira (lugar-tenente), o chefe Floro e Faísca. c. 1962.



Victor Carneiro. Última casa onde Floro viveu, localizada dentro das propriedades da fazenda Mamoeiro. 2014. 1 unidade.



OLIVEIRA, Jorge de. Uma história do cangaço. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 3 de março de 1971. Anexo, p. 2 e 3.



### Floro Gomes Novais, o mais famoso pistoleiro do Nordeste é assassinado em Pernambuco

Recife (Suzuzal) — Floro Gomes Novais, o mais famoso pistoleiro Nordeste, foi encontrado morto anteontem à noite, em sua fazenda Mamoeiro, Município de Itambé, no agreste de Pernambuco. Apresentava 10 perfurações a bala e várias outras por puntal, além de marcas de pauladas.

Na manhã seguinte, entretanto, a polícia iniciava as investigações em torno do crime. Muito temido na região, Floro teria sido espancado numa emboscada, quando se preparava para caçar vendado. A polícia pretende ouvir alguns dos mais notórios inimigos do pistoleiro que nos últimos tempos se dedicava às atividades de faenôcio.

### UMA HISTÓRIA DO CANGAÇO

Toda a família só pensava em uma coisa: vingar a morte do pai. Floro foi matando todos os responsáveis, pistoleiros e mandantes. O último morreu com cinco tiros nas costas.



Manoel José de Aguiar, única testemunha da morte de Floro. É o filho de Floro, Antônio, que pediu a paz.

### UM PISTOLEIRO CIGANO PARA MATAR

Passamos os tempos, a Antônia, filha de Floro, casou-se com Manoel José de Aguiar, um homem de família respeitável. Floro, porém, não se conformava com a vida pacífica que Antônia queria para si e para os filhos. Floro queria continuar a vida de crime, mas Antônia não queria.

Antônia não queria mais viver com o pai, mas Floro não queria deixar a filha ir. Floro começou a espancá-la e a ameaçá-la. Antônia não aguentou mais e fugiu para a casa de um amigo.

Antônia não queria mais viver com o pai, mas Floro não queria deixar a filha ir. Floro começou a espancá-la e a ameaçá-la. Antônia não aguentou mais e fugiu para a casa de um amigo.

### COM OS CRIMES, O FIM DESTA CIDADE



MANOEL (ESQUERDA) COM ANTONIO (DIREITA) MATAR FLORO. O PAI DE FLORO, QUE QUIS PAZ, MAS FLORO NÃO QUERIA.

O antigo povoado de Capim, hoje conhecido por São João, era um povoado pacífico. Mas Floro chegou e mudou tudo. Floro começou a matar todos os que se opunham a ele.

Floro não queria mais viver com o pai, mas Floro não queria deixar a filha ir. Floro começou a espancá-la e a ameaçá-la. Antônia não aguentou mais e fugiu para a casa de um amigo.

Floro não queria mais viver com o pai, mas Floro não queria deixar a filha ir. Floro começou a espancá-la e a ameaçá-la. Antônia não aguentou mais e fugiu para a casa de um amigo.

Floro não queria mais viver com o pai, mas Floro não queria deixar a filha ir. Floro começou a espancá-la e a ameaçá-la. Antônia não aguentou mais e fugiu para a casa de um amigo.

Floro não queria mais viver com o pai, mas Floro não queria deixar a filha ir. Floro começou a espancá-la e a ameaçá-la. Antônia não aguentou mais e fugiu para a casa de um amigo.

Floro não queria mais viver com o pai, mas Floro não queria deixar a filha ir. Floro começou a espancá-la e a ameaçá-la. Antônia não aguentou mais e fugiu para a casa de um amigo.

**Autor desconhecido.** Rubens Braga Quintella Cavalcanti. s.d.



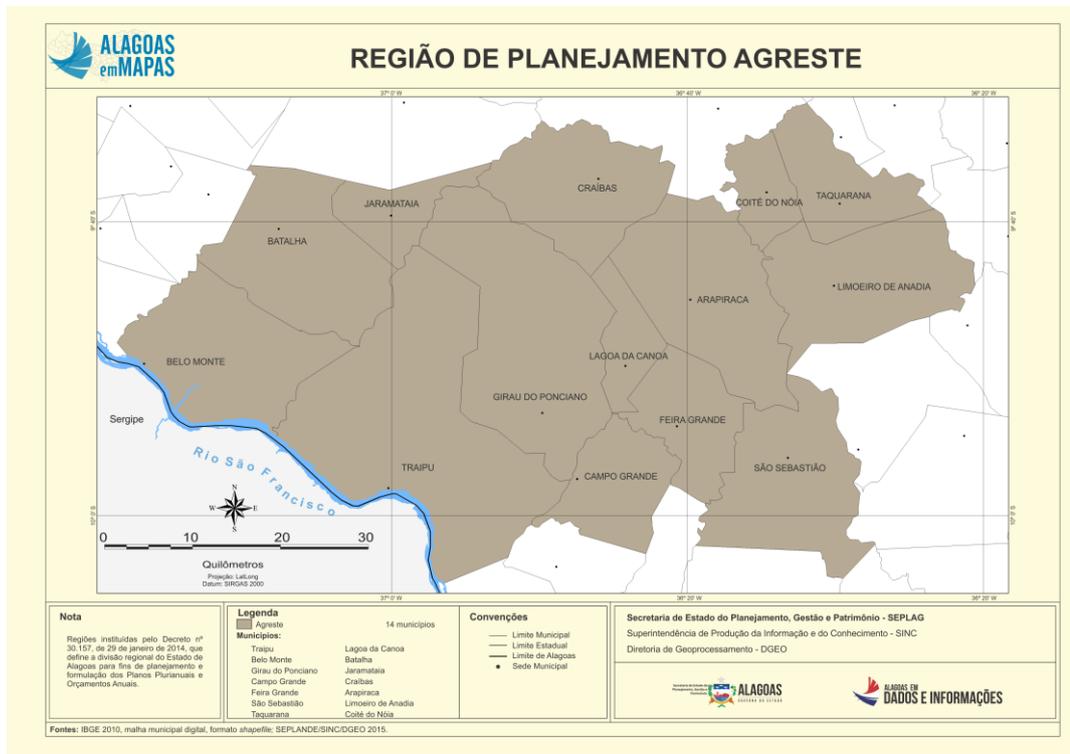
**Autor desconhecido.** Laércio Boiadeiro, chefe da família. **Minuto Sertão.** Cada minuto. Maceió, 14 de Março de 2012.



Mapa do Alto Sertão Alagoano. Fonte: Wikipedia



Mapa do agreste alagoano. Fonte: Wikipedia



Mapa do sertão meridional alagoano. Fonte: Wikipedia



Mapa do sertão nordestino. Fonte: Wikipedia

